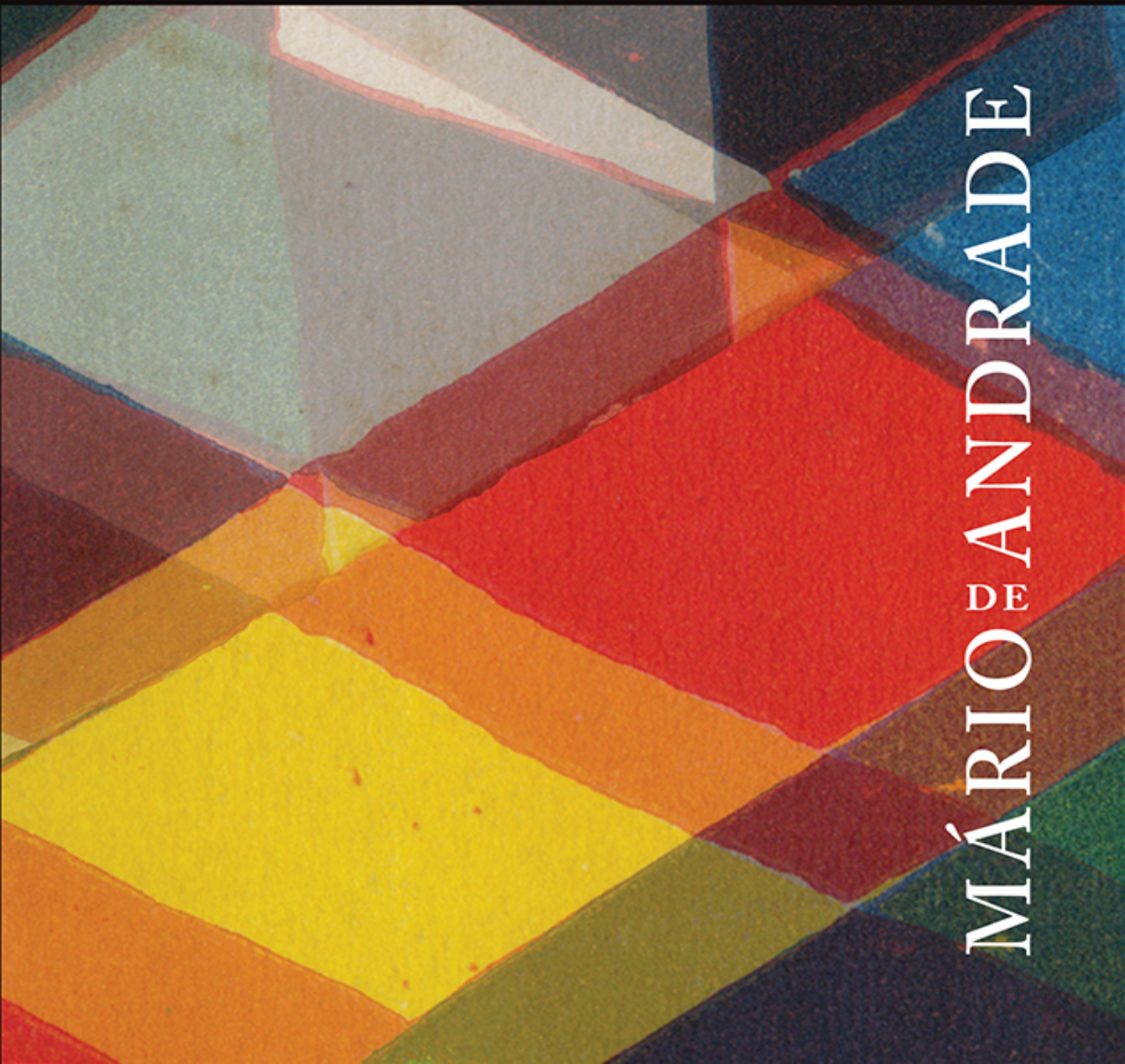


☼ POESIAS COMPLETAS ☼

VOLUME 2



MÁRIO DE ANDRADE

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

POESIAS COMPLETAS



MÁRIO DE ANDRADE

POESIAS COMPLETAS

*Edição de texto apurado, anotada e acrescida de
documentos por
Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez*



VOLUME 2

2013

NOVA FRONTEIRA | RIO DE JANEIRO



SUMÁRIO

VOLUME 2 - POESIAS COMPLETAS

Capa

Folha de Rosto



Dossiê: edições e manuscritos



1. Matéria concernente aos livros publicados por Mário de Andrade

Projeto de capa para Pauliceia desvairada; desenho de Mário de Andrade

Projeto de capa para Pauliceia desvairada; desenho: Di Cavalcanti

Capa de Pauliceia desvairada (1922), atribuída a Guilherme de Almeida

Ilustração de Antonio Moya em Pauliceia desvairada

Anúncio do perfume francês Arys

Projeto de capa para Losango cáqui; desenho: Di Cavalcanti

Capa de Losango cáqui (1926) por Di Cavalcanti

Capa de Clã do jabuti (1927) por Mário de Andrade

Capa de Remate de males (1930) por Mário de Andrade

Capa de Poesias (1941) por Mário de Andrade

Manuscrito de Quarenta anos de “A costela do Grã Cão”

Manuscrito de Soneto do “Grã Cão do
outubro” de “A costela do Grã Cão”
Falso-rosto do exemplar de trabalho de Mário
de Andrade de Poesias (1941).
Espelhos, Pireneus, caixas
[“Grã Cão do outubro”]
[“A costela do Grã Cão”]
[Canção - “Grã Cão do outubro”]
[Rito do irmão pequeno]
O grifo da Morte

☀_☀ 2. Matéria concernente a obras póstumas
Capa da última versão de O carro da Miséria
Trecho do esqueleto (p. 9).
O carro da Miséria: ensaio de interpretação
Ensaio de interpretação de O carro da
Miséria
Capa da última versão de Lira paulistana
Primeira página da última versão de Lira
paulistana
Introdução - Café

☀ Poesias inéditas e esparsas

☀_☀ 1. Poemas em conjuntos reunidos por Mário
de Andrade

☀_☀_☀ 1.1. Antes do modernismo

O primeiro poema
Camaféu
Soneto
Écloga (imitado de Alberto de Oliveira).
O retrato
O afogado
Sombra

Tentação
Caim
Epitalâmio
A culpa
A emboscada
Minha epopeia
Praieira
Eterna presença
Balada da última princesa
Dez quadrinhas

☀_☀_☀ 1.2. Poesias 1924-1933

Momento
Il neige
Burradas (Tempo da Maria)
Mais burradas (Tempo da Maria)
Ela é como o verão... (Tempo da Maria)
Lembranças da Maria (Moda safada)
Poema de amiga
Tosca pelo alto-falante
Nova canção do Tamoio
Convite para o baile da SPAM
"O elefante, o grilo, a cunhã,"

☀_☀ 2. Poemas publicados por Mário de Andrade em jornais e revistas

Anhangabaú
Felizes
Eterno estrondo
Caridade
Mozart
Obsessão
Canção de soldado
Assustado

Franzina
São Pedro
Poema abúlico
Momento
Canção desabalada
Fox-trot
Momento
Losangos arlequinais (Sonetos condensados)
Pirandello, a epiderme desvairada e um
sentimento alegre da injustiça
Seção livre: Comunicação urgente
Homenagem aos homens que agem
Sarabanda
Domingo
Epitalâmio
Ventalma
Rondó do recenseamento
“A morte que ri!...”
A Tal

 3. Poemas na correspondência de Mário de
Andrade

Carta para todos lerem
“..... na sua companhia.....”
Versão do poema Máquina de escrever
XLIII [Losango cáqui]
“Dor.”
Noturno nº3
Noturno nº4
Reza de fim de ano (5º Noturno)
[Rondó das coisas incríveis]
Versão do poema Balada da cama de
Gonçalo Pires

“Quem está na pindaíba”

Acalanto de descorajado

“A linda midinette Cremildes Bunda Seca”

Poema Tarsiwaldo

Momento

“Longe a fazenda que me espera,”

Dolur em 10 minutos

Crepúsculo

“Os teus olhos distribuem”

 4. Poemas na marginalia e em dossiês de manuscritos

[Artista]

Uva

“Estes meus versos sem valor sem brilho”

Primeira versão de SAMBINHA

[Sambinha]

“O apito da máquina espanta os 60 cavalos.”

“A todo instante versos românticos
alegravam”

Louvação

 5. Poemas inéditos e de publicação póstuma

[Dedicatória]

Cantiga da Congregação

VII [Losango cáqui]

XXI [Losango cáqui]

Sumário do Bulletin de la vie artistique

Manuscrito de PARLONS PEINTURE

XXXIX (Parlons Peinture) [Losango cáqui]

Tédio da alvorada [escutando Villa-Lobos]

Manuscrito do Hino do Grupo do Gambá

Hino do Grupo do Gambá

Manuscrito de Viola quebrada

Viola quebrada
Canção marinha
Moda do alegre porto
Sátira (Graça Aranha)
Stella
A morte do aviador
Cântico
Amador Bueno: Poema sinfônico
Versos políticos (Forma poética)
Epigramas políticos
Hino
Nova canção de Dixie
O improviso daquela noite
Esboço VI
Rondó das gordas
Éguas no pasto



6. Mário de andrade tradutor

Manuscrito de Premier Nocturne
Premier nocturne • Mário de Andrade
Paysage n° 4 • Mário de Andrade
Poème • Mário de Andrade
Veille de la St. Pierre • Mário de Andrade
Machine à écrire • Mário de Andrade
Paysage • Mário de Andrade
Obsession • Mário de Andrade
Nature • Mário de Andrade
Estrelas • Arturo Torres-Rioseco
Hora do azul • Arturo Torres-Rioseco
Noite • Arturo Torres-Rioseco
Debaixo do sabugueiro • Arturo Torres-
Rioseco

Texto de orelha

[Sobre o autor](#)

[Créditos](#)

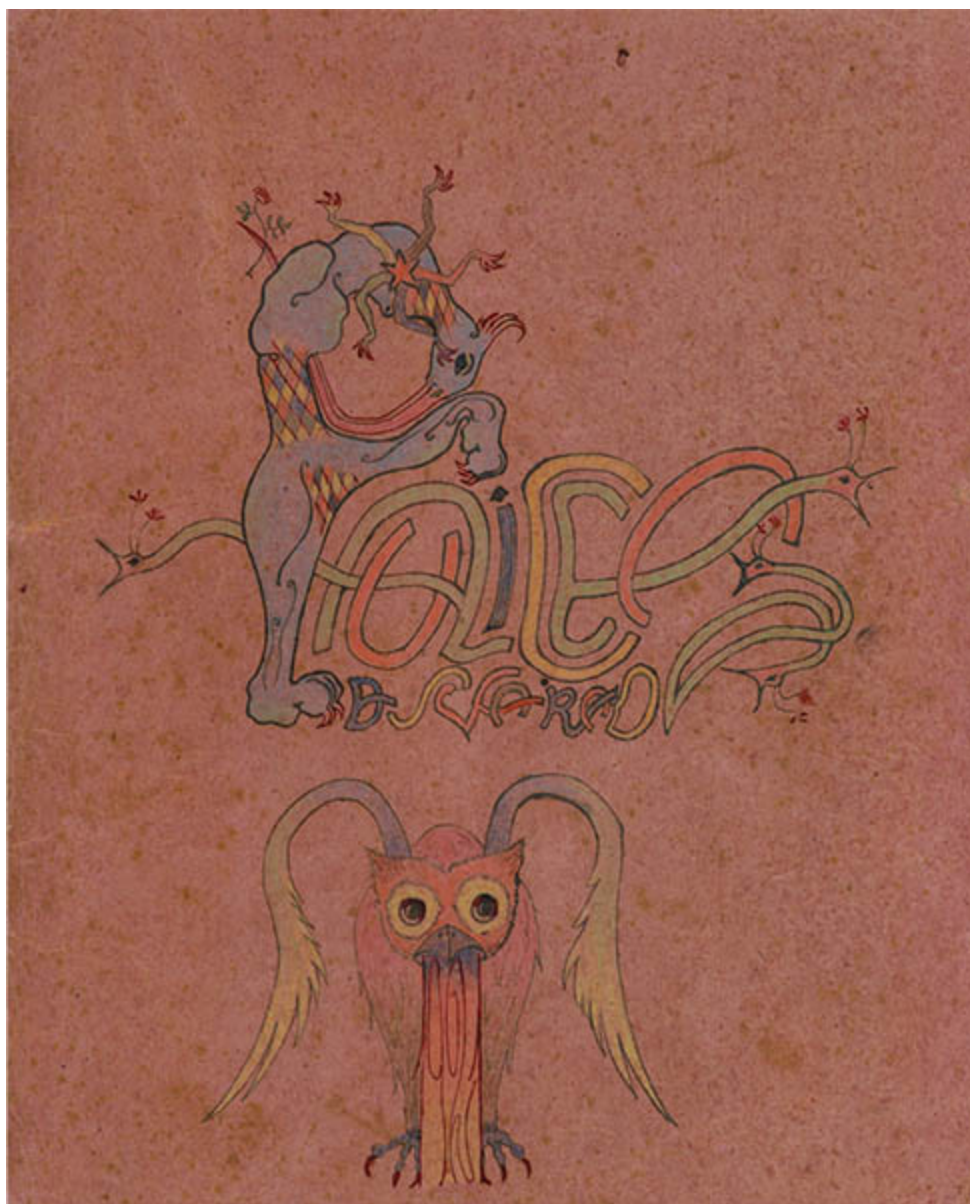
[Ficha catalográfica](#)

[Texto de quarta capa](#)

DOSSIÊ: EDIÇÕES E MANUSCRITOS



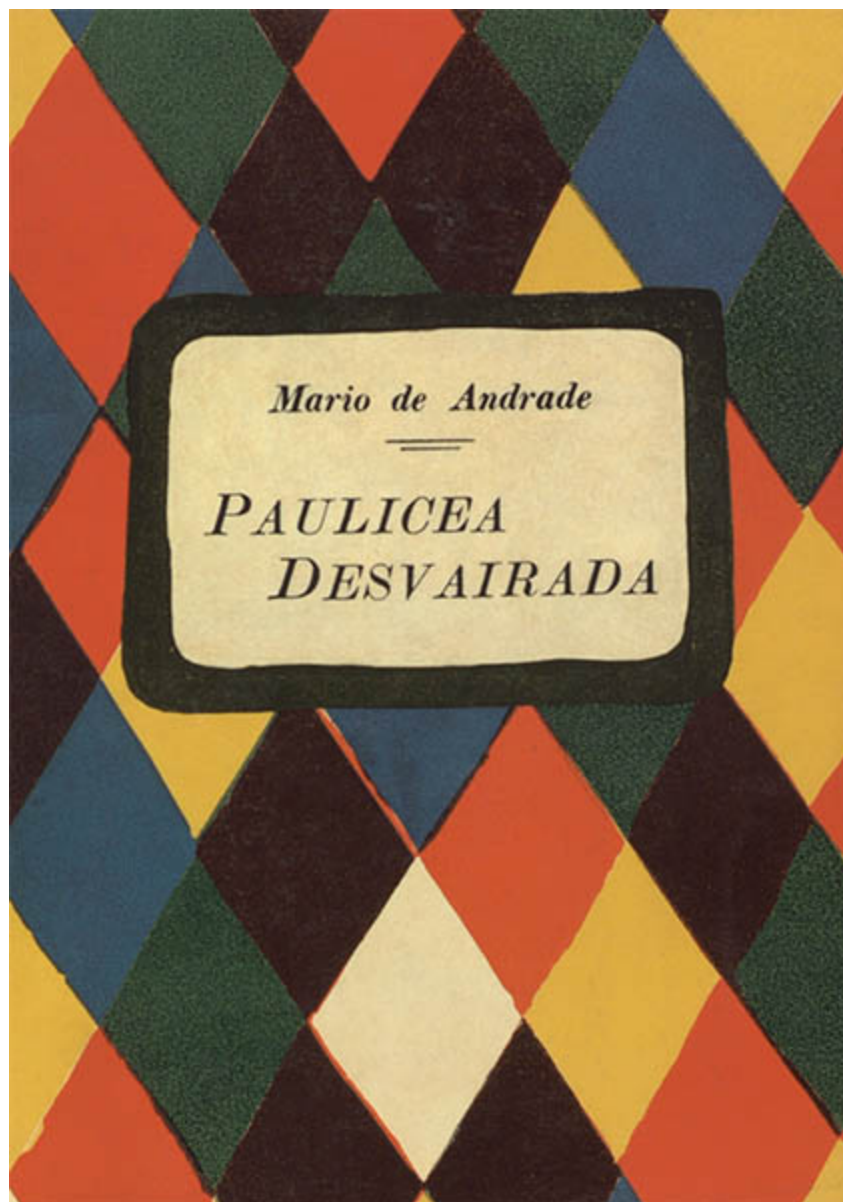
 1. MATÉRIA CONCERNENTE
AOS LIVROS PUBLICADOS POR MÁRIO DE ANDRADE



Projeto de capa para *Pauliceia desvairada* [1921c.]; desenho de Mário de Andrade a tinta de caneta e lápis de cor sobre cartolina (31 x 25 cm; Coleção de Artes Visuais, IEB-USP).



Projeto de capa [1921c.] por Di Cavalcanti, desenho a nanquim e guache sobre papel (25 x 16,2 cm; Coleção de Artes Visuais, IEB-USP).



Capa atribuída a Guilherme de Almeida.
Edição do autor na gráfica da Casa Mayença. São Paulo, **1922**.

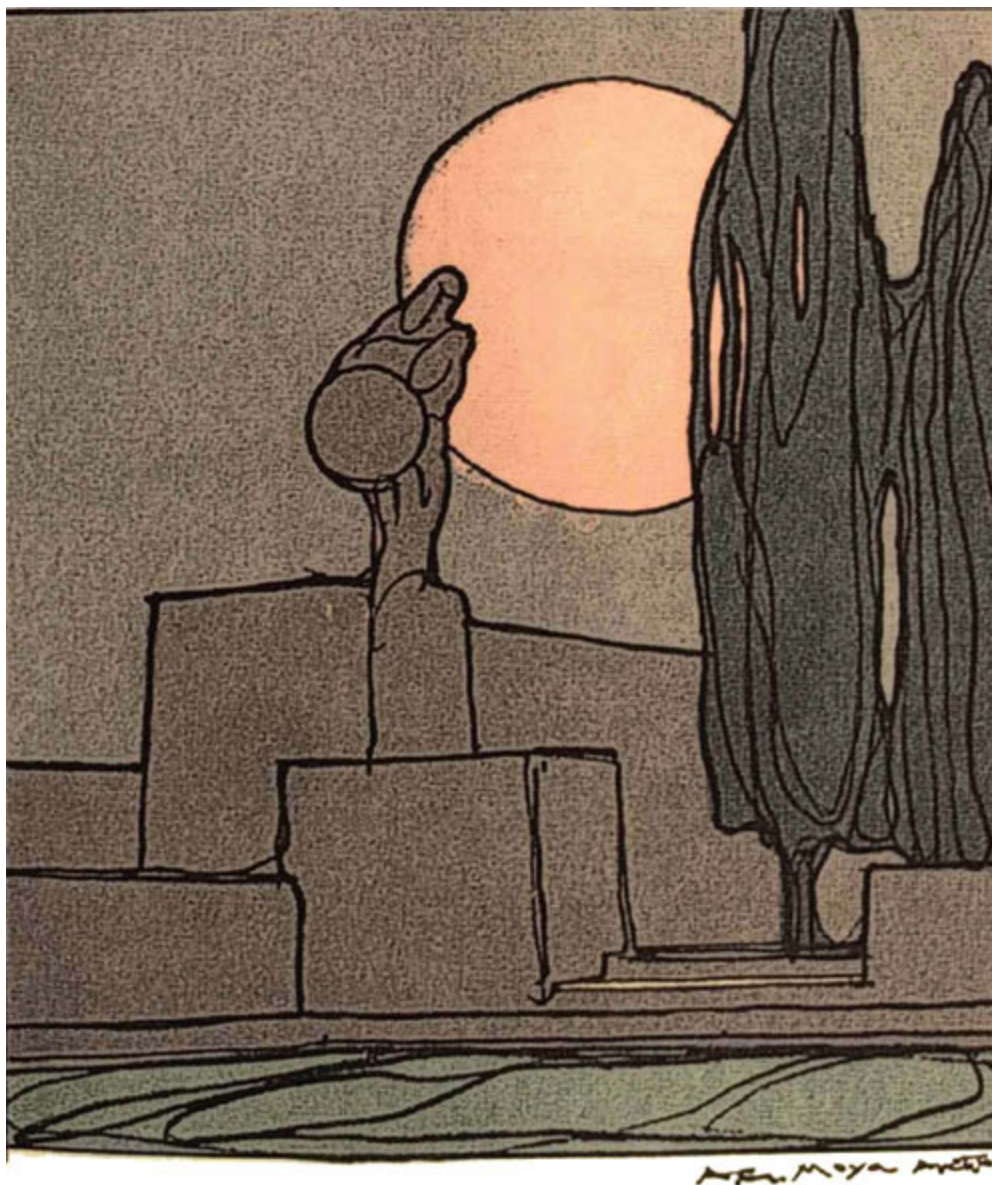
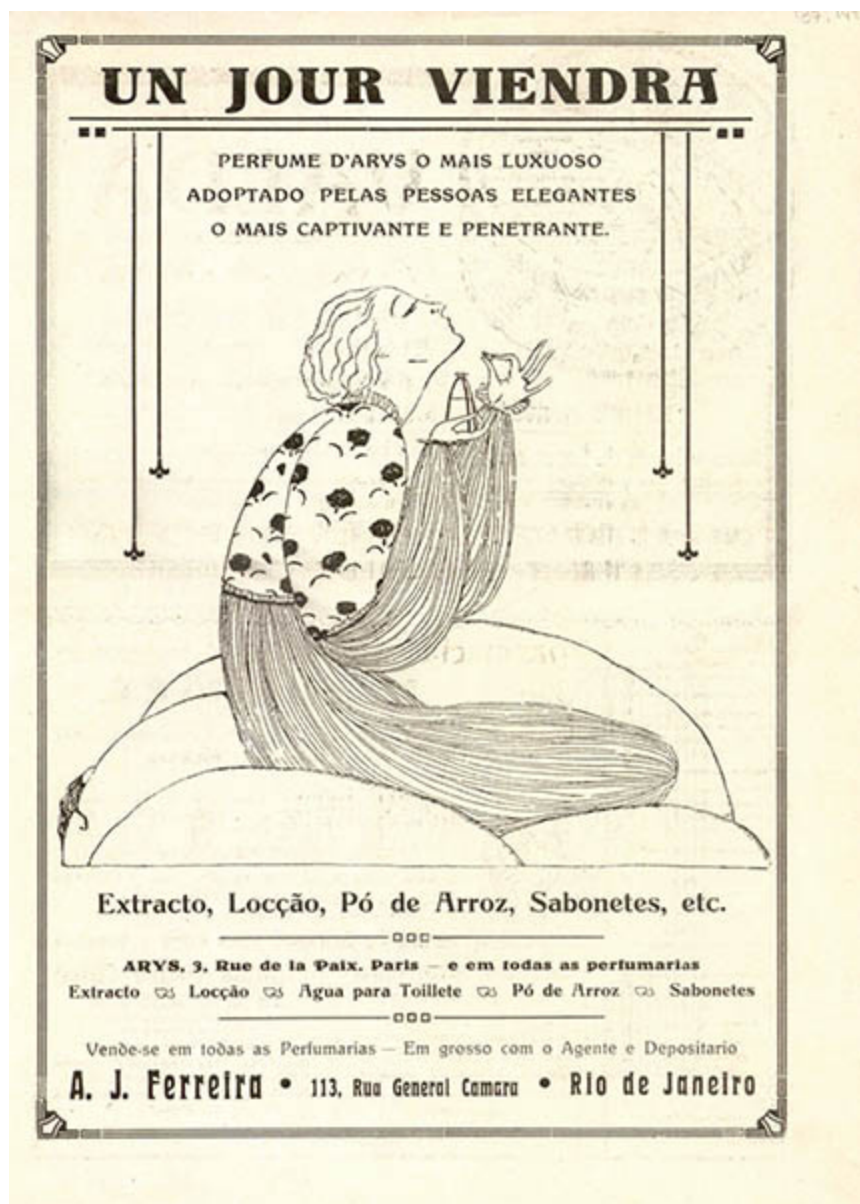


Ilustração de Antonio Moya em *Pauliceia desvairada*, **1922**.



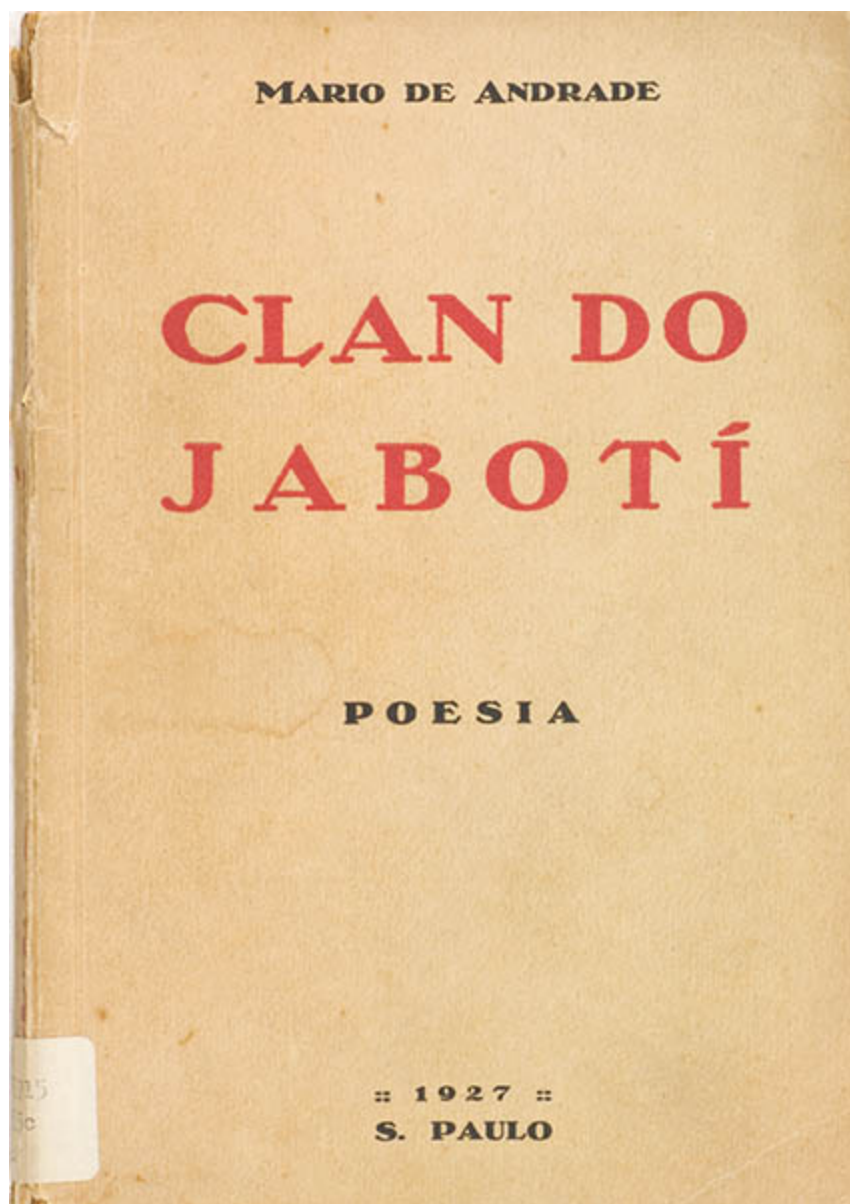
O verso “Perfumes de Paris... Arys!” no poema *INSPIRAÇÃO*, em *Pauliceia desvairada*, capta anúncio de perfume francês da moda (*A Cigarra*, a. **6**, nº **125**. São Paulo, **1** dez. **1919**; Arquivo do Estado de São Paulo).



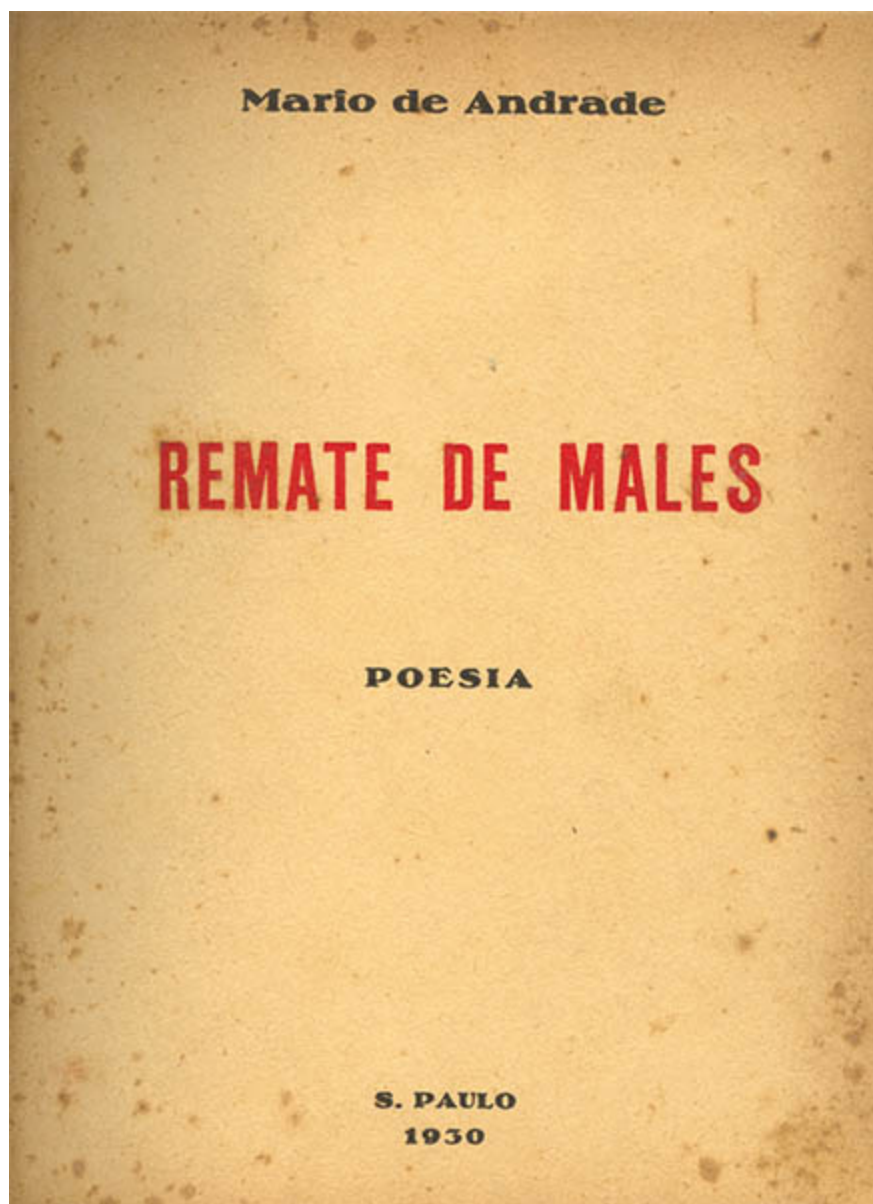
Projeto de capa [1926c.] por Di Cavalcanti, desenho a grafite, nanquim e guache sobre papel (24,6 x 16,8 cm; Coleção de Artes Visuais, IEB-USP).



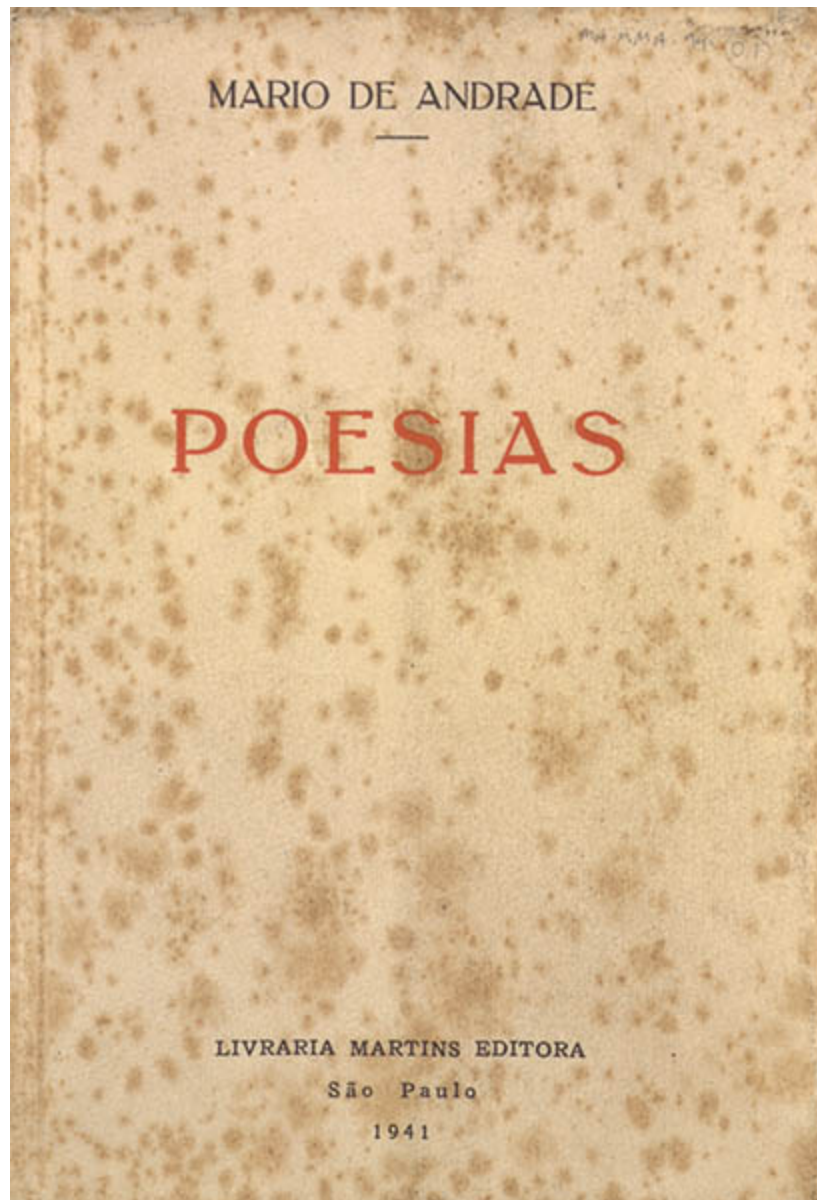
Capa: Di Cavalcanti. Publicação do autor na Casa Editora A. Tisi, impressa na Gráfica Ideal de H. L. Canton. São Paulo, **1926**.



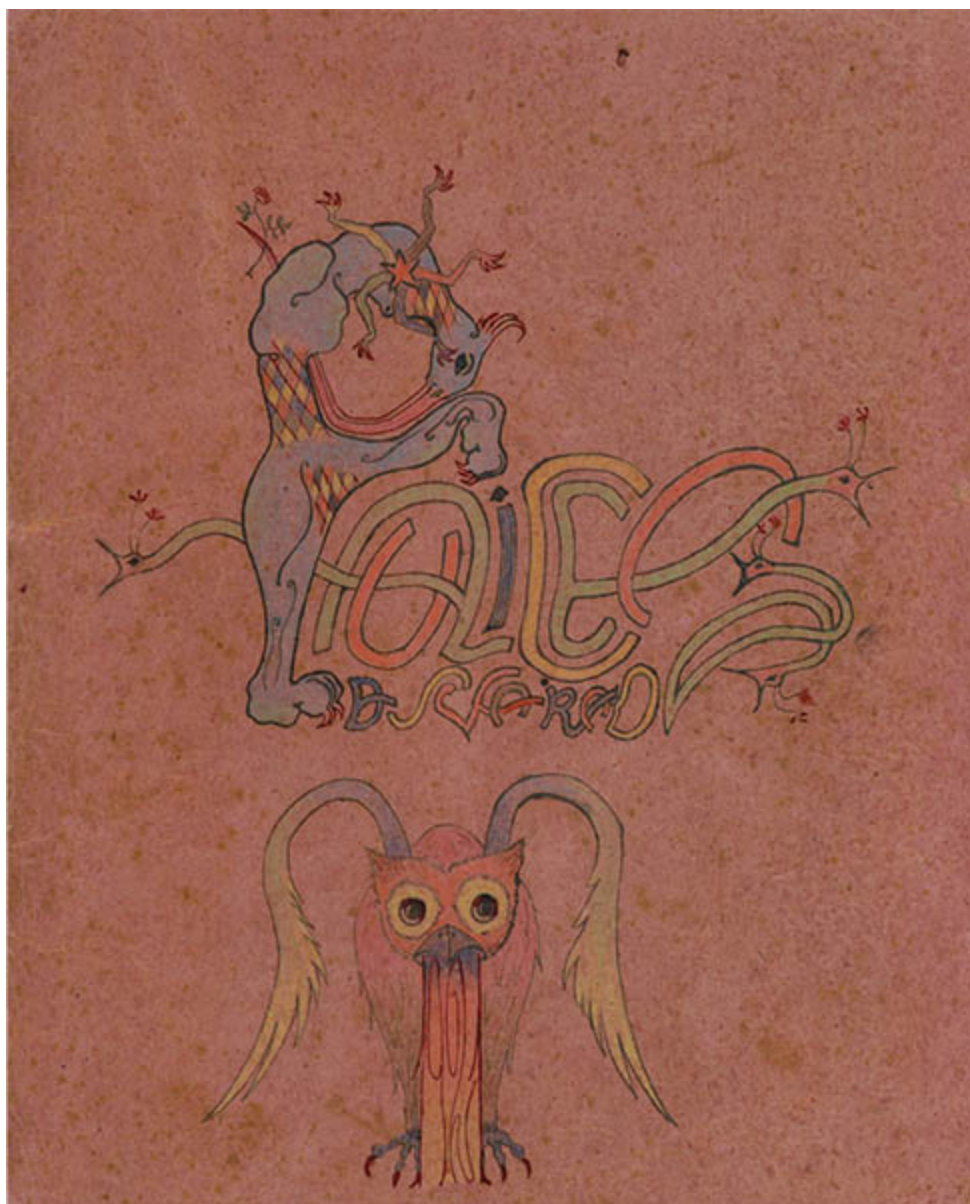
Capa de Mário de Andrade. Edição do autor
no Estabelecimento Gráfico de Eugenio Cupolo. São Paulo, **1927**.



Capa de Mário de Andrade. Edição do autor
no Estabelecimento Gráfico de Eugenio Cupolo. São Paulo, **1930**.



Capa de Mário de Andrade.
Edição do autor na Livraria Martins Editora. São Paulo, **1941**.

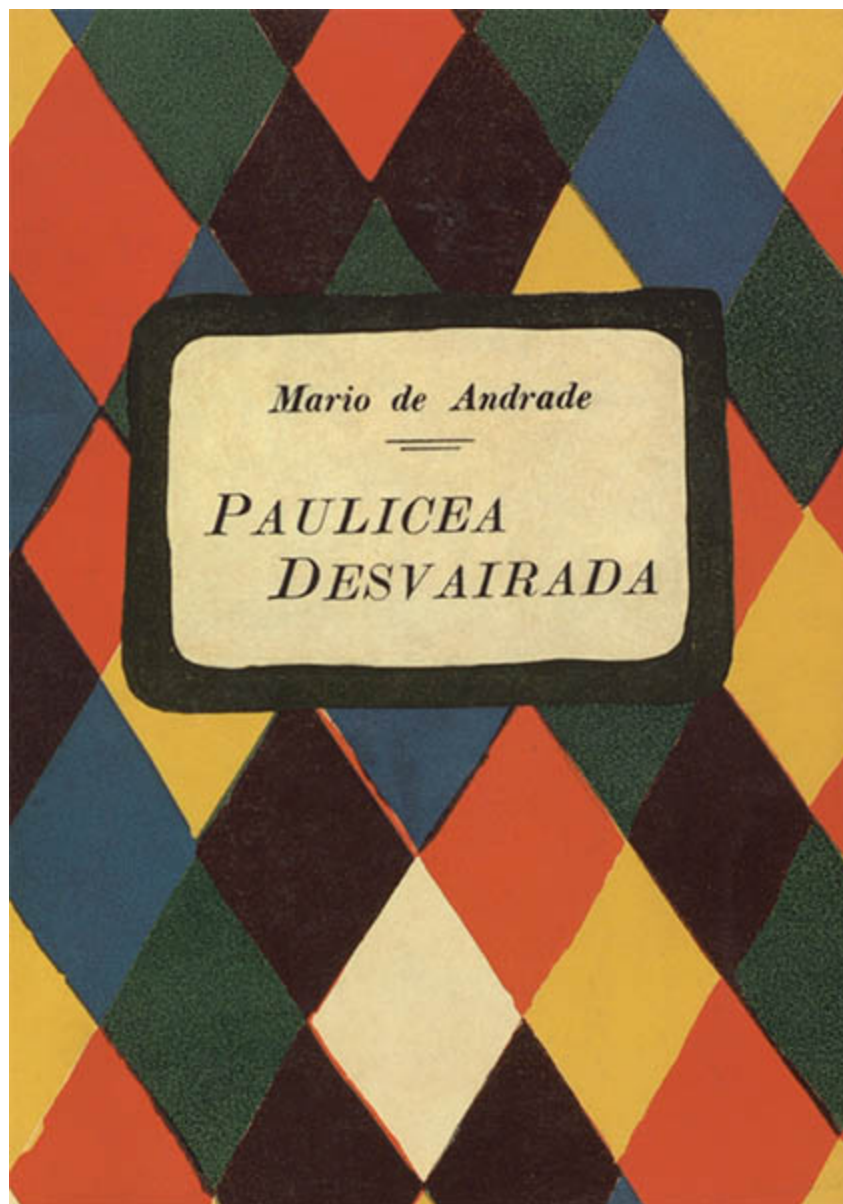


Manuscrito oferecido por ^{MA} a João Condé que o publicou
nos Arquivos Implacáveis, na revista carioca *O Cruzeiro*, em **7** de maio de
1955.

O soneto integra “A COSTELA DO GRÃ CÃO”, em *Poesias*, **1941**
(Coleção Carlos Alberto Passos, ^{IEB-USP}).



SONETO de “Grã Cão do Outubro”, manuscrito na ANTOLOGIA
DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA no Suplemento Literário
de *A Manhã*, v. 5; Rio de Janeiro, 18 de julho de 1943
(recorte; Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).



Falso-rostro do exemplar de trabalho de ^{MA} de *Poesias*.
Edição do autor na Livraria Martins Editora. São Paulo, **1941**
(Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}).



Esta é uma das expressões nascidas mais espontaneamente em mim, e das que mais me deslumbraram... Nunca pude saber o sentido exato dessas palavras, mas elas porém ficaram em mim como um refrão do significado íntimo do meu ser. Procurei me analisar e achei uma explicação “plausível” pra “Pireneus, caiçaras”. Me parece que tem visivelmente aí uma antítese: a pesquisa violenta, exacerbada, voluntária do Brasil, explodindo num brasileirismo violento “caiçara”, e a minha mania de estudar, de me cultivar, que me fazia tão livre, tão longínquo do Brasil, fulgindo na palavra *Pireneus*. Essa angústia desnacionalizante da cultura, me deu aliás um poema inteiro, o IMPROVISO DO MAL DA AMÉRICA. Se não tenho amor pela palavra “caiçara”, que talvez venha de uma cultura técnica (o verso vinha muito escuro, todo em ês fechados, e os as de “caiçara” lhe dando luminosidade e variedade de sons) adoro o valor, achado sem querer, da palavra “Pireneus”. Está entre a península ibérica e a França, com o resto da Europa. Embora nunca tivesse pensado em minha vida sobre os limítrofes Pireneus, é certo que bastante me preocupou, a nossa origem fólquica ibérica e a nossa cultura “francesa” que eu forçara, em mim, pra não ser francesa, estudando “obrigatoriamente” o alemão. O resto, inglês, italiano, viera antes, mas impensadamente. O alemão, os filósofos asiáticos, isto sim, busquei de caso pensado. De

forma que a palavra Pireneus, única sobre cujo sentido não tenho dúvida (embora não procurada, nem *compreendida*, quando explodiu), me agrada muito. É o trampolim do ser brasileiro – e que via, nos [meus] estudos folclóricos[2] – quanto ele era ibérico (não só português, mas ibérico – o negrismo, o vermelhismo do ser vêm no IMPROVISO citado) eram mesmo os Pireneus que me pulavam pra outras culturas e pro que fizera o meu espírito e o sentido individualista do meu ser.

Mas o engraçado é o caso da palavra “espelhos”. Juro que jamais consegui lhe penetrar o sentido, embora eu a sentisse “verdadeira”, impossível de mudar. Deixei, “sentia” a palavra, mas quando refletia sobre ela e seu possível valor, ficava irritado até, sempre desgostoso.

Ora só em dezembro de 1941, já depois de publicadas as *Poesias*, na fazenda, uma noite de insônia, rabiscando umas notas pra minha contribuição ao TESTAMENTO DE UMA GERAÇÃO que o Edgard Cavalheiro vinha fazendo, saiu, no corrente, esta frase: “Pois então vamos premiar essa felicidade (a minha) ajudando com minhas posses a sociedade humana a se viver, *decidi no espelho*”. Nem bem escrevi isso, tive um deslumbramento tamanho que até estremeci. Achara, viera enfim à consciência, o sentido de “espelhos” do meu verso!

Toda a minha vida tive uma preocupação danada de combater a vaidade; que considero epidérmica e mesquinha, e convertê-la em orgulho, que é fecundo, viril, capaz. O que não impede que eu tenha minhas vaidades, está claro, embora combatidas e desprezadas.

Se os dois outros termos parecem (não tenho certeza) exprimir valores do meu ser coletivo, brasileirismo

ibérico e cultura franco-internacional, “espelhos” refletia uma atitude meramente individualista do ser, uma instintividade epidérmica, coordenada organizadamente numa constância. O “espelho” mirado, me indicava a postura do retrato que eu queria tomar. Se é certo que nunca estudei atitudes no espelho, não é menos certo que muitas vezes me surpreendi me contemplando, me observando no espelho, e me retirava dele envergonhado.

“Espelhos” no verso, não tem dúvida que tem um sentido complexo, mas puramente individualista. Sou eu, é minha vaidade, é minha conversão, melhor, abatimento das vaidades procurando ter orgulho de mim, é a externidade das minhas “atitudes” voluntariosas, são minhas aventuras e experiências estéticas, artísticas, vitais. É o ser visto pelo espelho. Não sou eu integralmente, mas o meu eu visível em espelhos. Até por mim...

Por onde percebo agora que esse verso é terrivelmente doloroso. Eu não “sofria” propriamente com ele, mas não é que o achasse bonito ou belo: ele me deslumbrava feito uma definição. E a definição acabou chegando![\[3\]](#)

☀ ["GRÃ CÃO DO OUTUBRO"][\[4\]](#) ☀

Nestes poemas do “GRÃ CÃO DO OUTUBRO”, mais que em [quaisquer] outros,[\[5\]](#)explode a consciência de culpa. Não de uma culpa determinada, sabida nocionalmente, intelectivamente qual é, isso não interessa. Acabo de fazer quarenta anos a 9 de outubro. Surge no meu ser a noção da velhice, noção detestável, e caio na maior safadeza física, exaspero de toda a espécie, sexuais principalmente e sensoriais, álcool, comidas, belezas, em seguida. São dois meses da mais grandiosa e amarga volúpia. Mas me domina o delírio uma consciência de culpa. Que deriva nestes poemas do “GRÃ CÃO DO OUTUBRO”. Só quando, acalmado, em dezembro, a sexualidade se exaure e todas as experiências se conjugam em mais uma desilusão, entro em algum equilíbrio de mim. É quando nasce o soneto QUARENTA ANOS: uma verificação de idade, uma conscientização escrita [do] passado e do engano do que eu fui. Ainda há um *exagero* neste soneto. É reconhecer, vingarentamente, que a morte é um engano. Coisa que pressupõe a inexistência de Deus. Mas eu ainda estava por demais exaltado, pra conseguir a posse inteira do meu ser...



Aqui começam os poemas que Manuel Bandeira e Prudente de Moraes, neto preferem que eu não publique. Mas eu quero publicar. São de uma violência brutal os poemas imputados, reconheço. Serão românticos... Mas derivaram todos (basta ver as datas) de circunstâncias especiais e íntimas de minha vida, quando me visitou o Demônio do Meio-Dia, no momento em que fiz quarenta anos, pois todos são imediatamente posteriores ao dia 9 de outubro de 1933. Foi talvez o período mais angustioso da minha vida. O problema da velhice se apresentou franco ao meu espírito, e o primeiro impulso foi de revolta, de reação desesperada, caí numa orgia sexual absurda, aguentando três amores ao mesmo tempo, com mais volúpia angustiosa que prazer e sabedoria. Era mais uma afirmação enceguecida, colérica do ser, que qualquer espécie de verdade. Mas o mais desastroso era a angústia ideológica em que estava. Foi exatamente o momento em que me senti na beira do abismo, e estive por um triz pra aderir com armas e bagagens ao Comunismo. Não que o considerasse a Verdade, nem mesmo sequer a minha verdade, mas sempre era uma adesão! Era adquirir uma cor, era me fixar, era me acalmar, de qualquer forma me acalmar, mesmo que levasse o diabo tudo! Ora esta série de poemas reflete isso tudo, e tem de curioso o repetir, com mais profundidade me parece, e a mesma sensualidade e dedicação humana, o clima de estouro de *Pauliceia*

desvairada. E a coisa só acalmou mesmo quando, em dezembro, escrevi o soneto dos QUARENTA ANOS. Veio uma grande e falsa paz, que logo se deteriorou. Pouco depois principiavam de novo as angústias sociológicas que só iriam desaparecer realmente em maio de 35 quando o Departamento de Cultura me empolgou a vida. Se deu a substituição que evitou nem sei o quê, talvez o suicídio, nem sei, talvez de novo a definitiva adesão ao Comunismo... Ora eu argumento: se me permitem publicar e aprovam a publicação de coisas tão violentas e tão íntimas como a CANÇÃO DO MAL DE AMOR^[7] e o RECONHECIMENTO DE NÊMESIS, não vejo razão pra não publicar o reconhecimento do... GRÃ CÃO. São dessas coisas que ficam como que ao lado da arte e da beleza, como valor humano apenas. Apenas...

Os poemas imputados são: VINTE E NOVE BICHOS por Manuel e Prudente; Os GATOS (a) por M. e P.; Os GATOS (b) só por P.; ESTÂNCIAS por M. e P.; POEMA TRIDENTE só por M.; DOR só por M. Marque com sinal apagável os que acha devem ficar.

M.



O problema estético desta CANÇÃO não me satisfaz assim como ficou. Todo o sentido do poema está nos dois versos do refrão, imitados da canção do FIGUEIRAL FIGUEIREDO. O terminar o refrão numa quadrinha definitiva que veio aos poucos se construindo, é um bocado charro. Parece uma obrigação que me dei. Há duas soluções melhores: inverter os elementos, botando a quadrinha do refrão na primeira vez que esta entra, conservar o terceto onde está e concluir a poesia apenas com o dístico do refrão legítimo; ou evitar a formação da quadrinha, deixando tudo como está e apenas da terceira vez, em vez da quadra repetir apenas o dístico do refrão. Mas de qualquer jeito não fica bom não. O poema continua me desgostando, deixando sensação de insuficiência. Já fazia vários anos que tinha esse refrão estourado dentro de mim. Estourou, me lembro, no tempo brabo do “GRÃ CÃO DO OUTUBRO”, arre que outubro terrível, Santo Deus! Mas foi impossível dar continuidade ao refrão. Nunca veio nada. Quando em dezembro de 40, arre que dezembro medonho, numa noite pavorosamente abatida saiu esta CANÇÃO inteirinha, o refrão se interpôs e achei que com muita naturalidade. Mas é certo que esta CANÇÃO nunca me deu a sensação de coisa acabada, qualquer coisa sempre me deixava em estado de insatisfação. Hoje estou convencido que a intercalação do refrão não foi justa, não foi íntegra, não foi um estado de poesia legítimo, mas um engano

derivado do desejo que eu tinha de aproveitar esse refrão, que me parece encantador. Foi este desejo que provocou a associação de ideias, aliás com todas as aparências de espontaneidade: espera eterna - ausência de carinhos = solidão = na solidão solitude. Mas na verdade a vaidade me trapaceou. O refrão se lembrou a mim pelo desejo que eu tinha de o aproveitar. Mas o fato é que chegado ele, depois de nascida a 1ª estrofe, a estrofe seguinte e conseqüentemente a terceira, derivaram da intercalação dele. O poema sairia muito outro, estou certo, se eu não tivesse me enganado. E tudo se perdeu.



Depois do exercício maravilhoso da amizade, com o nº X o poema conclui, no entanto, pessimistamente, afirmando a impossibilidade, não exatamente de fraternidade, mas de identificação entre os homens. Depois do dilúvio próximo, os seres se separarão de novo em brancos e pretos, em fortes e fracos, em prepotentes e escravos.

Me parece curioso notar que me dando aparentemente a parte melhor, a dos brancos, dos chefes, na realidade ainda aqui eu *me* castigo, eu me persigo em minha consciência de culpa, pois essa é a parte da humanidade que me é naturalmente odiosa, a culpada dos desequilíbrios humanos. É fácil demais verificar que me dando, desde o início do poema, a parte do mais forte “queixa de espírito sábio”, eu concluí logicamente me dando a parte do mais forte: os brancos. Ainda me parece precário reconhecer psicanaliticamente no último poema a autopunição do burguês que se reconhece culpado e se dá a parte odiosa. Eu creio que foi de um fundo mais longínquo, mais irracional, que nasceu, não a lógica, mas justo a falta de lógica do último poema. A “alma humilhada” não me faria ruim, pois na realidade eu vivo uma vida mais perfeita, mais... chinesa, mais mística e ao mesmo tempo mais integrada na vida da natureza, durante todo o poema. Isso se tivesse lógica no poema. E vinha a apoteose lírica: o irmão-pequeno sublimizado, dele surgindo os brancos, a alma

humilhada, o espírito sábio vencido chafurdando nas escuridões.

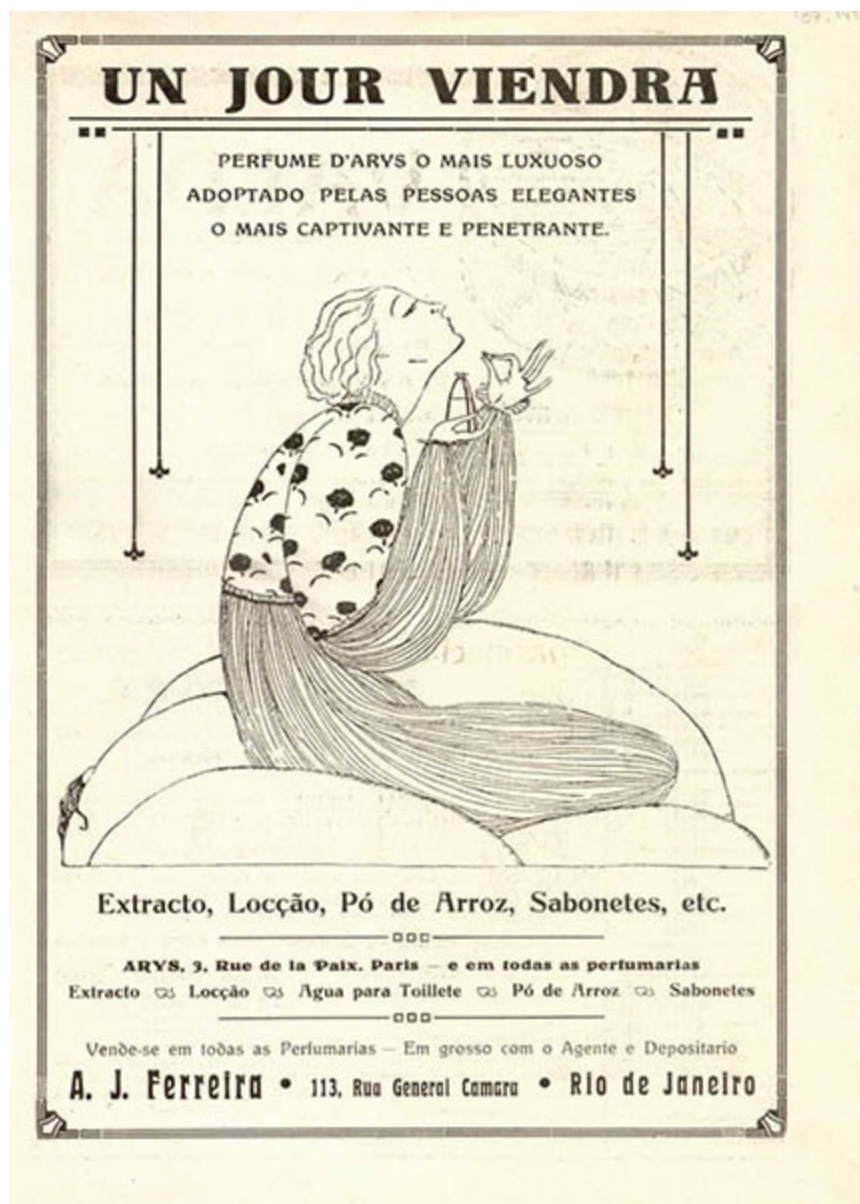
Não. Se observe em principal a frieza “parnasiana” do último poema nº X. Depois de todo o lirismo sensível, caricioso, acariciante, quente e misterioso dos outros poemas, uma ideia nítida dita com nitidez, implacável. A paixão, o lirismo desapareceram. O poema soa como um enunciado de verdade, uma fórmula matemática, em que não estou mais em mim. O poema é independente de mim. E é de-fato feito por um outro. Tudo se modificou: ritmo, o próprio estilo da 1ª à última quadra. Durante todo a poema eu sou um espírito que sabe. No nº X sou um espírito mandado. Por quem?



Há um problema rítmico muito mal solucionado, ou por outra, que não solucionei nos diversos números deste poema. A constante métrica de cinco sílabas é naturalmente rápida e leva a sentir o movimento com uma afobação que contradiz o movimento psíquico de vários números. Só no número um, movimento verbal e movimento psíquico coincidem completamente. No número três quase que a coincidência também é completa. A primeira frase, de doze versos, sempre a senti sem respirar, bem rápida. Mas depois o movimento psíquico se torna mais vagaroso. No número cinco, o apelo à morte que está em itálico também é rapidíssimo mas o resto é muito calmo e sossegado. Como nos demais números do poema. O defeito rítmico só me apareceu agora, depois da publicação.

A constante amazônica do meu ser volta a impregnar decisoramente este poema. Essa constante é anterior a minha viagem, [\[11\]](#) é certo, e já dera algumas das páginas que me agradam bem, do *Macunaíma*. Na verdade, as cenas de preguiça nirvânica, de inutilidade contemplativa do final desse livro, o engano da iara, o silêncio pasmo do Uraricoera, é uma desinência natural do meu ser mais íntimo. Água dissolvente, primarismo contemplativo.

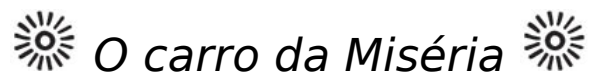
 2. MATÉRIA
CONCERNENTE A OBRAS PÓSTUMAS



Capa da última versão de *O carro da Miséria*
(Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).



Não sei o que é, não ligo, embora o trecho esteja cheio de alusões que não são gratuitas, mas valores sociais interessados. O que talvez tenha acontecido seja mesmo isso: depois de um trecho fortemente “interessado” principiando com o verso “Pois então, violão” etc., eu tenha caído na maior safadez possível que é um trecho da maior gratuidade mas feito inteiro com elementos interessados. Quer dizer a mais traiçoeira das falcatruas. Só isso talvez, falcatrua inocente, sem a menor consciência de si mesma, mas existente, infraexistente: só isso talvez explique a reação de honestidade que provoca o dístico “Mas eu, rapazes, canto com convicção”[\[13\]](#) e o trecho de pesquisa de honestidade dos versos seguintes.



ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO[14]

- I - Origens = mal-estar de desilusões de revoluções
- II - Causas = elementos psicopoéticos dominantes. Luta do burguês com o socialista
- III - Elementos episódicos, verso a verso



ENSAIO DE INTERPRETAÇÃO DE

O carro da Miséria[\[15\]](#)



Um dos meus poemas que mais despertam a minha curiosidade sobre a sua criação, e, valha a verdade, mais me dignificam é *O carro da Miséria*. Não será talvez o mais belo, o mais perfeito como integridade estética, mas é sem dúvida um dos mais realizados como integridade artística. E eu creio, como também Manuel Bandeira, que *O carro da Miséria* contém alguns dos versos mais bonitos que já inventei.

Mas deixemos a beleza de lado. O que me deixa muito interessado por este poema é, nele, eu ter me escondido como talvez em nenhum outro dos meus poemas. Poema “interessado”, “poema de circunstância” mesmo, derivado diretamente de preocupações políticas, sociais, nacionais de função imediata,[\[16\]](#) *O carro da Miséria* é, no entanto, o poema mais escuro (e escuso...), mais aparentemente poesia pura, mais hermético que já escrevi. Mas isso, depois de ter pensado bastante sobre ele, a meu ver constitui uma verdadeira falcatura lírica. Eu me escondi de mil maneiras. E a mais ingênua foi essa de fazer hermetismo falso, desnecessário. E talvez às vezes forçado. Quero dizer: se o poema é bastante claro de interpretação pra mim, botei coisas nele que estou convencido, não têm absolutamente nenhuma interpretação possível. (A não ser, possivelmente, pessoais, psicanalisáveis: o que não tem nenhuma

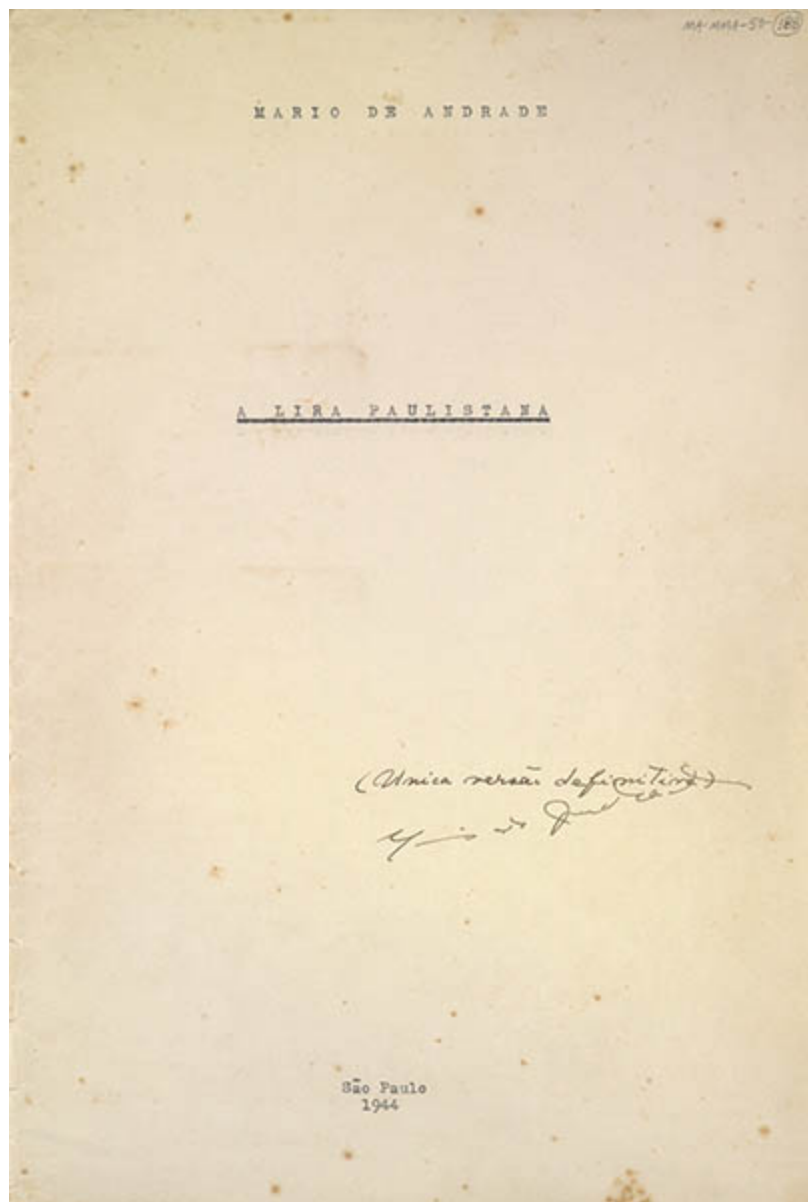
importância pro caso social que o poema define). Enfim: eu botei mesmo, no poema, elementos que não querem dizer coisíssima nenhuma, que proposital, voluntária e... inconscientemente nada significam, não têm sentido interpretável. *Só pra disfarçar*, como a peninha no rabo do cachorro.

Assim, se na 1ª versão do poema, eu falo “Pois então, meu grampo, há-de reconhecer”[\[17\]](#)etc., esse grampo a quem me dirijo não tem nenhuma significação de qualquer forma elucidativa. Pelo contrário, ele é elucidativo, enquanto não significa coisa nenhuma. Ele vive pra despistar, atrapalhar, enigmatizar forçadamente. E com efeito eu me recordo com muita nitidez que procurei, hesitante (um milésimo de segundo) *um* substantivo, ou melhor, uma palavra. E sei que a queria inexplicável. Se me surgisse “meu primo”, “me’rmão”, “meu povo”, “meus escravos”, “meus estigmatizados”, “meus párias”, “meus trens”, meus “navios” etc. enfim qualquer possível interessamento do vocativo, em vez de “meu grampo” ou “meu pingue-pongue” (este ainda parece dar metáfora e sugere imagem...), eu não teria aceito a inspiração. Porque no momento, o estado de estraçalhado, de autodestruição (muito mais autodestruição que punição, em que eu estava) em que eu estava o que queria, o que carecia era a palavra que não dissesse nada. Pra prejudicar. Pra prejudicar até o próprio poema, se entenda bem.

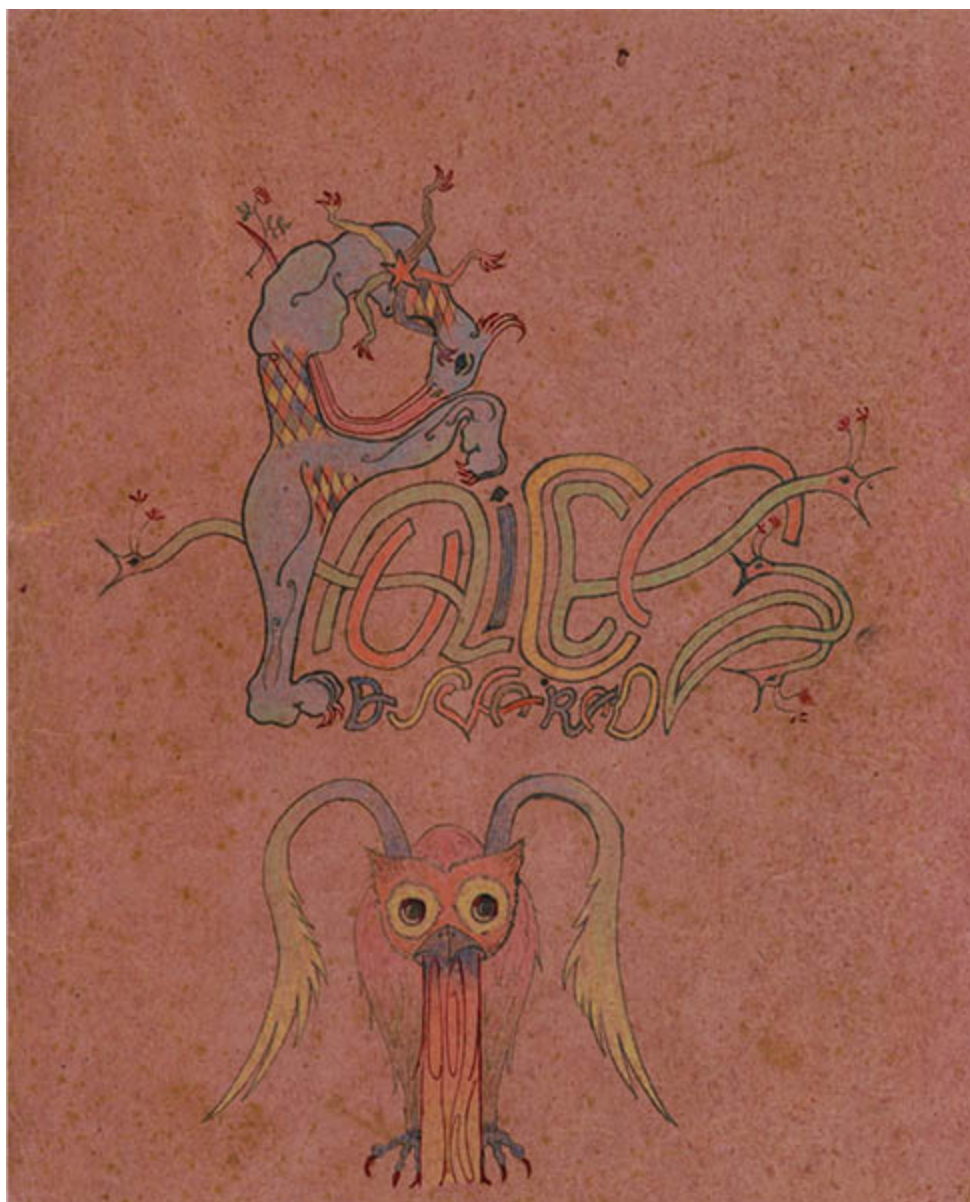
O carro da Miséria principia a sua falcatrua inconsciente por ter umas origens bem diversas das causas profundas que obrigaram a criação dele. Isso aliás não é raro. Não é raro um motivo externo qualquer, como

a maçã de Newton, *provocar* uma criação *causada* por elementos que são os decisórios. Pro meu poema isso quer dizer que, se não tivessem as causas profundas, jamais que os elementos que o originaram, o originariam. Pelo menos, está claro, tal como é. Vejamos. As revoluções só.

Origens - Por dezembro de 1930 já não era mais possível a nenhum paulista, a não ser vendido, recusar a desilusão regional da revolução getulista.



Capa da última versão de *Lira paulistana*
(Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).



Primeira página da última versão de *Café*
(Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).



INTRODUÇÃO – CAFÉ[18]



(São Paulo, 18-21 de dezembro de 1942)

O oratório secular que eu publico agora é fruto de uma lenta gestação. Curiosa talvez e talvez digna de ser contada pelo que poderá trazer de esclarecimento, de incentivo e auxílio a artistas jovens.

Mais ou menos por 1933 e 34, sendo então crítico musical do *Diário de S. Paulo*, ou talvez 1932, não lembro a data exatamente, eu já estava fatigado de dar murro em faca de ponta, com a violência dos meus ataques à ópera e às temporadas líricas. Por esse tempo veio fazer temporada, e temporada pretensiosa em pleno Teatro Municipal, uma companhia lírica brasileira, fiquei desanimado.

Era, como são todas as nossas companhias líricas, uma dessas, menos tentativas, que miragens desordenadas, mistura de vaidade, ignorância, pretensão desmedida e sonho ingênuo, sem nenhum profissionalismo legítimo. E este era decerto a sua maior credencial de perdão. Se ajuntara ao léu do acaso, com esses elementos cantarinos que tanto um é barbeiro como outro professor de canto, italianos, filhos de tenores, emissores de fermatas, fermentados na pobreza, incapazes de qualquer consciência do próprio desvalor. Na verdade não eram os “profissionais” da ópera, essas organizações líricas nascidas exclusivamente para a exploração

deslavada e fundamentalmente antiartística da sensualidade musical.

E eu ia de novo ter o desgosto pessoal de atacar, de espezinhar, de detestar. Iria com ciência fácil maltratar, irritar aqueles seres mais inocentes que ruins. Disseminar a inquietação, a raiva, o ódio mesmo. Sem utilidade nenhuma. E inda por cima, ia eu mesmo aguentar todo um mês de inquietações pessoais, cartas anônimas, ameaças, sovas em perspectiva. Positivamente não valia a pena. Resolvi receber a coisa com essa piedade displicente de quem aceita romanticamente os infinitamente pequenos. E sobretudo com bom-humor. Me divertir à larga, certo de deixar o teatro assim que o gozo do ridículo e da tolice alheia principiasse me fatigando. Como se vê, eu me desmoralizara muito.

Na intenção. É certo que me diverti extraordinariamente. Quando Mimi foi contar a vida que levava no primeiro ato e Rodolfo decerto imaginando isso bem “boêmio” se aproximou dela dando um pulinho com a cadeira (pulo que mais tarde me inspiraria a cavalcada dos Jornalistas no CÂMARA-BALÉ); ou quando a música dos Aimorés, no terceiro ato, era aquela mesma bandinha com a mesmíssima indumentária da marcha triunfal da *Aída*, mil coisas assim: eu era tomado de frouxos de riso celestiais. Mas aos poucos os problemas do teatro cantado se impunham a mim e ao mesmo tempo que sempre desconfiado, mas egoistamente eu me convertia à ópera como valor estético (pôr nota sobre beleza vocal, o poder humano de encantamento da voz dramatizada

etc.), me perseguiram como prodigiosamente grave a importância social da ópera.

Não da ópera exatamente. Do teatro cantado. Na verdade a “ópera” sempre existira e estava na base mais importante das forças artísticas que ordenam as sociedades. A ópera só tomara este nome no dia e no tempo em que, desrespeitando os seus princípios mais profundamente humanos e gerais, de definição coletiva, de cultivo dos heróis, de rito e comemoração religiosa ou nacional, ela se tornara numa exclusiva arma de classe dominante. Ópio do povo, gozo de ricos. Na verdade a ópera, já com este nome, é uma coisa odiosa. Mais odiosa: apenas a dança “clássica”, verdadeira monstruosidade infamante, explosão de vaidade física, de exibicionismo absurdo de bailarinas, feira de corpos para uma classe de escravocratas. Onde ficara em tudo isso a sublimidade da dança!

Mas a “ópera” era uma coisa muito maior e mais grave que ela mesma. Afinal das contas, não existe absurdo nenhum em se falar cantando, pois que a arte é sempre uma transposição. A tragédia grega em seus melhores tempos fora inteiramente cantada, e só um defeito físico de Sófocles o levara ao realismo de falar falado. Ainda mais: o fato da tragédia grega ser toda cantada não era, de forma nenhuma, um caráter da Grécia. É um princípio universal, espontâneo, forma essencial de humanidade e sociedade. Nas civilizações da Antiguidade, nas extraeuropeias, o teatro medieval, mistérios, farsas, o teatro popular, nossas danças dramáticas, reisados, congadas, todo teatro verdadeiro é cantado.

(beleza canto dramático)

A ópera se acanalhara quando deixando de servir a princípios humanos mais gerais, religião, raça, cultos, ritos (que podem ser também instrumento de classe, mas não derivam necessariamente das oligarquias classistas e outras), fora deformada num exclusivo instrumento de classe. Marco da Gagliano, nos inícios mesmos da ópera, não a dissera um “divertimento para os príncipes”...

E não seria possível “reformatar” a ópera mais uma vez, como Gluck o pretendia um dia, com a boca torta das cachimbadas helênicas, ou Wagner, com as cachimbadas racistas de safado nazi *avant-la-lettre*? As minhas cachimbadas eram outras.

O *Café*! As formas regionais da vida (nota, dizendo que chamo aqui de regionais, pela geografia, o que nas diversas sociedades e civilizações pode ser chamado de racial, tribal, nacional, distrital ou soviète: a organização da humanidade em coletividades designadas pela geografia humana e pela antropogeografia) as forças coletivas... Não se poderia acaso tentar uma ópera coletiva tendo como base do assunto o café?...

Esta foi a pergunta inicial que em seus dois elementos teve imediato duas respostas em mim. Ópera “coletiva” teve uma resposta, além de social, estética e artística, que será talvez a originalidade mais essencial do meu trabalho. Não se tratava apenas de fazer uma ópera que interessasse coletivamente a uma sociedade, mas que tivesse uma forma, uma técnica mesma derivada do conceito de coletividade. Uma ópera coral, adivinhei. Um melodrama que em vez de indivíduos, lidasse com massas, em vez dos solistas virtuosísticos que foram

sempre a morte do valor social da arte, convertidos a semideuses de culto na Grécia como a semideuses de ouro em nossos dias: em vez de solistas, coros, personagens corais, corais solistas. Enfim, uma ópera inteira, exclusivamente coral.

Quanto ao assunto do café, a própria história mais recente do grande comércio paulista se impunha como lição. A crise de 1929, a revolução de 30. Está claro que desde logo afastei qualquer ideia de cantar historicamente uma revolução determinada. O que me importou foi o princípio geral: em toda a fase em que se dá depreciação de uma base econômica, vem a insatisfação pública que acaba se revoltando e mudando o regime.

Isso bastou pra que imediatamente se impusesse a visão de todo o enredo. Um terceiro ato com revolução vitoriosa, nos outros dois atos os choques de classes provocados pela depressão econômica. Choques rurais e urbanos. Aí as cinco cenas se impuseram sem dedução. Uma cena graciosa de colheita pra começar o drama em tom de felicidade. Preciso aproveitar a bonita construção arquitetônica dum armazém abarrotado de pilhas de café. Uma discussão na sede da fazenda entre os colonos e o fazendeiro, preparando e justificando o estouro próximo da revolução.

Aqui é muito difícil analisar o segundo vertiginoso e sublime com que toda a visão se impôs em sua primeira versão de 1934, tudo foi simultâneo!

Ao mesmo tempo que repudiava imediatamente a ideia do fazendeiro, por ser solista e eu queria uma ópera exclusivamente de massas corais, e substituí o

fazendeiro por uma Companhia Cafeeira S. A. grupo de donos entregando por dívida, a Companhia aos comissários, me trabalhava a ideia de se tornar por demais fatigante uma obra exclusivamente coral. Não. E me surgiu nos olhos e me solicitou o ouvido uma mulher, engraçado, uma mulher que eu via se erguendo, como quem se levanta e clama, era a Mãe – a receptora de todos os sofrimentos. Um solo vasto, a Mãe contando as desgraças vivas, que eu enxergava muito bem, na sua mancha colorida, dramática e solitária, estava cercada de gente, dos lados, por baixo, por cima, gente gesticulando. A imagem do anfiteatro criou a ideia da Câmara dos Deputados, e a Mãe era uma deputada trabalhista que tomava a defesa do povo contra todas as bancadas, com o povo das galerias aplaudindo.

Aí não pude mais continuar em pensamentos. Tudo fora imagem, ideia de poucos segundos e eu não podia continuar em pensamentos nem deduções lógicas.

A inspiração que me dominava agora era muito outra, e derivava das minhas ideias sobre o espetáculo. Estava exclusivamente espetacular, só vibrava em mim o sentimento plástico. E a primeira coisa que “escrevi” foram os desenhos das cinco cenas da ópera. Primeiro ato: pleno cafezal, verde monótono meio cinzento das árvores, no tempo da colheita, colonos com muita vibração cromática, chão vivo de terra roxa, céu implacavelmente claro, quase branco do meio-dia. Era um primeiro ato completo, porque logo me vieram ideias de contrastá-lo com os outros, fazê-lo inteirinho feliz, com as minhas tendências folclóricas, aproveitando as crianças em danças de roda, moças e rapazes em modas

de viola, brincadeiras, namoros. Como se vê também sou vítima das banalidades mais larvares. Segundo ato, primeira cena: o armazém, já ambiente torvo, as pilhas de sacas, estivadores deitados nelas, sobre elas, no fundo uma porta dando em paisagem de palmeiras. As mulheres apareceriam de repente exigindo pão. A segunda cena do ato, voltaria ao rural. A sede da fazenda, seu terraço e escadaria com donos e comissários da Companhia amontados nela e a coloniada brigando do chão, com a paisagem de fundo do cafezal. No terceiro ato, a primeira cena era a Câmara dos Deputados, a Mesa bem na frente com seus figurantes dando as costas ao público, o anfiteatro dos deputados, já com a Mãe erguida, coloridíssima no ambiente cinza neutro, e no fundo a galeria do público. E enfim, única visão que resistiu inteiramente em sua primeira versão, a cena final: nenhum céu, num bairro alto se descortinando uma cidade inteira com os arranha-céus do centro urbano tomando todo o pano de fundo, e, pois que eu carecia de mulheres para variar os corais, bem na frente um muro, uma rua atrás dele, e para o público um pátio de cortiço, com mulheres apavoradas. No final o muro cairia com a explosão da granada, a revolução vencia em plena cena, terminando com o hino da vitória em apoteose.

Drama? Melodrama? Tragédia lírica?... Mas eu carecia da apoteose... A minha intenção não era, nunca fora livremente estética desde as primeiras preocupações que me tomaram com intenção criadora. Eu carecia da apoteose como uma definição que era. Enfim, se tratava muito conscientemente de um aproveitamento dos

valores estéticos da beleza para criar uma obra-de-arte que iria servir de lição. E uma lição, eu imaginava, tão intencional, que devia se tornar bem clara, bem legível e principalmente bem impregnante. E aqui interferiam os valores impressionantes da ópera, os seus valores sensuais, que eu não me preocupava aristocraticamente de recusar. Pelo contrário: eu precisava deles. Eu pretendia me utilizar deles. Não só a lição do enredo tinha de ser fácil, não só os textos claros, mas a música fácil e clara também. Música, não banal como certo melodismo italiano, não baixa e aviltantemente sensual como tanto Massenet e tanto Puccini, mas fácil, franca, popular, que o povo saísse cantando e assobiando na rua.

E foram estas intenções que provocaram o afastamento brusco, brutal de qualquer vontade mais de criar. A inspiração como que desapareceu de repente. E certo que de vez em quando, por causa de uma representação lírica, por causa de um telegrama, uma conversa, um disco de Caruso, a ideia vinha, ficava remoendo em mim. Mas não adiantava nada. Morria em poucas horas e desaparecia de mim.

Foi quando por 1941, comunicando a minha ideia de uma ópera coral sobre o café a Francisco Mignone, lhe perguntei se queria tentar a música de uma empresa tão perigosa e difícil. Ele topou entusiasmado e combinamos de fazer a ópera juntos.

Foi curiosa e muito sensível a transformação que deu-se em mim. Agora sim, estava ainda incapaz de criar coisa nenhuma, porém eu sentia, eu percebia nítido que, sem uma ideia sequer me atingir a consciência, havia um

trabalho muito intenso que estava se processando dentro de mim.

Mignone insistia constantemente comigo pra que iniciasse o trabalho, e principalmente Aquela a quem nosso trabalho vai dedicado e a quem devemos tanto incitamento e tamanha compreensão das nossas almas imperfeitas. Eu pretendia, desejava mesmo. Era impossível mesmo. Neste ano de 1942, ano bastante disciplinar e digno de minha vida, houve um momento, por junho, que as insistências dos meus amigos foram tamanhas que prometi sinceramente começar o trabalho em setembro. Já conheço bem o mecanismo da criação, para saber que mesmo sem inspiração é possível principiar um trabalho. A imaginação criadora muitas vezes é como o comer e o falar (?): está no começar. Depois a gente joga fora os começos perrengues e aproveita do meio para o fim, o utilizável para o trabalho da arte.

Mas setembro chegou e eu estava doente. A promessa, mais que a vontade, me atenazava. Naquelas horas desagradáveis passadas inertes o pensamento vinha, um pensamento branco incapaz de delinear uma ideia, uma imagem sequer. Apenas era um interesse muito grande. E me interessava principalmente a ideia nova da cena do ÊXODO. Francisco Mignone me apusera algumas considerações sobre a cena na sede da fazenda. Mesmo diante dele eu me propus mudar por qualquer outra, quem sabe, por exemplo, uma cena de colonos se retirando da fazenda, depois da briga com os donos da Companhia. Falei que iria pensar, e confesso que a ideia não me interessou muito no momento. Não vi nenhuma

validade plástica de espetáculo e só muito pouco valor poético nesse ÊXODO que iria depois me dar, de todo o trabalho, o melhor sentimento de satisfação pessoal. Confesso mesmo que me irritava um bocado a facilidade do êxodo, o seu ritmo nordestino das secas e retirantes.

Aliás, ainda me é grato confessar que devo toda a versão atual do CÂMARA-BALÉ a um simples pedido, bastante estético e desnorteador aliás, de Francisco Mignone. Desde criada, a cena da Câmara era séria, sem a menor intenção de comicidade e muito menos de farsa. Mas Francisco Mignone, em nossas preocupações de variar ao mais possível as manifestações da música coral, me pediu o texto para um QUINTETO DOS SERVENTES que ele imaginava. Está claro: a noção de comicidade se impôs, e, sem refletir, um bocado levianamente, prometi introduzir na cena da Câmara um QUINTETO DOS SERVENTES. E nada mais me veio na ideia.

Mas nem bem Francisco Mignone se despediu de mim e voltei a ficar só comigo, principiei percebendo as possibilidades plásticas e dramáticas do ÊXODO. O QUINTETO DOS SERVENTES se sovertera no esquecimento total. Eram grupos, grupos lastimosos, se arrastando ritmicamente, uivos, largas queixas enormes, partindo, atravessando a cena... Primeiro viriam as crianças, depois viriam os moços. Não: os moços devem vir na frente, são mais fortes, com maior capacidade de andar. As crianças viriam com seus pais, carregadas, puxadas. Não, fica em melhor crescendo dramático fazer os moços virem soltos, cada um por si, depois os casados dois a dois. E as crianças, ainda sexualmente neutras, virão com os velhos, já sexualmente neutros também, aos grupos de

cinco, seis figuras. Ficará menos realista, mas eu estou lá me preocupando com a realidade da vida. Não foi isto que avacalhou o teatro, lhe tirou a ribalta, lhe tirou a possibilidade do sublime, que não está no drama ou na comédia, mas sim na tragédia e na farsa? E eu tenho o direito, tenho o dever de pretender ao sublime, dada a elevação moral e social do meu assunto. Não se trata de pretender ser gênio, isso é bobagem. Não se trata de pretender ao sublime da beleza estética, isto seria vaidade. Se trata exatamente, honestamente de realizar uma obra *justa*. O assunto é que é sublime. Não o café, o café paulista, mas aquilo de que ele, como o trigo, como os carneiros queimados da Holanda (?), como qualquer força econômica é um símbolo.

Aliás nem se trata de São Paulo, de Brasil. O que terá de brasileiro e de paulista na obra será resultante apenas da “fatalidade geográfica” dos seus autores. Se eu puser uma embolada na minha ópera, nem a embolada é paulista ou paranaense: ponho porque a embolada é minha, faz parte instantânea, instintiva, hereditária do meu ser. Não seria de todo em todo possível pôr uma polca paraguaia. (A imagem duma embolada surgia...) Não porque a embolada venha caracterizar geograficamente, regionalistamente a minha ópera. Se fosse isto eu a recusaria. O porto não será o de Santos, será o porto, um porto parado. A cidade não será São Paulo, será uma cidade como qualquer outra, com arranha-céus internacionais. E o café não será no Brasil, pode ser na Colômbia ou na Abissínia. Nem será o café, pode ser maçã da Califórnia, laranja da Baía, boi argentino, uísque escocês.

Enfim, eu pessoalmente não devo (nem posso!) pretender ao sublime da obra-prima, porém tenho o dever de atingir no sublime grandioso do assunto, o sublime do teatro bem com ribalta, nada realista, da tragédia e da farsa. O ÊXODO será trágico, tem de dar a noção da fatalidade, das forças superiores à vontade humana. E se eu... ótimo! A cena da Câmara, em contraste, terminará o segundo ato com uma farsa total, mas total, a maior vaia que eu possa passar numa Câmara dos Deputados. Mas e o drama da deputada trabalhista?... Isso se arranja. No momento, eu tinha pressa em “sentir” o ÊXODO, pra estar me preocupando com a deputada e resolver o caso dela.

Mas nem êxodo nem deputada mais, tudo estava sem continuidade. Mas tinham ficado bem nítidos em mim, bem fixos o ritmo humano do êxodo e sua expressão plástica, bem como a noção de farsa para a cena da Câmara dos Deputados.

E assim passou-se o mês de setembro todo. Pelos fins do mês a saúde voltara, rija, esta saúde um bocado inexplicável que eu tenho, tecida de doencinhas. Voltara por uma simples reação de vontade. Não fiz nada pra que ela voltasse, não fui ao médico, não tomei nenhum remédio. Mas quis e ela obedeceu. Desta vez...

Naquele dia de manhã – a noção muito intensa de que outubro abria os meses dos meus cinquenta anos me tornara quase irrespirável a ansiedade de compor o *Café* –, naquele dia de manhã, não sei, o trabalho de uma invenção que já contava oito anos pelo menos e pelo menos ano e meio de preocupações subterrâneas, tudo explodiu. Me veio completa ao espírito a forma e o

enredo da ópera em suas linhas principais e secundárias. Ópera em três atos e cinco cenas, na ordem rural-cafezal, urbano-armazém, primeiro ato; rural-êxodo, urbano-Câmara segundo ato; e urbano-revolução todo o terceiro ato. E principiei escrevendo a “concepção dramática” da peça. Em dois dias estava completa e pouquíssimo tive que modificar depois. A Câmara se transformara no CÂMARA-BALÉ, devido em principal ao puro acaso de um disco ouvido, o belíssimo *Andorinha preta*. É uma peça realmente admirável em que o canto estrófico solista se desenvolvia sobre um segundo plano coral, era o meu caso. Eu só pretendia pôr um solo na ópera toda e solo de mulher. Pois, pra dar bem a sensação de farsa e vaia, antes dela cantar eu faria um deputado fazer um discurso de embolada sobre a ferrugem das panelas de cozinha. (A noção de inutilidade expressa pela imagem da “ferrugem das panelas de cozinha” eu colhi muito moço ainda, em leitura ou conversa e sempre me acompanhou, sabe-me lá por quê!) E a embolada se desenvolverá sobre segundo plano coral dos deputados se dizendo coisinhas inúteis, amantes, doencinhas, corridas de cavalos, exatamente na solução construtiva da *Andorinha preta*. E ao ritmo gostoso, todos se embolavam de cá pra lá, dançandinho. E se eu fizesse um balé? Veio a imagem da *Table verte* genial, inesquecível, me fecundar. Vi as cores, vi a distribuição da marcação, gesto por gesto, vi os serventes que Francisco Mignone me pedira, dum lado do palco, e pra compor o quadro vi logo outros cinco jornalistas do outro lado do palco, e vi o final, a endeixa forte e dramática da Mãe, me esquecera por completo da deputada

trabalhista, o povo das galerias chanfalhado, a Mãe presa, arrastada presa, enquanto soltava sons altíssimos, largos, sobre o fortíssimo do coral e da orquestra, dominando. Será difícil a solução acústica do caso, mas eu não podia estar pensando muito em pormenores técnicos. *Em mim*, os gritos da Mãe dominavam tudo, coros e orquestra.

Compus a EMBOLADA mas larguei o CÂMARA-BALÉ em meio. Eu percebia dentro de mim que a ENDEIXA DA MÃE era um poema lindíssimo, o mais belo poema que eu já compusera em minha vida. E quando fui compô-lo, quem disse sair! Nada saiu. Saiu a primeira versão do HINO DA VITÓRIA, a que melhormente intitulei mais tarde HINO DA FONTE DA VIDA. Realmente não é o prazer da vitória que interessa como lição, mas aquilo de que ela deriva. Não devo esclarecer muito certas noções. Não é tanto questão de as despojar de sua nebulosa lírica, de sua fluidez poética. É, em principal, porque os seres a quem me dirijo não têm a nitidez nocional semiculta e burguesa dos dicionários. O que é a fonte da vida, meu Deus! Distingo vagamente o que ela é, no meu poema: mas a ela se ajunta a noção das forças superiores, invencíveis, fatais. “Não conta o segredo aos grandes”!...

O interesse pelo terceiro ato me dominou completamente. Fui lhe escrever a concepção, era a única que faltava, escrevi. Mas não “enxergava” bem, muita luta em cena, dificuldade de lidar muito com comparsas, perigo de monotonia dramática. Resolvi pôr detalhadamente a concepção do 3º ato, em “marcação”, determinando um por um, momento por momento toda a

movimentação cênica. E creio que foi bom. As dificuldades e problemas apareceram virulentos em seus defeitos vagamente entrevistados na “concepção”. Passei quase todas as cenas de briga para trás do muro e inventei o mimodrama da morte do chefe.

A marcação do CÂMARA-BALÉ se impunha. E ainda mais a da cena do ÊXODO, quase concebida como um bailado também, na realidade um painel vivo em movimento. Lhe introduzi o mimodrama dos solteiros pra começar.

Então, já acalmado do delírio maravilhoso, sem inspiração mais, iniciei a composição dos textos. Puro trabalho cotidiano, começando no 1º número, continuando pelo 2º e assim chegando ao fim. Ora, pela disposição das cenas e versão nova da concepção, o drama abria imediatamente sobre a discussão entre donos e colonos, em pleno cafezal. Eu modificara um bocado o cenário, muito pouco, apenas a introdução da laranjeira carregada de frutas maduras. É impossível reconhecer ao que devo esta intromissão. A concepção se modificara por completo. Em vez do ato gracioso com final levemente melancólico que eu imaginara oito anos atrás, a concepção nova, muito mais simples e muito menos gratuita, a meu ver, entrava diretamente em pleno drama. E com isto, veio a imagem da laranjeira. Imagem ou ideia? Está claro que a intromissão da laranjeira valoriza plasticamente o cenário, não só pelo contraste do seu verde forte e das frutas maduras no verde aguado do cafezal, como por quebrar a monotonia, expressivamente desnecessária do horizonte apenas ondulado do cafezal.

Esta monotonia, eu iria exigir nos dois horizontes seguintes do PORTO PARADO e do ÊXODO. Neste para obter um efeito espetacular de luz vermelha (sol posto) interceptada pelos grupos dramáticos de retirantes. No PORTO PARADO, ainda expressivamente para acentuar o vazio do cais e o vazio do mar, em que já tinham se transformado as palmeiras graciosas e hieroglificamente inexpressivas, contraditórias mesmo, da primeira concepção plástica do armazém com sua porta de fundo.

Mas se a imagem alarmada da laranjeira era plasticamente expressiva no meu cenário neutro do cafezal, não é menos verdade que a ideia do provérbio se impusera concomitante à imagem. Talvez primeiro? Talvez depois? É impossível decidir. Logicamente a ideia proviria da imagem, feito uma dedução, ou pelo menos, uma consequência. Mas eu seria desonesto para com o processo tão misterioso da criação, se garantisse que foi assim.

Tanto mais que, sintam ou não sintam os outros (o não sentirem derivando da minha fraqueza), a ideia do provérbio me soa intensamente trágica. Os provérbios são por vezes absurdamente errados ou falsos, mas na verdade o que parece de mais feliz no mecanismo dos provérbios é que eles, e o povo neles, se preocupam muito menos de ser uma explicação verdadeira que uma explicação fatal. Eles devem decerto derivar dos regimes do rito e do culto. Neste sentido, os provérbios são profundamente mágicos – o que, pra nós, significa: profundamente poéticos, símbolos verdadeiros, duma impressionante fluidez definidora.

E com efeito, pra mim, posso estar enganado, o fato de abrir a tragédia com a enunciação pelos velhos de que “Laranja no café – É azeda ou tem vespeira”, embora na aparência não tenha ligação nenhuma com o que se vai passar, me soa violentamente trágica. Me soa como uma ameaça fatal. Me soa como a definição, vinda de uma ordem superior aos homens, como um símbolo, como uma definição do enganoso da vida, do falseamento das vidas. E de-fato, a ideia do provérbio me trouxera, agora deduzida e necessariamente, a dedução dos dois colonos, no nervosismo da discussão chuparem laranjas da árvore, mas assim que resolvido o problema imediato deles, caírem na realidade, sentirem que as frutas são azedas e as jogarem fora. Eu creio que a ideia surgiu em primeiro lugar. Eram como palavras cabalísticas, derivadas duma força superior, gravadas por milagre no céu. A imagem veio com ela, por causa do estado lírico de tragédia que eu vivia.

Mas enunciado o provérbio, entrava-se diretamente na discussão entre donos e colonos. Meu sofrimento pessoal principiou. Fui escrevê-lo e imediatamente o problema dos textos para um teatro cantado me derrotou. Eu me enganara. E só agora a ideia de necessidade do sublime se impunha com todas as forças da irresponsabilidade. Eu me enganara. Se estava bem consciente de que o teatro deve ter uma ribalta que separa o artificial da cena da realidade do espectador, minha modéstia natural jamais me imaginara escrevendo frases altissonantes, inteiramente fora da naturalidade e do realismo. Eu me enganara, imaginando botar palavras de drama realista,

puro século dezenove, numa tragédia com coturno (espiritual) que exigia textos, que textos!

Mas assim que escrevi a primeira frase dos donos, mais ou menos: “Então vocês não estão avisados que é proibido estragar as plantas”, me sobrestive horrorizado. Imagine-se o ridículo numa frase dessas posta em canto. E ainda por cima na solenidade maior do canto coral. Não era possível.

E ensaiei. Fiz trinta ensaios. O horror “modernista” da demagogia me sugava, tirando de mim qualquer capacidade criadora. A tortura foi terrível e eu me debatia nas vascas do desânimo. Então me lembrei de um passo envaidecedor da minha vida: a primeira vez que li aos meus companheiros de arte o NOTURNO DE BELO HORIZONTE. Foi numa das terças-feiras do meu estúdio, presentes, além do grupinho, gente desabusada, com horror sistemático da demagogia e das patrioteiras, esse estranho Elísio de Carvalho que se tomara de amizade por mim. Terminada a leitura num “Muito bem” discreto, eu fora acompanhar o Elísio de Carvalho ao portão, que ele ainda tinha uma visita a fazer nessa noite. Quando voltei ao estúdio, é impossível esquecer, o grupinho de pé, me esperava colérico. E um deles, sei qual mas não digo, enfiando o braço na minha direção me assassinou:

- Você ainda acaba escrevendo letra pro *Hino Nacional*!!!

Secundeí manso:

- Pois se precisar, eu escrevo.

A “discussão” tinha de ser moldada em tom de tragédia grega, imaginei. E me botei lendo tragédias gregas pra me inspirar. Mas foi impossível sair qualquer

coisa. E agora vem um desses mistérios tão misteriosos da criação. Li trechos dos *Lusíadas*, e nada. Não era questão de línguas que me tornara impossível transpor em vernáculo o tom da tragédia grega. Camões também não me auxiliava. Li Shakespeare, naturalmente. Li, fui descendo pra tons menores, trágicos modernos, e nada. Foi quando, porque, meu Deus! Me lembrei dos bardos celtas.

Não tenho os bardos celtas comigo, a não ser a esplêndida tradução do falso Ossian, feita por Otaviano. A reli. Tive então a necessidade irresistível de ler os bardos verdadeiros. Sabia que tinha na biblioteca do Conservatório um volume sobre eles ou deles, não tinha certeza. Fui buscar. Li. O prazer divino de ler me tomara. Li o que eram os bardos, seus ritos, seus costumes, história e os poucos poemas que a monografia (Ernest David, *La Poésie et la Musique dans la Cambrie*, Paris, 1884) me dava.

Houve um momento em que não pude mais continuar no gozo da leitura, estava de novo transformado em vulcão, sacudido às volúpias sublimes da criação. Uma invocação bárdica aos porcos me impunha a invocação ao grão pequenino, uma frase de louvação dum herói me promovia a estados de ameaça e de ódio. E os textos vieram saindo, inteiramente desordenados, agora este final do primeiro ato, depois um do terceiro, dum jato o cântico paulista do ÊXODO, sem aquela monotonia artesanal que eu pretendia de início.

Mas agora estava me trabalhando e maltratando muito um problema novo, um problema de vaidade talvez. Chegara aos últimos dias do mês e os textos estavam

escritos. Fui reler e fiquei completamente desanimado, estavam detestáveis. Só o CORAL DA VIDA se sustentava melhor. No resto, só alguns versos, algumas imagens, poucas ideias se salvavam. É certo que eu estava espiritualmente exausto, trabalhara por demais. Mas o que havia de doloroso é que eu não tinha a consciência tranquila e não me sentia ainda com direito, sequer com possibilidade, de descansar. E passei alguns dias consertando aqueles textos fraquíssimos, imaginando e compondo versões novas, agora de novo desprovido de qualquer ebulição interior: friamente, compondo versos... ardentes. Até que desanimei e fui honesto. Com direito ou não, eu carecia descansar. Estava treslendo, estava exausto. Era preciso deixar o trabalho, não pensar nele mais, não pensar nunca até que, na calma, refeito de forças, sentisse disposição para o trabalho não mais de criação, mas artístico de compor. E com energia abandonei completamente o poema. E assim se passou o mês amargo de novembro. Mais que amargo, muito doloroso. Porque se eu energicamente repudiava a vontade ansiada de me reler, de voltar ao trabalho, a vontade me atenazava a todo instante. Então a ENDEIXA DA MÃE, horrorosa como estava, se constituiu numa obsessão irrespirável. Até que dezembro ia romper, e a noção ridícula de que chegava ao último mês, o ano ia acabar sem que eu acabasse o *Café* me dominou e voltei ao trabalho.

Ora, o problema de vaidade que vinha se impondo desde os textos acabados era sobre a possível validade independente deles. Os textos estavam feios e isso não tinha importância, mas... Desde início eu me fixara na

disposição de não me interessar pelos textos, como já praticara, e com êxito, no *Malazarte* musicado por C. Guarnieri. É muito sabido já que um ótimo texto não implica música ótima. O mau-gosto dos compositores na escolha de textos e de poetas é fácilimo de provar e não raro versos boçais tem provocado música genial. Na verdade o valor da minha obra estaria na invenção dela, na sua significação tanto estética em sua beleza conceptiva espetacular como artística em sua funcionalidade humana, em sua necessidade. Mas tudo isto só poderia ser realmente valorizado era pela música. Esta é que se unindo como validade à concepção, faria a verdadeira obra-de-arte, a obra-de-arte “teatro”, a obra-de-arte destinada ao público. Só a música pela beleza de sua invenção, e pela clareza fácil de suas linhas, pelo convite convincente dos seus ritmos poderia justificar a concepção e impô-la no seu significado essencial. Enfim, a funcionalidade da obra era teatral.

Ora, os textos, no caso, não passavam de um elemento intermediário, tanto mais que por mais perfeita a dicção dos cantores de ópera, a maioria das palavras se perde na convivência[19] da orquestra e da dramatização. Inda por cima íamos lidar exclusivamente com massas corais em cuja variedade polifônica os textos se perdem por completo. Tratar harmonicamente os corais todos, e nota contra nota, seria um desacerto estético fundamental pela monotonia que acarretava e a indiscrição pragmática, sempre mais odiosa que eficaz. Não podíamos perder de vista a obra-de-arte. Não se tratava nem de longe de demagogia de praça, por mais que o nosso trabalho se destinasse ao público em geral.

De resto sempre sustentei a opinião de que é um erro o artista se “abaixar” até o público, como frequentemente se diz. Ele deve elevar o público até a sua altura de “artista”. E por “artista” entendo firmemente o criador da obra-de-arte, o criador duma coisa que terá sempre um sentido humano, e nunca o técnico perdido em virtuosidades, o esteta refinado esquecido da vida e dos outros homens. Tudo isto pode existir: a técnica mais elevada, o refinamento mais sutil. Pode e deve existir. Só que para o artista verdadeiro tudo isso jamais existirá por si mesmo. Existe para funcionar. Existe para decidir “do” valor da obra-de-arte. Mas jamais para ser “o” valor da obra-de-arte. Toda virtuosidade técnica, todo refinamento de beleza, se adequado, funciona. Funciona irresistivelmente, sem que estejamos em condições de o reconhecer em nossa consciência. Não é preciso perceber o adequado de tal polifonia, a habilidade sobrenatural desta pincelada, a invenção expressiva de tal ritmo pra que eles nos obriguem à submissão. É melhor mesmo que não os possamos distinguir. A beleza prende sem condições. O exame técnico, a análise crítica que podemos fazer, pode aumentar ou diminuir a nossa admiração, a nossa estima, o nosso respeito. Pela obra-de-arte? Absolutamente não. Pelo artista. Jamais essa análise, esse exame nos deixarão naquele estado de fragilidade poética, de deslumbramento, de conhecimento intuído e de destinação ativa que é a finalidade mesma da obra-de-arte.

De forma que os uníssonos, os tratamentos mais simplesmente harmônicos e mais indiscretamente nota contra nota, eu imaginava, só deviam ser empregados

nos hinos, nas frases em que o sentido das palavras fosse tão necessário, tão pragmaticamente necessário que se impusesse a sua audição. Esses eram os trechos feitos intencionalmente para que o público os decorasse, saísse do teatro cantando eles. Mais no resto mais numeroso seria simplório recusar os recursos de beleza e expressividade da polifonia.

Mas que artista fará nunca tudo e só aquilo que pretende!... Se escrevia rapidamente, num semidelírio aqueles textos, se esta ou aquela fraqueza sensível me despreocupava, se tinha apenas a intenção de dar com aqueles versos um motivo dinâmico, uma ordem de orientações para as criações musicais do compositor, e principalmente, se tinha bem consciente que em proveito da beleza eficiente da música, o compositor podia e devia modificar meus textos livremente, cortando, ajuntando, repetindo e o diabo: por outro lado, me era impossível deixar de sentir o agrado em que ficava de uma ideia mais liricamente expressa, de uma invenção, uma imagem, um ritmo mais eficaz como valor artístico. Inda por cima: sabendo o meu tanto de música, o condicionamento de versos, de trechos inteiros à obtenção de um determinado efeito e mesmo de uma exigência técnica exclusivamente de ordem musical, vinham prejudicar inda mais a obra-de-arte nos seus textos, isto é, naquilo que, embora secundário como realidade dela, derivava também da sua essência mesma, do seu assunto e podia, por infeliz, prejudicar a definição ulterior da sua mensagem.

Não pude ser suficientemente humilde e nunca saberei se o possível êxito ou o fracasso igualmente possível do

Café depende deste fato. A leitura dos textos desleixados me deixava horrorizado, me deixava doentio, já falei. A minha obra já me empolgara com tal fatalidade[20] pra que eu a deixasse assim tosca, sem lhe dar tudo o que tinha para que ela pudesse viver livremente. Estranha essa força sobrenatural da obra-de-arte... Quando imperfeita, ela se agarra ao artista, o maltrata, o atenaza, o castiga, não o deixa e o torna um perseguido sem noite nem paz. Mas assim que o artista lhe deu tudo o que podia de seus valores e em sua consciência, e embora sempre insatisfeito, sabe que não a poderia construir mais perfeita, ela corta o cordão umbilical, lhe dá as costas e vai viver livremente.

(Foi divertido. Foi pueril.)

Estava exausto. Então resolvi descansar deixando os textos dormirem na gaveta até que eu os pudesse retrabalhar com mais felicidade. Aí deu-se um fenômeno pueril. Quando fui pra guardar na gaveta aquela papelada imensa (só da ENDEIXA DA MÃE já tinha três versões diversas) não consegui me vencer. Embora certo de não pegar naquilo tão cedo, não sei, tive ciúme, tive a sensação detestável de abandono, de desistência final, se sepultasse aquilo na gaveta. Mais outro entre os mil e um trabalhos abandonados. Peguei com raiva na pasta, a sufoquei sob as várias pastas de outros trabalhos em andamento, estudos de ofício, obras encomendadas, contos do acaso. Mas sempre estava ali, senão visível, sensível à minha vista e ao meu coração. Na verdade, mais que nenhum outro eu “precisei” criar o *Café*. Ele representa um complemento do meu ser, uma

exigência moral do meu ser. É, deve ter sido o resultado de dois anos de amargo exame-de-consciência.

Dezembro chegou e uma reativação muito agradável, muito serena e audaciosa de forças espirituais. A exigência de retrabalhar tudo se impôs naturalmente. E fiz tudo sem sofrimento, sem angústias, muito consciente das minhas limitações. Quando se impôs ao meu espírito a ideia de dar dois finais diversos, um livremente poético, outro solucionador de exigências musicais, para a ENDEIXA DA MÃE, ela já estava em sua décima versão. A que se apresenta agora é pois a undécima, como final literário, que é inteiramente novo. E mesmo de obras resolutamente “menores” como significação poética, cheguei a três, quatro versões. O MADRIGAL DO TRUCO, por exemplo, feito exclusivamente com frases tradicionais, como está foi refeito três vezes por completo.

POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS



 1. POEMAS EM CONJUNTOS
REUNIDOS POR MÁRIO DE ANDRADE

☀ ☀ ☀ 1.1. ANTES DO MODERNISMO[\[21\]](#)



O PRIMEIRO POEMA

[\[22\]](#)



Fio-ri de-la-pá

Ge-ni trans-fé-li gú-i-di nus pi-gór-di

Ge-ni-trans fe-li gu-i-nór-di

Ge-ni

Já de púrpura e zarcão
Tonalizando-se vão
Moitas, bosquetes e grama,
Uma dríada outras chama

- 5 E passam em tropelias
As nudezas alvadias
De loiras ninfas em bando
Galopando.

- 10 Pelos relvados oblongos,
De mãos unidas em longos
Cordões, hílares, ovantes,
Elas bailam palpitantes

- Os calínicos sensuais.
Animam-se mais e mais,
15 Helecimente incautas,
Ao ziar das flautas.

 SONETO [\[24\]](#)

Tanta lágrima hei já, senhora minha,
Derramado dos olhos soffredores,
Que se foram com elas meus ardores
E a ânsia de amar que de teus dons me vinha.

5 Todo o pranto chorei. Todo o que eu tinha,
Caiu-me ao peito cheio de esplendores,
E em vez de aí formar terras melhores,
Tornou minha alma sáfara e maninha.

E foi tal o chorar por mim vertido,
10 E tais as dores, tantas as tristezas
Que me arrancou do peito vossa graça,

Que de muito perder, tudo hei perdido!
Não vejo mais surpresas nas surpresas
E nem chorar sei mais, por mor desgraça! [\[25\]](#)



ÉCLOGA

(IMITADO DE ALBERTO DE OLIVEIRA)[\[26\]](#)

Tirsis, enquanto Melibeu procura
Esgarrado caprídeo, sonolento
Deita-se à sombra de pinhal e o vento[\[27\]](#)
Escuta, olhando os cirros pela altura.

- 5 Chega porém das vargens Nise pura,
Que o tem preso a seus pés, e ele, sedento
De amor, mais o de sonhos lesto armento
Guarda, que esse, de capros, na planura.

- Passa-lhe a ninfa ao lado. Ele então muda
10 O olhar para essa frol de primavera,
E diz, vendo-lhe os lábios e o regaço:

- Ai, se eu pusesse, em vez de à frauta ruda,
Minha boca na tua, não tivera
Então escuro o engenho, e o corpo lasso.

O meu peito é uma sala de castelo,
Sala deserta, sala muda, fria,
Sem um riso de flor, sem a alegria
Duma açafata ou de algum pajem belo.

5 Solenidade e poeira. Fora o dia,
Festa do azul, do róseo, do amarelo,
Mas dentro apenas o ligeiro anelo
Da luz mortiça duma fresta esguia.

Paredes guarnecidas de veludo,
10 Alfaias, móveis, almadraques, tudo
Cobre a penumbra com seu olho absorto.

E há o retrato do meu antepassado,
O meu eu de criança abandonado,
O meu primeiro coração, já morto.

Dos altos escarcéus deste oceano que encerro
A barulhar, bulhento e rábico no arcano, [\[30\]](#)
Sai às vezes um choro, um lamentoso berro [\[31\]](#)
Semelhando o estertor final dum ser humano...

- 5 Surpreendido estremeço. Apresto ouvidos. Erro
Dentro de mim, ouvindo o lamentar vesano...
Quem morre no meu peito! E medroso me aterro
E, exausto, à maior dor a minha dor irmano. [\[32\]](#)

- Alguém morreu. O eco inda plange em triste grito.
10 E o morto, esse ladrão que me rouba a alegria,
Boia dentro de mim entre vagas e escolhos.

Ah, se às vezes eu fecho os cílios é, de aflito,
Recear que o vagalhão duma lágrima fria
O cadáver atire à praia dos meus olhos.

Quando com a aurora surge o dia, a casa
Estende no terreno a sombra informe[34]
Que pouco a pouco diminui, conforme
Sobe e caminha no alto o sol em brasa.

5 Ao meio-dia, quando o espaço dorme,
A sombra é nula na parede rasa;
Depois, até que o sol no poente jaza,
Vai crescendo e estendendo a cauda enorme.

E avançando de rastros pela alfombra
10 Penetra aos poucos o negror profundo
Da noite, e vaga, vil, desaparece.

Sombra na terra, sombra n'alma – mundo
De sombras... Tudo, nesta vida, é sombra
Que cresce, que decresce, que recresce.

Eu fechei os meus lábios para a vida
E a ninguém beijo mais, meus beijos são
Como astros frios que, de luz perdida, [36]
Rolam de caos em caos na escuridão.

- 5 Não que a alma tenha já desiludida
Ou me faleçam os desejos, não!
O que outrem prejulgara uma descida,
É subir para mim, elevação!

- Vejo o Calvário por que anseio, vejo
10 O Madeiro sublime, “Glórias” ouço,
E subo! A terra geme... Eu paro. (É um beijo.)

A moita bole... Eu tremo. (É um corpo.) Oh Cruz,
Como estás longe ainda! E eu sou tão moço! [37]
E em derredor de mim tudo seduz!...

Maldito sejas tu, homem, que ao corpo espelhas
Odiento e vil um outro eu mesmo! Sê maldita,
Mulher, em cujo olhar, de límpidas centelhas,
Não olho sem que nele o meu rosto reflita!

- 5 E tu, sol, que a incitar as malditas parelhas
Do plaustro, vens trazer para a dor infinita
Do meu remorso, os dias áureos e as vermelhas
Tardes que entram a rir na minha alma precita!

- Maldita a brisa que descobre e que reconta!
10 E o lago que oferece a vidraça ampla e nua!
E o galho que indigita! E o rochedo que aponta!

Venha a noite! Oh! maldita a noite negra, cheia
Da treva que me insula e despe! Venha a lua!
Maldita a lua que me esboça sobre a areia!

O alto fulgor desta paixão insana
Há-de cegar os nossos corações
E deserdados da esperança humana
Palmilharemos por escuridões...

- 5 Não mais te orgulharás da soberana
Beleza! e eu, minhas cálidas canções
Não mais dedilharei com mão ufana
Na harpa de luz das minhas ilusões!...

- Pela realização que ora se ultima
10 Vai apagar-se em breve o alto fulgor
Que te inflama e ilumina o meu desejo...

Como no último verso a última rima,
Eu deporei, sem gozo e sem calor,
Meu derradeiro beijo no teu beijo!

Não tem ninguém por si, ninguém que o estime.
Percebe em todos natural repulsa.
Sorri. Ninguém sorri. E, à dor que o oprime,
Sai-lhe a risada, esgar, torta e convulsa.

- 5 Jamais pratica um mal, jamais um crime
Dentro em seu peito encontra abrigo e pulsa:
Mas vai, sem ter um ombro a que se arrime,
De coração sem eco, de alma avulsa.

- Desde que assim se viu perdeu a calma,
10 Busca em ânsia um amigo e ao grande mundo
Só vê desertos a florir abrolhos...

Até para chorar, no fundo da alma,
Precisou de cavar um poço fundo
Onde escoassem os prantos dos seus olhos.

Nas tuas magras faces macilentas,
Mesmo que o brilho dos salões tu pises,
Mostram-se os sofrimentos que não dizes,
Vastos martírios, agonias lentas.

5 Mil sutilezas, mil ardis inventas
Para alegrar teus olhos infelizes,
Mas qual! no teu olhar há cicatrizes
De mágoa, há prantos, há talvez tormentas.

Rias embora, escuta-se em teu riso
10 Toda a ironia da desesperança,
Todo o sarcasmo da infelicidade...

No próprio passo teu, curto, indeciso,
Sente-se, moço, que a velhice avança,
Surpreendendo-te em plena mocidade.



I

Na mocidade corajosa e forte,
Abandonando as ilusões vadias,
Através de verões e de invernias,
Sem desconfianças, afrontando a morte,

- 5 Calmo, sorrindo sobranceiro à sorte,
Transpondo pessimismos e heresias,
Fui em busca de ti, que me sorrias
Na mocidade corajosa e forte.

- Viajei a vida, o mar que desengana
10 E vagalhões de lágrimas enrasta
Contra os assomos da esperança humana.

Voltei, das horas juvenis ao coro,
Trazendo como esplêndida conquista,
Teu coração, meu velocino de ouro.

II

- 15 Voltei, como Jasão voltando de Argos,
Trazia o teu amor, mas o perdi,
E hoje, a primeira vez curtindo amargos
Pesares, sinto-me infeliz sem ti.

Tantos foram os males e os embargos!

20 Tantos naufrágios pelo mar sofri!
Mas pude enfim, sobre os meus ombros largos
Carregando o teu corpo, vir aqui...

E agora, despojado, sem futuro,
Sinto às espáduas muito mais pesar
25 A indiferença do horizonte escuro...

Oh voltas da fortuna singular!
Como Jasão pude vencer, seguro,
Mas, como Eneias, fujo a cambalear!

III[43]

E, como Ulisses, vou partir à toa.
30 Nalguma landa regelada, ao fundo
Do hemisfério do sul, onde infecundo
Não brilha o sol que dentre as brumas coa,

Batalhador sem pré, meditabundo,
Com o gelo que se racha e se esboroa,
35 Buscarei levantar outra Lisboa,
Maior! maior! a capital do mundo!

Dominando meu reino, a defendê-lo,
Subirão as mil torres da cidade
Maldita, lacerando o céu traidor...

40 E morrerei, sem prantos, sobre o gelo
Vendo os mil punhos da infelicidade

Erguidos contra a vida e contra o amor!...

1

Por mais que a tristeza escondas,
Nunca a escondes muito bem,
É como o sulco das ondas,
Surge ora aqui, ora além.

2

5 Tantos peixinhos nas águas,
Tanta escama dos peixinhos,
No coração tantas mágoas,
Das mágoas tantos espinhos.

3

Prazer que mais se deseja
10 Quanto mais custoso e incerto,
Espuma branca que alveja
Mais de longe que de perto.

4

Na vida só brotam mágoas,
No mar, bolhas entre escolhos,
15 Há olhos de luz nas águas,
Há luzes de água nos olhos.[45]



Este feliz desejo de abraçar-te,
Pois que tão longe tu de mim estás,
Faz com que te imagine em toda a parte
Visão, trazendo-me ventura e paz.

5 Vejo-te em sonho, sonho de beijar-te;
Vejo-te sombra, vou correndo atrás;
Vejo-te nua, oh branco lírio de arte,
Coroando-me a existência de rapaz...

E com ver-te e sonhar-te, esta lembrança
10 Geratriz, esta mágica saudade,
Dá-me a ilusão de que chegaste enfim;

Sinto alegrias de quem pede e alcança
E a enganadora força de, em verdade,
Ter-te, longe de mim, juntinho a mim.



Sob o seu roupão de cambraia,
Com os olhos largamente abertos,
Desde que a aurora aos montes raia,
Ela anda nos salões desertos.

5 Nas salas ermas do edifício,
Onde há silêncio, onde há mistério,
Ela passa como um bulício
De rezas num eremitério.

Dos quadros olham-na sorrindo
10 Infâncias, condes e donzelas...
E ela, os longos olhos abrindo
Passa horas longas nas janelas.

Por vezes, pelas tardes frias,
Quando é tudo sombra e repouso,
15 Ela desce as escadarias
E vagueia no parque umbroso.

E pelos canteiros de malva
Os seus olhos mornos espraia,
Sua tez é muito mais alva
20 Do que o seu roupão de cambraia.

Vem o vento. São alaridos
De enlaces machucando sedas...

Seus cabelos são tão compridos
Que arrastam pelas alamedas.

25 Raios de luar, quais serpentinas,
Jazem nos canteiros oblongos,
As suas mãos são finas, finas,
Os seus dedos são longos, longos.

E ela chega aos severos muros
30 Que a prendem como almas humanas,
E então fecha os olhos escuros
Com o centímetro das pestanas,

E enquanto volta pensativa
E a lua pelo céu desmaia,
35 Uma lágrima fugitiva
Rola em seu roupão de cambraia.

E ela volta. E pisa o mosaico
Das solenes escadarias.
Depois reclina-se no arcaico
40 Leito de ébano e pedrarias

E dorme. Dedos enlaçados,
Boca entreaberta, olhos abertos.
E fantasmas de antepassados
Rondam pelos salões desertos.

45 Entram e saem pelas portas
E se debruçam nas janelas,
E no luto das horas mortas

Formam tristíssimas sequelas.

Finos nobres de ambos os sexos,
50 Da mais alta e mais pura laia,
Passam ante ela e genuflexos
Beijam-lhe o roupão de cambraia.

Num cravo de sândalo e prata,
Unindo as cabeças formosas,
55 Um pajem lento e uma açafata
Dedilham músicas mimosas.

Nos dois lânguidos tocadores,
Com o som do cravo, se acentua
Uma dor cheia de pudores
60 A luz assombrada da lua.

Mas enquanto as janelas pasmas
Olham com grandes olhos pretos,
Os alvos, trêmulos fantasmas
Dançam pavanais e minuets.

65 Mas a última princesa dorme
Até que a aurora aos montes raia,
Envolta num letargo enorme
E no seu roupão de cambraia...



Alma que passas ao lado,
Peito tão triste como eu,
Não bate em ti, ansiado,
O amor que responde ao meu?...

5 Quando tu passas ligeira,
Sozinha e alegre a cantar,
Eu que choro a vida inteira,
Eu rio em vez de chorar.

O amor deixa n'alma louca
10 Uma lembrança amargosa;
Caju, que é fruta gostosa
Deixa um aperto na boca.

Eu peno todas as dores
Com este amor que Deus me deu;
15 Quem achou os seus amores
A si mesmo se perdeu.

Amor é barquinho esguio
Surcando as águas do mar,
- O mar não é como o rio
20 Que é fácil de atravessar.

Fossem todas as desgraças,
Dessas que acabam com prantos,

E oh vida que vais tão lenta,
Serias cheia de encantos.

25 Todos olhava em solteira,
Em noiva, só o escolhido;
Hoje, casada e caseira,
Não olha nem o marido.

Menina de fita e renda
30 Na janela a namorar,
Não é casa posta a venda,
É casa por alugar.

Tantas dores me dominam,
Tantas mágoas tenho tido,
35 Que até meus risos terminam
Numa espécie de gemido.

Por trás da cerca uma estrada,
Por trás da estrada um ipê,
Por trás do ipê outra cerca,
40 Por trás da cerca... você.

☀ ☀ ☀ 1.2. POESIAS 1924-1933[\[49\]](#)

Com este calor quem dormiria...

A escuriza se ajunta em minha rua,
Encapuça a cabeça alemã dos lampiões.
Eu careço de alguém...

5 Meus olhos catam a escuridão
Porém calor somente se mexendo
Sob a vigilância implacável dos astros.

Parece que os burgueses dormem...
Casais suados

10 Virgens vazias
Crianças descobertas...

O que mais me comove é pensar nos solteirões.
Os solteirões mastigam o silêncio.
Os solteirões viram de lado

15 Ofegando em suspiros apertados.
São sonhos imorais...

A noite hesita em seguir pra diante.
De repente se deita nas hortênsias!

E eu velo...

20 Eu velo o sono dos burgueses,
Condescendentemente.

Neva, que medonho! neva sobre o corpão do Brasil.
Cai neve, a neve torva feito o som medonho do boré.

As gralhas azulam no campo buscando as restingas
de mato.

O papagaio-trombeta que veio dos pampas gaúchos
5 Inda pôde descer no puf de arminho do coqueiro,
Mas não teve força mais, ai! papagaio, coitado!
Despencou morto no gelo do chão.

O caipira encafifou, fechou a porta da casa,
Foi lá dentro esquentar na beira resinenta do fogão.
10 Não falou nada. Fumava, num desespero danado.
A mulher dele ia de cá pra lá gelada sob o xale de
verão.
De repente suspirou: – O nosso mate novo...
– Paciência, Catarina... A gente planta outra vez.

Cai neve, a neve torva feito o som medonho do boré.

15 Em Curitiba estão se rindo, fazendo bonecos,
jogando pelotes gelados.
A piazada goza que nem tupinambá diante do rei de
França.
Cai neve... A natureza macambúzia, saudades do
verde nosso,
É mais cinza que branco, é mais inútil que tristonha...

Neve medonha feito o som medonho do boré.

20 Bom, mas isso é só de muito longe em muito longe,
No geral faz Só-Sol sobre o corpão do Brasil.

 BURRADAS[52]
(TEMPO DA MARIA)
(1926)

Porém nunca eu aceitaria
Arranjos como o de Musset...

Eu pisaria sobre minha mãe e minha irmã
desonradas,
Como ela passaria junto dos filhos
5 Sem mesmo se rir pra esses desconhecidos
chorando...

Olharíamos conscientes a raiva dos homens,
O desespero invejoso dos homens não nos atingiria
mais,
E vivendo junto de tudo, na solidão mais formidável,
Com cinismo guaçu, com cinismo de heroísmo,
10 Nós realizaríamos o amor.

Nos insultariam com todos os aviltamentos menos
um,
Ninguém nos chamaria de covardes,
Porque seríamos os seres mais desinfelizes que vida
criou,
Porém nós realizaríamos o amor!

15 Não teríamos um risinho sequer na boca ardendo,
Em nosso êxtase não avoaria um passarinho de
alegria,

Uma aragem de prazer não brisaria em nosso
encanto inconcebível,
Nem uma gota de gozo orvalharia nossa vertigem
sublime,
Porque nós somos como o verão do Brasil...

20 Seríamos a magrém, uma ensolarada magrém
incomparável,
Seríamos amantes e serenos, e seríamos
severamente castos,
Porém nós realizaríamos o amor!...

Libertos da Terra, dos homens e das virtudes
dos homens,
Libertos da felicidade e das infelicidades conhecidas,
25 Livres! livres de tudo e esquecidos de Deus, Senhor
nosso,
Nós não seríamos mais livres!
Não teríamos a liberdade de aceitar um sacrifício,
Não teríamos a liberdade de nos agasalharmos na
dor,
Diabos fatalizados pelo sol de verão que alumia
e decreta a verdade das coisas,
30 Nós não seríamos mais livres!...

Porém nós realizaríamos o nosso amor!

 MAIS BURRADAS
(TEMPO DA MARIA)
(1926)

Se você se apoiasse um momento em meu peito,
Maria,
Eu havia de me inclinar um pouquinho pra frente,
Sobre você meus olhos úmidos haviam de chover
chuvas de brilhos,
Que nem os ramos do ingazeiro na praia curta dos
corgos...

- 5 Eu não havia de falar nenhuma das palavras que
hoje falo,
Na certa que minha boca estaria rindo esse riso entre-
aberto,
Esse riso sem bulha nenhuma dos espantos bem-
aventurados...
Maria, nas alturas muito grandes como a do
Corcovado,
Quando a gente enxerga lá embaixo as cidades ao
sol,
- 10 Bem se sabe que vida, que palpitação estridente
anda lá...
Porém a gente não escuta nada e a cidade rebrilha
esticada na luz...
Eu ficava junto de você que nem a cidade enxergada
de longe no sol...
Porém você havia de sentir a bulha do meu sangue, o
galope do meu pensamento,

Todo o meu ser esticando estalando na paixão,
multiplicado...

- 15 Amo você com a luta-pela-vida das cidades!
Você perceberia tudo isso e havia de me olhar se
dando mais...

Pois meus braços haviam de suspender o peso de
você, por gosto,
Mas só por gosto não, pela fatalidade procurada,
E então seria o momento da sombra chegar...

- 20 Eu enlaçaria você de supetão no meu amor que tem
a escuridão da noite,
E longo, lento, brilhante, úmido, maravilhado,
Nasceria apagando tudo, devorando tudo e nos
esquecendo da Terra,
O beijo desta boca apaixonada...



ELA É COMO O VERÃO...



(TEMPO DA MARIA)

(1926)

Ela é como o verão, e na escuridão calma dos olhos dela

Relampeiam os entusiasmos sossegados da plenitude,

Eu a vejo de pedra, bem rija, de-pé,

Dura, no perfil duro, resplandecente sobre toda a criação.

- 5 Duro, reto, com a cabeça escondida nos pés dela,
Vejo um homem de bruços, abatido no chão.
Ele esconde naqueles pés imóveis os olhos sem sono
Porém não sabe mais chorar, esturricado pela insolação.

- Careço que ela não tenha um gesto de piedade,
10 Careço que ela não chore de misericórdia,
Que não tenha uma palavrinha de consolação.
Porque tudo voltaria em reflorescimento novo,
Eu lhe falaria novamente os nossos insultos passados,
E seria insuportável a volta da humilhação.

- 15 Ela é como o verão...
Pois que seja a magrém, uma ensolarada magrém incomparável...

Careço que tudo pare, tudo seque, tudo morra em
meu verão!

Careço que ela fique de pedra, bem rija, de-pé,
Dura, no perfil duro, resplandecendo sobre toda a
criação!



LEMBRANÇAS DA MARIA[53]



(MODA SAFADA)

(1927)

Vivo gozando[54]
Vida atrapalhada,
Vida gostada
Como a de ninguém;

5 Ai, vida, vida,
Vida comovida,
Vida arreliada,
Eu te quero bem!

Ninguém se assuste
10 Sabendo algum dia
Que da sua Maria
Mário se esqueceu:
Eu vivo em tanta,
Tanta estrepolia,

15 Que donas santas
Eu deixo pro céu.[55]

Dona Maria,
Dona chique e pura,
Ai, perfil duro
20 Que não pude amar,
Ando atrasado!
Tudo o que é memória
Eu deixo agora

Pra poder gozar[\[56\]](#)

25 A vida boa,
Vida de Lisboa,
vida coisa à toa,
Vida de uís e de ais!

Ai, vida, vida,
30 Vida comovida,
Vida apertada,
Não se acaba mais!...[\[57\]](#)



POEMA DE AMIGA



(9 de agosto de 1929)

Teus olhos, flor de casa,
São que nem mariposas
Brincando nesta Remington. [\[58\]](#)

Eu temo que um dos tipos
5 Batendo sobre a folha
Machuque as mariposas.

Não gosto da lembrança
Que me persegue às vezes
De algum detalhe teu;
10 Vejamos, flor de casa, [\[59\]](#)
Teus olhos são inúteis
Para eu pensar em ti!

Os olhos que eu te penso
E com que, flor de casa,
15 Me podes alumiar,
São bem olhos amigos [\[60\]](#)
Que viverão comigo
Sem rir e sem chorar.



Tosca PELO ALTO-FALANTE [\[61\]](#)



(23 de março de 1930)

Não grita muito, é uma tarde de março.

Ter paciência com as moças que roubam as rosas
doparque,

Estas rosas... Há um suspiro tão longo de
imobilidade,

Se sente a noite estremecer por detrás da clareza.

5 O preto não combina feito um som de cucumbi.

Está bom. Manejos, piqueniques de olhares, namoros,

Depois será o cinema no Brás, favorável ao sol.

Há uma pureza detalhada e minhas mãos movem
serenas

Um gosto de vento nas saias das moças.

10 Está mesmo muito bom. Meu banco pede
companheiros.

Ninguém me responde ao sorriso que nasce dum bem
para dar,

E eu mordo cambucis.

Os veículos estralam como deuses.

A Tosca atira-se da torre do Palácio das Indústrias

15 E cai todinha em meu perdão.



NOVA CANÇÃO DO TAMOIO



(1931)

Entregue-me o espírito,
Carregue na força,
Disfarce o tamanho
Da bolsa mineira,
5 Revolte-se contra,
Descubra petróleo,
Não tenha bichinho,
Controle a virtude,
Entreabra os ovários,
10 Fecunde com o vento.

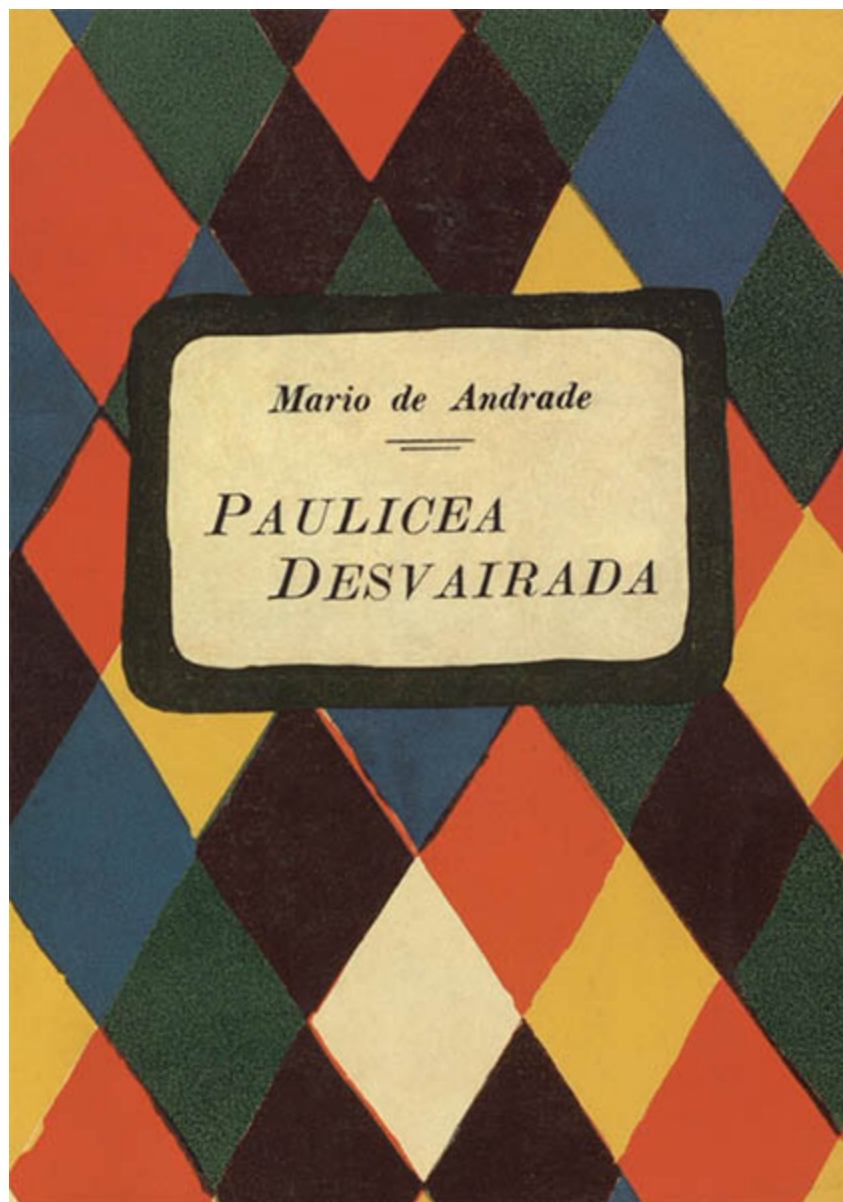
Depois, com malícia,
Transporte o seu vício
Pras costas da Mãe.
Ponha o seu retrato
15 Em todos os records,
Só pratos do dia,
Recortes das folhas,
Lampião (mas é intriga),
Russo condestável,
20 Chicago no leme:
E então é possível
Ir ver Margarida.

Porém não insista
E leve os gerânios.
25 Cosquinhas, alardes,

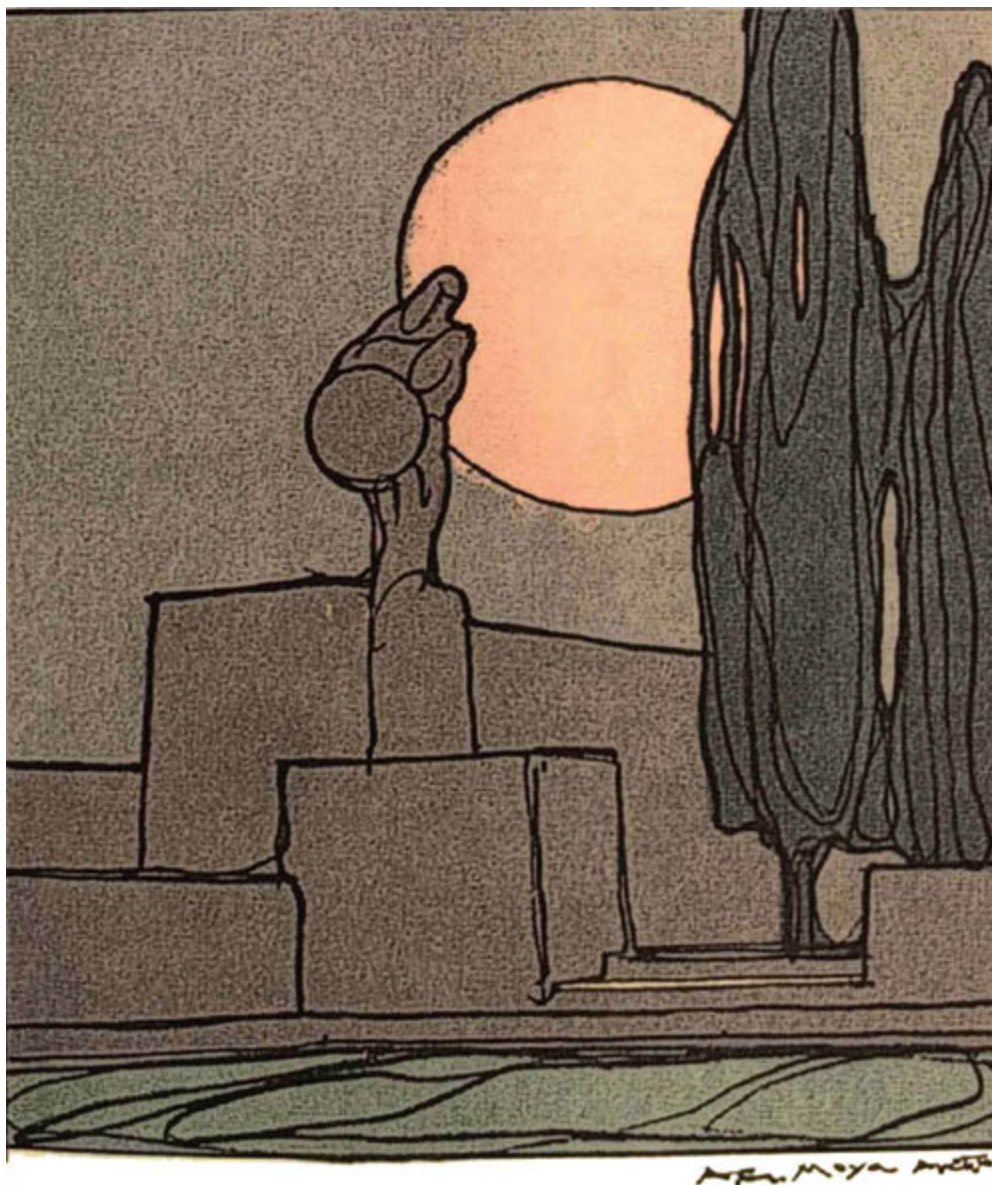
Dos autos sensuais.
Vem o soberano
Gozando a explosão:
No peito! no peito!
30 Mas sem hesitar!
Que a faca de ponta
Dá corte sem dor.

Agora é só espírito,
Desista da força,
35 Vem a cruz descendo
Do alto Corcovado,
Músicas e incensos
Corcovam no vento
Mas sem fecundar...

40 Lamento, seu mano,
É um duro combate;
Eleve ou abata,
Viver é lutar.



Convite para o baile de Carnaval da Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM), em São Paulo, 16 de fevereiro de **1933**; ilustração Lasar Segall.



Poema de Mário de Andrade no convite
(Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).



O elefante, o grilo, a cunhã,
Policiadamente insensatos,
Espicham, pincham feito gatos,
Pra ver, na cidade de Spam,

- 5 Dão Momo, príncipe galã
Com seu séquito sem respeito,
Receber honras do Prefeito
Da heroica cidade de Spam.

E se abre a farra fanfarrã!

- 10 Doutores, mendigos, exóticas
Pernas, carruagens estrambóticas
Barcarolas a rataplã,
Heróis nascidos na antevéspera,
Jogadores de box e víspora,
15 Esporas, cascas, besta ruã...
É a fauna urbana e suburbana
Dançando o fox, a querômana
Corda bamba, valsa alemã
Samba, tango, jongo e bolero!

- 20 Vinde ver isso ao Trocadero
Na carnavalada de Spam!

 2. POEMAS PUBLICADOS
POR MÁRIO DE ANDRADE EM JORNAIS E REVISTAS

Fino, límpido rio, que assististe,
em épocas passadas, nas primeiras
horas do dia, à despedida triste
das heroicas monções e das bandeiras;

5 meu Anhangabaú das lavadeiras,
nem o teu leito ressequido existe!
Que é de ti, afinal? Onde te esgueiras?
Para que vargens novas te partiste?

Sepultaram-te os filhos dos teus filhos;
10 e ergueram sobre tua sepultura
novos padrões de glórias e de brilhos...

mas dum exílio não te amarga a ideia:
levas, feliz, a tua vida obscura
no próprio coração da Pauliceia!

Em orações febris ela pedia
Que Deus pusesse um fim a seus tormentos.
À noite confiava, aos céus e aos ventos,
A mágoa de viver sem alegria.

- 5 Mas ninguém escutava tais lamentos:
Aquele a quem amava lhe sorria
Com desprezo, tornando mais sombria
A vida de suplícios incruentos.

- Neste duro martírio comovente,
10 Um desastre da *Light* atinge a bela,
Que logo indenizada do acidente,

Não mais chorou, em ânsias, à janela...
É coxa, mas é rica e ele consente,
Só por piedade, em se casar com ela.



Clangorem lavas, pois que os vesúvios estrugem,
Ribombem os canhões e haja gritos nas chagas;
Arfe o oceano, rangindo as escamas das vagas,
no lançar contra o espaço o labéu da salsugem!...

- 5 Empine-se o corisco entre as nuvens presagas,
Pois que a chuva borbota a diluvial babugem,
E – aos cem mil – os trovões acachoeirados rugem.
Os trocaicos do poema horrífico das pragas!...

- Esbraveje o simum por sobre as caravanas,
10 Apagando, ao vozear, tantas vozes humanas,
Fazendo o chão subir junto aos leques da palma!...

Ruja, rouqueje todo som e todo arruído:
Mas que eu não ouça mais o tremendo estampido,
O infernal estridor das tempestades d'alma!

Caridade é sofrer. É ser perfeito,
e se partir, à forte luz solar,
sem pedir sombra a um teto, sono a um leito
nem amor ao amor que desperdiçar.

- 5 A vida será sempre, com efeito,
ingrata e má a quem quiser levar
um pouco de doçura a cada peito,
um pouco de esplendor a cada lar.

- Como Paulo ou Jesus, que iam no mundo
10 perdoando e amando o poviléu imundo,
que os cobria de apodo e maldição:

Se alguém te ofende dentre a turba estulta,
beija tu mesmo a boca que te insulta,
limpa esse lábio com o teu perdão!

Morrer como Mozart!... Deixando a face
da terra presa a um fúnebre lamento...
Aguaceiros, trovões nesse momento,
como se, à dor, o próprio Deus chorasse...

- 5 Sem ter quem visse, a lampear fugace
do raio, onde o coveiro hirto praguento,
nessa vala-comum do esquecimento
meu inútil cadáver atirasse...

- Se, como a dele, em prantos, no outro dia
10 uma mulher me fosse levar flores,
ninguém o meu lugar lhe indicaria...

Morrer como ele, inteiramente ao mundo!
– Mas, por ter perpetuado as minhas dores,
surgir na glória, como um Sol fecundo!...

 OBSESSÃO [\[67\]](#)
(1921)

... Na noite boca aberta num bafo rescaldo de mato
Escravos cabindas bum-bum bailam...

Lentos, lânguidos, olhos palermas, dentes brancos,
Escravos cabindas batendo umbigadas...

5 Vem do escuro da noite o convite carnal das
sovacas, [\[68\]](#)
Os negros remexem ardentes batendo umbigadas...

Os negros resfolegam fungando batendo
umbigadas...
Primeiros corpos fugindo na sombra da noite...

Os negros fungando rolando na sombra da noite...

10 Últimos arrancos do samba bum-bum banzo
No bodum grosso dos corpos largados...



Eu quisera ser soldado!
Mas não para batalhar!
Para andar todo fardado,
e gente na rua a olhar.

5 Gente que entenda a beleza
e a glória deste viver.
Ser soldado é uma nobreza
que todo homem deve ter.

Ver as belas, portas fora,
10 porque o batalhão lá vem;
como fizeram outrora
a Cristo, em Jerusalém!...

Passar, e lembrar que quando
elas estiverem sós,
15 vão pensar, ficam pensando
nos mais bonitos de nós!...

Quando se é forte e se é novo,
é desejo de qualquer
andar nos olhos do povo
20 - de povo em que haja mulher.

Eu quisera ser soldado!
Mas não para batalhar!

Para andar todo fardado
e gente na rua a olhar.

25 E, penso que não é crime,
pode ser que alguma vez
encontre alguém que me estime
e que eu adore... Talvez...

Talvez ache quem me queira,
30 dois olhinhos cor do céu
duma honesta companheira,
transparente como um véu!

Duas longas, loiras tranças
onde se enrosque o matiz
35 destas verdes esperanças
de pobre, que nem Deus quis!

Eu triste, ela branca, amiga
e boa como Jesus!...
- Vamos ver como se liga
40 tanto pó a tanta luz!...

Eu quisera ser soldado!
Mas não para batalhar!
Para andar todo fardado,
com um ar de... Sem nenhum ar.

 ASSUSTADO [\[70\]](#)
(1922)

Ontem dançaram.

Casa expandongada.

Retratos bêbedos se agarrando nas molduras.

Salas cruas

5 Sem maquilhagem de tapetes almofadas bem-estar.

O piano está subindo a escada.

O pó deitou no chão exausto

Burguesice insultante...

Comentam os sucessos.

10 Comeram tudo, o jazz era bonzinho,

Doutor Tal, dona Tal, louças quebradas...

O papelote espiritual do estar-a-gosto...

O Nu em família.

Tédio inabitável!...



Franzina,

Estrangeira, londrina,

Sobre os ombros a névoa do organdi...

Reaparecida em minha sensação!

5 Estávamos os dois quase juntos, juntinhos,

Povo

Parque Antártica

Insulados na multidão erva de campo indiferente.

Era gostoso estar assim unidos

10

esquecidos...

Qual o teu nome? o meu?

Seguindo a bola.

Campeonato

APEA

15

Taça

Os dois apaixonados pelo jogo.

Por nós.

Falta muito?

- Dez minutos.

20

- É agora!

E foi. Bianco avançou demais; Guariba... não; Netinhocentrou; Mário caiu, mas Formiga emendou e a bola...

Friedenreich!

Goal!
25 Delírio-vinho!
Alegria bacante!
As Grandes Dionisíacas!
Elaphebolion em dezembro!
Alle-goak, goak, goak!...

30 Olhaste-me brasileira
Paulistano
Com duas lágrimas nas hortências dos teus olhos;
E teu ombro apoiou-se no meu peito de rapaz...
Asa de pomba! asa de pomba de organdi!...

35 Franzina,
Reapareces-me agora na lembrança,
Doce como a pálpebra que se fecha para o sonho...
Ai! saudade de amor!
Ai! sublime tortura!
40 Ai! memória de peito comovido
Onde poisa macia uma asa de mulher!...

Véspera de São Pedro...

Inda se usa fogueira na fazenda!

... rojões, traques danças ao
longe...

A Hupmobile na garagem...

5 Dentro dum mês, grande inauguração da máquina
debeneficiar café, movida a eletricidade.

Comp. Força e Luz

de Jaú

Matão

Brevemente telefónio

10 Comfort

Comfortably

Iluminação a giorno...

Só falta um galicismo!...

A caieira cantarola...

15 E aos pinchos

labaredas

a cainçalha das labaredas

rápidas

múltiplas

20 levadas pelo vento vertical...

Explode a fogueira

fagulhas no espaço

velozes
 milhares
25 espuma de fogo
 baralhando-se com as estrelas...

Curioso!
Não há Dona Marocas
nem vestidos de cassa
30 nem outros assuntos poéticos nacionais...

É a noite papal de São Pedro
Faz um frio silencioso
Umas crianças
 traques
35 saltos
 gargalhadas
derramando reflexos vermelhos
pelos braços, olhos, lábios, pernas, cabelos selvagens

Encravadas na escuridão
40 as estrelas internacionais

O verso-livre milagroso da Via Láctea

Um mugido assustado na várzea

Mais nada.

 O FOGO RUDIMENTAR.



a Graça Aranha

Imobilidade aos solavancos.

Mário, paga os 200 réis!

Ondas de automóveis

árvores

5 jardins...

As maretas das calçadas vêm brincar a meus pés.

E os vagalhões dos edifícios ao largo.

Viajo no sulco das ondas

ondulantemente...

10 Sinto-me entre mim e a Terra exterior.

TERRA SUBCONSCIENTE DE
NINGUÉM

Mas não passa ano sem guerra!

Nem mês sem revoluções!

Os jornaleiros fascistas invadem o bonde, impondo-me a leitura dos jornais...

15 Mussolini falou.

Os delegados internacionais chegaram a Lausane.

Naturalmente o Brasil vai mandar Rui
Barbosa... [\[75\]](#)

Ironias involuntárias!

Esta mulher terá sorrisos talvez...

20 Pouca atração das mulheres sérias!

Sei duma criança que é um Politeama de
convites, de atrações...

As brisas colorem-me os lábios com as rosas do
Anhangabaú.

Sol pálido chauffeur japonês atarracado como um
boxista.

Luz e força!

25

Light & Power

Eu sou o poeta das viagens de bonde!

Explorador em busca de aventuras urbanas!

Cendrars viajou o universo vendo a dança das
paisagens...

Viajei em todos os bondes de Pauliceia!

30 Mas em vez da dança das paisagens,
contei uma por uma todas as rosas paulistanas[76]
e penetrei o segredo das casas baixas!

Oh! quartos de dormir!...

Oh! alcovas escuras e saias brancas de
morim!...

35

Conheço todos os enfeites das salas de
visitas.[77]

Almofadas do gato preto;

lustres floridos em papel de seda...

Tenho a erudição das toalhas crespas de
crochê, sobre o mármore das mesinhas e no
recostodos sofás![78]

Sei de cor milhares de litografias e
oliogravuras!

40

Desdêmona dorme muito branca

Otelo, de joelhos, junto ao leito, põe a mão no
coração.

Have you pray'd to-night, Desdemona?

E os bibelôs gêmeos sobre os pianos!

A moça está de azul

45

Ele de cor-de-rosa...

Valsas lânguidas de minha meninice!

Em seguida: Invasão dos Estados Unidos.

Shimmyficação universal!

O fox-trot é a verdadeira música!

50 Mas Liszt ainda atrai paladares burgueses...

Polônias interminavelmente escravizadas!

Paderewski desiludiu-se do patriotismo e
voltou

aos aplausos internacionais...

Como D'Annunzio.

55

Como Clemenceau.

Os homens que foram reis hão

de sempre acabar fazendo conferências?!...

Mas para mim os mais infelizes do mundo

são os que nascem duvidando se são turcos ou
gregos...

franceses ou

alemães?

60

Nem se

sabe a quem pertence a ilha de Martim Garcia!...

HISTÓRIA UNIVERSAL EM PEQUENAS
SENSAÇÕES

Terras-de-Ninguém!...

... como as mulheres no regime bolchevista...

No entanto meus braços com desejo de peso de corpos...

65 Um torso grácil, ágil, musculoso...

Um torso moreno, brasil...

Exalação de seios ardentes...

Nuca roliça, rorada de suor...

Uns lábios uns lábios preguiçosos esquecidos n'um beijo de amor...

70 Crepito.

E uma febre...

Meus braços se agitam.

Meus olhos procuram de amor.

Sensualidade sem motivo...

75 É o olor óleo das magnólias no ar voluptuoso desta rua.[\[79\]](#)

Meio-dia

O mundo acaba lá, naqueles morros,
Onde as primeiras fazendas se debruçam.
Cachos de flores de S. João...

5 Frate Sole,
Como eu, em férias,
Giro-gira nas árvores.

Pomar.

Uma laranja tomba

10 Estrondo!
O silêncio acordou por entre as sombras;
E foge espavorido
Em cabriolas, com o vento, na folhagem.

E tudo vive na imobilidade!

15 Um raio rubro, rubro
Contorna a jabuticabeira;
Vermelho e verde inquieto,
Inteiramente portugal,
Rondas azuis, valsas róseas e brancas,

20 Chuveiros, iluminações...
Sobre a terra mosqueada,
Minhas irmãs ariscas:

BORBOLETAS



Eu canto aquilo que me fascina:
tudo que é belo, tudo que é grande!
Eu canto os seres em que se expande
a onipotência da mão divina!

- 5 Eu canto as dores que um peito sente,
quando o domina qualquer anseio;
canto as alvuras dum casto seio,
canto os desvaios do amor ardente!

- Serenateiro. Pinto a fereza
10 das matas virgens, o Sol que nasce,
o pranto e o riso – brilhos da face –
a mãe de todos, a Natureza!

- Pouca tristeza, muita alegria:
pois, no arremesso da mocidade,
15 mais que asperezas de realidade,
canto os sonhos da fantasia!

- Sirvo-me de harpa ou flauta de cana;
e, como todos os trovadores,
20 canto mulheres e canto amores
– forças motrizes da vida humana!

Grande dança de hoje!...
Cauboização da sociedade humana!
O passo balançado, balançado,
De quando em quando uma figura...

5 *Smiles...*
Carlito anda fox-trot.
Todos os homens Carlitos insinceros
Na viravolta objetivando a abulia.

O par parou. Parou e recomeça.
10 *Smiles...*
Com sorrisos a América do Norte
Vai vencendo a atonia universal.
Dollar!
Forças convincentes do ouro em caixa!

15 E cada brasileira americanizada
Valorizada
É uma Alma Rubens,
sem alma
sem rubor...

20 *Smiles...*

O fim do mundo num sorriso.

Silêncio.

Calmaria.

A tarde se espreguiça sonolenta lenta lerda

No céu de mármore rapado.

5 De lá de baixo do espigão

Vem uma voz humana companheira...

Pousa no ombro da gente.

Terra sem perspectiva.

A vista é de vidro.

10 Silêncio.

Trilo.

Calmaria.

Suspiro de tristura brasileira.

O pingo rápido do anum.

15 Rolam lânguidos na baixada

Os cheiros profundos do entardecer.



BAR

Aperitivo em que há um ressaibo
Do sírio em frente. Palmas. Almas
Penadas de garçons. Fagote.
Abas largas. Quedê o cowboy?...

FUTEBÓLER

- 5 Pan moderno de calça curta.
(O inglês mudou Sirinx em bola)
Tu não tens cornos mas tens corners,
Único orgulho do Brasil!

TELEFONE

- Catleya Nigra das paredes.
10 O botão longo pende murcho.
Guarda o minuto dos encontros...
- Alô, as horas, faz favor?

LUZ ELÉTRICA

- Milagre! a usina distribui
Sol em ampolas. Josué. Segue
15 Perfeito o dia, quem diria

Que é uma linda noite de luar!

CABARÉ

Gâmbias-machuchos e maxixes
Chochos, machos mochos, mocinhos,
Amor fino, morfina, amorfo
20 Nó de corpos... “GRUPO ESCOLAR”.

MULHER

Eterna novidade: Rendas.
Joias, despesas, cremes, crimes,
Espelhos, rouge, pós, perfumes,
Pernas, peles, plumas... Amor?

RUI BARBOSA

25 Gênio genioso, andor brasílico
Nas procissões antigermânicas,
Errou bastante na política,
MAS NUNCA ERROU NO PORTUGUÊS!

SÍFILIS

Si Filis te ama, aceita o beijo
30 Si filhos tens, dá-lhes paterno[84]
Tua gloriosa e única herança
A Rosa Rubra universal!

MÁRIO DE ANDRADE

Lará, leré, liri, loró,
Luru. Serei mesmo só isso?...
35 Mas... si l'histoire vous embête
Je pourrai la recommencer...

Mário de Andrade

Post-scriptum – Bem considerando os sonetos já lidos
valem bem os 50 bagarotes porém como me
simpatizo com os leitores da *Noite* resolvo mandar
mais um de graça.

ALEGRIA... DE CHORO

Sábio grosso em ciência magriça,
Tardonho egresso de Sankara,
Por integrar-se no Infinito
40 Ficou o Infinitesimal!



PIRANDELLO, A EPIDERME DESVAIRADA E UM SENTIMENTO

ALEGRE DA INJUSTIÇA[85]



A Tristão de Athayde[86]

a Sérgio Milliet[87]

Citações inspirantes:

“O defeito do modernismo urbano e regional de S. Paulo é a sua complacência no boçal. Imitação, já o mostrei, de modernas escolas europeias...”

Tristão de Athayde

“Compreendo muito bem os intuitos revolucionários do autor. Exterminar as regras gramaticais, destruir a sintaxe da língua escrita, metodicamente”.

Sérgio Milliet

Citações expirantes:

“Cosi è si vi pare”.

Pirandello

“Não somos o que somos, somos o que os outros querem que sejamos.”

Mário de Andrade

Imperativo categórico:

“Vá ver se estou na esquina”.

Popular

Personagens:

DONA POESIA. Continente impertinente. Deusa.

EU. Conteúdo cabeçudo. Crente.

CORO DOS FANÁTICOS LUNÁTICOS.

Cena: O templo da Deusa.

Época: O tempo do Crente.

(Eu entra meio desconfiado)

Coro dos Fanáticos lunáticos (rosnando pra dar
o ritmo):

Mão de pilão,
Carne-seca com feijão,
Arreda negra véia
Não esquentá batalhão!

Eu (contrito e humilhado. Nem Deus me espicha!

Ritmo do *Mão de pilão*):

5 Seu sacristão,
Quero confessá.

Sacristão (sempre o mesmo ritmo continuando):
Vá pra aquele canto
Que Ela já vem já.

(Entra DONA POESIA)

Dona Poesia:
Poeta das dúzias,
10 Quê que qué de mim!

Eu (cabeçudo):
Vim lhe confessá
Que não sou bem ansim!

Dona Poesia:
Eu sei munto bem
Tudo o que tu é!

Eu:
15 Pois seje! Já vi um cabra
Virá pinga em capilé...

Dona Poesia:
Tu só será
O que eu bem quisé!

Eu (à parte, maginando):
Ladrão de cavalo
20 Não é só quem qué...

Dona Poesia (dogmática):
Tu anda macaqueando
Os moço lá da França!

Eu (conteúdo):

Pudera! Tá bão deixe!
Quem espera sempre alcança!

Coro dos Fanáticos lunáticos (numa grande
gargalhada simbólica):

25 Mamãe, papai,
Venha vê vovó
Comendo carne
Cum dente só!...

Dona Poesia (dogmática):
Tu é regionalista,
30 Não é do Brasil não!

Eu (macaqueando o simbolismo do Coral):
Não quero que ninguém me prenda
Por causa do meu pifão...

Dona Poesia:
Tu escreve errado
Só pra me inquisilá!

Eu (matutando):
35 Pena em rabo de cachorro
Serve só pra trapaiá...

Dona Poesia (sempre dogmática):
Tu é um desordero
Das lei gramaticá!

Eu (conteúdo sempre):
Sá dona tem razão,
40 Nunca sube trabaiá!

Dona Poesia:
Tu é um primitivo,
Banca ingênuo sem sê!

Eu (levantando):
Tá bão, dona Poesia,
Mecê é taco em percebê!

Dona Poesia (se ergue, abençoa o penitente e
aconselha partindo):
45 Rapaizinho desvairado,
Tu vai se embriagá!

Eu (simbolicamente libertino):
Eu quis ficá pinguço
Pra mecê me carregá...

(DONA POESIA vai-se embora)

Coro dos Fanáticos lunáticos (tiririca):
Que aleijão! Que aleijão! Que aleijão!

(Eu tira um pacote de amendoim do bolso, senta no
calcanhar esquerdo e mastiga meio tonto escutando
rabecar pelas arcadas solenes do templo a
tempestade coral dos “Que aleijões!”, “Que

realeijões!”, “Kirie eleisões!”, “Kirie eleisões!”. Eu se ri gostoso na bebedeira.)
O pano inda não caiu não.

Pau-D’Alho

 SEÇÃO LIVRE
COMUNICAÇÃO URGENTE [\[88\]](#)

Devido a vários jornalistas de São Paulo e o sr. Tasso da Silveira do Rio de Janeiro terem afirmado que não sou poeta e devido a terem afirmado o contrário os srs. Martim Damy, Sérgio Milliet e Martins de Almeida, pra tranquilizar o público e evitar futuros equívocos históricos venho comunicar e jurar solenemente QUE SOU POETA.

São Paulo, 20 de abril de 1926.

Mário de Andrade



Tarsila não pinta mais
Com verde Paris
Pinta com Verde
Cataguases

5 Os Andrades
Não escrevem mais
Com terra roxa
NÃO!
Escrevem

10 Com tinta Verde
Cataguases

Brecheret
Não esculpe mais
Com plastilina

15 Modela o Brasil
Com barro Verde
Cataguases

Villa-Lobos
Não compõe mais

20 Com dissonâncias
De estravinsqui
NUNCA!
Ele é a mina Verde
Cataguases

25 Todos nós
Somos rapazes
Muito capazes
De ir ver de
Forde Verde

30 Os azes
De Cataguases

Os beija-flores,
Álacre bando,
Singram cantando
Por aí além:

5 Vamos, ôh manos,
Pelas aleias
De Pauliceia
Dançar também!

A hora é suave,
10 Quanta alegria
Tem a poesia
Destes locais!
Gritam sereias,
Fonfonam autos
15 Sonhos incautos
E virginais.

Tudo é delícia,
Tudo são flores
Almos odores
20 Filtra o vergel;
O nosso gozo,
De tão magnífico,
Tem o mirífico
Dalgum painel!

25 Cantemos todos
Em róseo entono
O meigo outono
Piratinim;
Por certo, ôh manos,
30 Não há no mundo
Prazer jucundo
Tamanho assim!

Sublime é o dia
E o nosso vento
35 Tem os acentos
Dum rouxinol;
Quem há que pague,
A formosura
Com que apura
40 O nosso sol!...

Moças em penca,
Às mil as flores,
Passos cantores
Aos mil e mil;
45 Dum lado parques,
Doutro autos altos,
Embaixo asfaltos,
Em cima o anil.

Que Andes mais lógicos?
50 Éden furtivo
E redivivo
Do Guarani!...

Bofé! que os deuses
Com suas senhoras
55 Encantadoras
Moram aqui!



(São Paulo, 12 de novembro de 1933)

I

O jardim enfeita as famílias,
Mas as roupas dominicais
Mostram, detrás dos trabalhos,
Placas sem muitos ideais...

- 5 O rádio traz o futebol na boca.
A bulha salienta o crepúsculo
Em sua calma dominical.

Estão combatendo na China...

- E minha alma não pode mais,
10 Transborda como água excessiva do copo.

II

Fadiga que desagrega...

Minha alma vos levaria
Para outra igualdade serena...

Oremos pelos Napoleões!

- 15 Tremo no limite das coisas,
Mas talvez o uso dos olhos

Já seja abuso em nosso tempo,
E se a brisa nos parte a boca,
É tanta a injustiça, tanta,
20 Que até o sorriso não se usa mais.

Estão se devorando em Cuba...

Encalhado no esgalhe das ruas,
Não se suporta este organismo,
É fruta madura demais.

25 Adeus, minha alma,
Toda só.

a Yedda[93].

- Eu vim trazido às asas do avião lento,
Como quem se arde na paixão.
A minha bengala já brilha enramada de fitas
E na blusa de couro arfa o distintivo
- 5 Com a nobre e áspera forma do fuzil.
Oh prefeito! senhor, ministro das tardanças,
Devorei todos os testes, e eis o salvo-conduto
dos médicos!
Exijo que entregues-me agora a virgem guanabarina!
E as minhas mãos brutas de aço, os meus
olhos fatigados de fábricas,
- 10 Irão finalmente pousar sobre o ventre ondulante
Da salsa virgem guanabarina que ganhei para a noite
de amor!
- Eu sou a salsa virgem do ventre ondulante,
queimada
Pelas ondas do verde mar.
Oh, entregai-me, esperança de força, harpa álgida
e insonora,
- 15 Bólide errático; dai-me ao meu corpo impaciente e às
delícias
Do noivo que marca a terra ao sopapo valente
Dos pilões de cimento enramados de céu e de sol!

Se acabaram as leituras, palmilhei hospitais
praticando,
Conheço as origens do mal, dou alarmes e falo oito
línguas,

20 E eis-me toda engalanada de guizos, festões e
bandeiras internacionais!

Oh juiz! reconheço-me pronta para a
vetustacumplicidade da vida,
Entregai-me! E que o destino entreabra os meus
joelhos morenos,
Ao sinal exogâmico do nhônhô que ganhei para a
noite de amor!

- Oh juiz sacro, a virgem vem! festões e
bandeiras! harpa insone, frecha jamais desferida!

25 Já lhe sinto os passos largos e a boca fixada no rouge
odorante,

Já escuto a ascensão varonil dos seus peitos
pequenos,
E me excitam como etapas noturnas seus
perfumes baseados em sal!

Meus braços são potros bufando, meu corpo esban-
dalha-se em arte de música!

Oh juiz pando, oh prefeito lerdo! Oh
eunucos funcionários calmíssimos!

30 Entregai-me sem mais demora a virgem
guanabarina, dai-me a vida da vida!

Aí tudo se acaba! e morremos vertidos no marco
da glória irremediável

Nascitura e impiedosa em seu mistério imortal!

- Oh prefeito insensível de pérola na gravata polida,
Basta! cessa de olhar com esses óculos sáfaros os
livros dos ancestres, boi nutrido!

35 Dá-me! decide! dá-me o nhônhô que desceu nas
asas do avião lento, [\[94\]](#)

Ou te afogarei no sulco dessas páginas discutíveis,
Oh balandrau de cortejo! lelêu de deus morto!
programa de rádio!

Meus braços são potros bufando, meu corpo
esbandalha-se em arte de música!

Meu ser e o seu ser unidos! altifalantes ganem,
jornais gritam,

40 Não vejo mais astros, transborda-se a espera da
vida!

Ai! tudo se acaba! e morremos vertidos no marco da
glória

Nascitura e impiedosa em seu mistério imortal!

Momento de clara calma
Em que a alva da alma se faz
De um corpo sem movimento
Paz.

5 Vem o vento e em movimento
A volúpia surpreendida
Vibra em dor por um momento.

Dor de ser alma vivida
Que hesita e inventa a alegria
10 Das asas curto momento.

Raiva o vento e o movimento
Quando o prazer se entreabria
Quebra o corpo num lamento.

Lamento angustioso lento
15 Mãos aflitas rosto aflito
A própria esbeltez é um grito.

Vai-se o vento e o movimento
Sonolento se desfaz
Se acalma a alma num momento
20 Paz.

Cândido Portinari, o grão Portinari
Está em New York o nosso pintor maior!
Que fazer pra que o Recenseamento pare
E se transfira para data ulterior?

- 5 A Loba Romana, a ex-Beatrix Portinari
 Ouvindo isto se remordem de furor
 E il Fascio, e Verdi e o barítono Stracciari
 Pois querem italianizar o pintor
 Cândido Portinari
- 10 Mas nisto avança o poeta Mário de Andrade
 De azul todinho com balões ao redor
 Abre o livrão do Recenseamento ao ar e
 Grava em primeiro com sua letra melhor:
 Cândido Portinari



A morte que ri!...[\[97\]](#)

a morte que baila!

a gostosura de se morrer bastante

mas não é muito

5 como no Carnaval!

a espécie desonrosa de morte que

consiste em fingir que ainda vive, Lorca!

Lorca! Lorca!

Cadáver espedaçado de Lorca! Sombra de Lorca!

10 E vós todos, sacrificados da inteligência!

Espectros de crimes! Fantasma da opressão

Descei nestes céus demasiadamente agradáveis!

Ocultai a alegria entorpecente da nossa Via-Láctea!

Lorca! Sombra de Lorca!

15 Esconde no teu cadáver despedaçado a glória fácil
do Cruzeiro!

Fica no seu lugar!

Até quando ouviremos e veremos
Os berros alucinantes dos rádios,
Rigidez de mortos, gritos de holofotes,
Blackouts, fotografias, comboios dispersos,
5 E o nosso olhar voraz sobre as manchetes
Pedindo uma segunda frente?

Lá muito longe no verão maldito
Milhões, milhares de homens verdadeiros
Imploram a segunda frente...
10 O sol implacável desvenda os caminhos,
Noites claras demais mentem descansos
E os homens novos sem tradição
Lutam sozinhos contra a força bruta milenar
Porque uma segunda frente não vem.

15 Fecha essa porta, Maria! fecha essa janela!
Não quero mais escutar os clamores ansiosos,
Não quero mais ler nos jornais,
Quero ficar só, neste escuro!
Abra a porta, Maria! abra essa janela!
20 O clamor se agrava na escuridão medonha
Pedindo, implorando uma segunda frente!

São homens novos, homens sem tradição
Os que ainda nos permitem viver...
São os heróis mais puros, mais ingênuos,

25 São esses loucos verdadeiros que avançam, que
voam, que morrem

Com que coragem! que resistência!

Mas com que grandeza! que fé! que martírio!

Pede também comigo uma segunda frente, Maria,

Que alivie essas crianças

30 Que permita um sono, abra uma clareira!

Meus olhos se abrasam na areia vazia das praias,

Meu brado se afoga na traição submarina das algas,

Este morrer na espera! esta ansiedade, este crime!

Não posso mais! não posso mais viver!...

35 E se uma segunda frente não vem,

Não quero mais viver.



3. POEMAS

NA CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO DE ANDRADE



(São Paulo, 6 de abril de 1918)

Caros amigos de Piraçununga,
eis-me na minha terra novamente,
porém, como uma ardente caçununga,
sinto de vós uma saudade ardente.

5 Oh! que doces noitadas que passamos,
como ninguém passou iguais, ninguém!
noitadas em que tanto cavaqueamos
e em que jogamos pocker a... vintém!...

Se inda em S. Paulo eu encontrasse disso!
10 Bons camaradas sem nenhuma jaça,
e um morro que tivesse esse feitiço
que tem o encantador... Morro da Graça!...

Eu fecho os olhos e inda vejo diante
de mim o vulto nobre e encantador
15 dessa Escola Normal que vai avante
nas mãos cuidosas do seu diretor...

E o amigo Palma, o jogador perfeito,
ardente e cálido – um camaradão –
que indeciso carrega no seu peito
20 quadras e trincas em revolução!...

E o nosso Lubo então, que bom rapaz!
Oh! guasca amigo, se inda mais te atreves,

a músicas mostrar-me, tu te dás
alguma indigestão de semibreves!...

25 E o homem dos fantasmas, o Aristides!
Um bom conselho aqui quero (lhe) dar:
arranja o porte do pagão Alcides,
deixa os livros, começa a... namorar.

Que belos dias eu passei!... Que linda
30 temporada feliz aí passei!
Desse bom tempo eu me recordo ainda,
e certamente nunca o esquecerei!...

Estou na minha terra novamente;
porém, como uma ardente caçununga,
35 sinto de vós uma saudade ardente,
meus bons amigos de Piraçununga.



.....
.....
.....
.....

na sua companhia..... na companhia dos seus.....
Déborah, essa miniatura..... “crépuscule bougie
silence”..... sombras.... um pio..... a Lua, pingo de
tinta branco num papel verde azul.... últimas aves.... E
os homens passam, e as mulheres.... Círios acesos....
E a monotonia brancacenta das rezas dos Sem-
Pecado.....[\[100\]](#)

Senhor! Senhor!

Tu que tens nas tuas mãos nuvens e chuva,
ouvi-me!

5

A Natureza quer lágrimas,
Senhor!

Tempo houve, eras passadas, em que só o homem tinha
lágrimas.

Mas a Dor é Divina,
vem de Ti!

10

E a Natureza, menor

do que o homem, melhor do que ele,
deseja também chorar!

E se resseca, estala, estua, à luz crua do áspero Sol.

Pobres canaviais! e pobres arrozais!

A Natureza quer chorar,

15

Senhor!
Dá-lhe as lágrimas que guardas nas tuas Mãos
beneficentes!
E a Natureza, chorando pelas tuas lágrimas,
Senhor!
reverdecerá, florescerá, e frutificará!

20

Alegre, jovialíssima na própria Dor!
Ouvi-me, Senhor!



Versão do poema datada **13** de dezembro de **1921**,
enviada a Anita Malfatti na carta de **22** do mesmo mês;
apresenta variantes em relação ao texto publicado em *Losango cáqui*, **1926**
(Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP).

MARIO DE ANDRADE

CLAN DO JABOTÍ

POESIA

15
c
:: 1927 ::
S. PAULO

Desincorporados!
Previsões tenebrosas,
Outra parada,
Resoluções futuras...

- 5 O sr. presidente da República
 acredita na fidelidade de seus súditos.
 E TUDO ACABA EM SAMBA
 Por isso cabo Machado anda maxixe.

- Nem saudade, nem prazer.
10 Inebriei-me de manhãs e de imprevistos.
 Minhas bebedeiras sentimentais!
 Meu vício original!

 Recordamos esquerdas-volver e meias-voltas...
 Volta e meia vamos dar.

- 15 É certo que me alegra
 não ser obrigado a fingir mais olhar altivo para
 frente.
 Secretamente prefiro o olhar quebrado de meu amor.

 Mas há outras coisas a fazer.
 Não sou desses aos quais a segunda-feira é igual
 aodomingo.

20 Ou se é abelha na primavera
e vespa de *Klaxon*
ou soldado do 4º Batalhão de Caçadores.

Eis a vida.

V'là Paris...

25 ... pan-bataclan! pan-bataclan!
Ordinário, marche!
para meus 29 anos maravilhosos!...

Afinal,

este mês de exercícios militares:

30 losango cáqui em minha vida...
arlequinal...



Dor.[\[102\]](#)

Lassitude.

Qualquer coisa como ter perdido o trem...

Olha pela janela aberta

5 Do segundo-andar da mocidade!

Pauliceia, lá-longe, epiderme áspera,
ambarizada pelo Sol vigoroso
como sangue do trabalho correndo nas veias das
ruas.

10 Fumaça – bandeirola
Torres
Cheiros
Alegria!

É tão grande a manhã!

É tão bom respirar!

15 Como é gostoso gostar da vida!

– A própria dor é uma felicidade.

 NOTURNO N°3 [\[103\]](#)
(abril de 1922)

Todas as noites
Este abril
Frio materno sem cobertas...
Estrelas competindo em alegria com os grilos.

5 O pijama sobre a pele cansada.
Tactilismo balsâmico,
De Apollinaire ou Marinetti?...
E o bálsamo: bairro, 23 horas, silencio...
sio...

10 sio...

No charco próximo
Pelos ouvidos atentos das venezianas
Barítono
Monótono, binário
15 Duma melancolia deslumbrada...
SAPO.



Com este calor quem dormirá!...

A escuridão acumulou-se em minha rua
E encapuçá a cabeça alemã dos lampiões...

Eu preciso de alguém...

- 5 Meus olhos varrem a escuridão.
Mas somente o calor a se mexer
Sob a vigilância implacável das estrelas.
Dir-se-ia que os burgueses dormem...
 Casais suados
10 Virgens vazias
 Crianças descobertas...
O que mais me comove é pensar nos solteirões.
Os solteirões mastigam o silêncio,
Os solteirões roncam e viram de lado na cama
15 Ofegando em silvos malcheirosos...
 - São sonhos imorais.

A noite hesita em seguir para a frente.
De repente deitou-se nas hortênsias.

E eu velo.

- 20 Eu velo o sono dos burgueses
Condescendentemente.



REZA DE FIM DE ANO[105]



(5º NOTURNO)

(31 de dezembro de 1923 – 1º de janeiro de 1924)

Senhor, é 31...

Deixei a noite lá.

Pauliceia alegre farrista,

Sacudida em fordes dodges...

5

Riscos de disparadas.

23 no relógio do Correio.[106]

Yes, we have no bananas...

Mas ninguém se incomoda![107]

Pauliceia dança empetecada[108] de cinemas e
confeitarias...

10 Tive raiva de mim

Senhor, por que meus olhos se abrem só pro que[109]
é gozo?

Delícia destas cargas de automóveis!

Entrar na guanabara dos bares

Levando nos braços[110] uma colorida,

15 Pedir champanha para dois!

Senhor, muito obrigado por me teres feito pobre!

Tenho pena de mim.

Mas a culpa será dos meus desejos?

Por que a eletricidade só[111] ilumina fêmeas e
prazeres?[112]

20 Não vejo mais as torres! Não vejo mais as torres!
[113]

E unicamente nos livros que falam de arquitetura

Ainda se encontram teus campanários, Senhor,

No entanto eu penso na arquitetura maravilhosa da tuaTrindade.

Arrebento em risos convulsos[119]

50 Não tem tréguas![\[120\]](#)
Ano Novo!
Vaias alegrias apitos fuzilando no ar[\[121\]](#)
Não posso mais escrever! Não posso mais sonhar!
Meus amigos estão ceiano no Esplanada.[\[122\]](#)
55 Imoralidades engraçadas
Gargalhadas
Anedotas
Danças
Eu só mastigo umas hesitações...[\[123\]](#)
60 Senhor, não posso mais!
Me liberta de Ti! Me liberta de Ti!...[\[124\]](#)

Senhor, eu não sou mau...[\[125\]](#)
Sou tal e qual os outros homens desta Terra,[\[126\]](#)
Bom e mau, mau e bom no mesmo tempo.
65 Senhor, se a gente odeia também sabe amar.
A gente peca sem que nenhum se esqueça de
searrepender.[\[127\]](#)
Só Tu me compreenderás estes últimos versos
Porque me deste aquela ideia de que os padres falam
da tua Justiça
Pautando-a pela vaidosa justiça nossa.

70 Senhor, o ano novo principiou.
Nada te peço, não.
És Pai, deves saber melhor do que careço.
Mas não deixes de pôr nos teus presentes[\[128\]](#)
Um pouco mais de virtudes cristãs.
75 Eu queria ter a energia do Cubismo
E a força também...[\[129\]](#)

E que nunca me baste a mim mesmo, Senhor![\[130\]](#)
Me assustam as solidões orgulhosas.[\[131\]](#)
Quero andar junto dos outros pra[\[132\]](#) compreender o
equilíbrio do corpo,

80 Quero muito pedir pra penetrar no segredo da
esmola.[\[133\]](#)

Faze de mim um Jesusinho pesadíssimo!
Que a humanidade seja um São Cristovão pra mim!

Mas porém acredito que os meus pedidos estão todos
errados

Pois só Tu sabes o que faz falta pra mim...[\[134\]](#)

85 Prefiro antes te dar os meus valores

Eu sou muito mais rico do que Tu

Porque posso te dar minha alma unicamente pra Ti,

Tu não podes dar a tua só pra mim![\[135\]](#)

Eu te preparei o maior dos presentes,[\[136\]](#)

90 Um presente que nunca poderás me dar...

SENHOR EU TE OFEREÇO O MEU PECADO![\[137\]](#)

Blasfêmias,

Volúpias

Raivas

95

Desesperos...[\[138\]](#)

Não careço de os enumerar mais,[\[139\]](#)

Devem estar bem gravados em Ti,

Sangrando pelas tuas feridas incompreensíveis

E ainda posso te dar mais

100 Porque te dou meu Arrependimento!

Mais um ano vai principiar...[\[140\]](#)

Estou tranquilo, bem feliz.

Ainda apitos de fábricas retardatárias...

Time is money...

105 Deviam ser expulsas desta cidade industrial.

Alguns sinos ondulantes já se trançam[\[141\]](#)

Nos filamentos verticais dos apitos...

São tuas missas e teus cânticos...

Sinos... Bimbalhadas... Os Votivos...

110 As preces subidas... As graças vertidas...

Vós tereis o bronze...

Vós tereis a minha lembrança...[\[142\]](#)

Vós tereis a minha coleção de águas-fortes...

Minhas ideias se baralham.[\[143\]](#)

115 Estou que nem Cendrars no fim de *Pâques*.[\[144\]](#)

Não tenho mais vontade de rezar...

Queria beber alguma coisa...[\[145\]](#)

Vou sair.

Um whisky retempera

120 Forte

Sem água...

Duas sandwiches...[\[146\]](#)

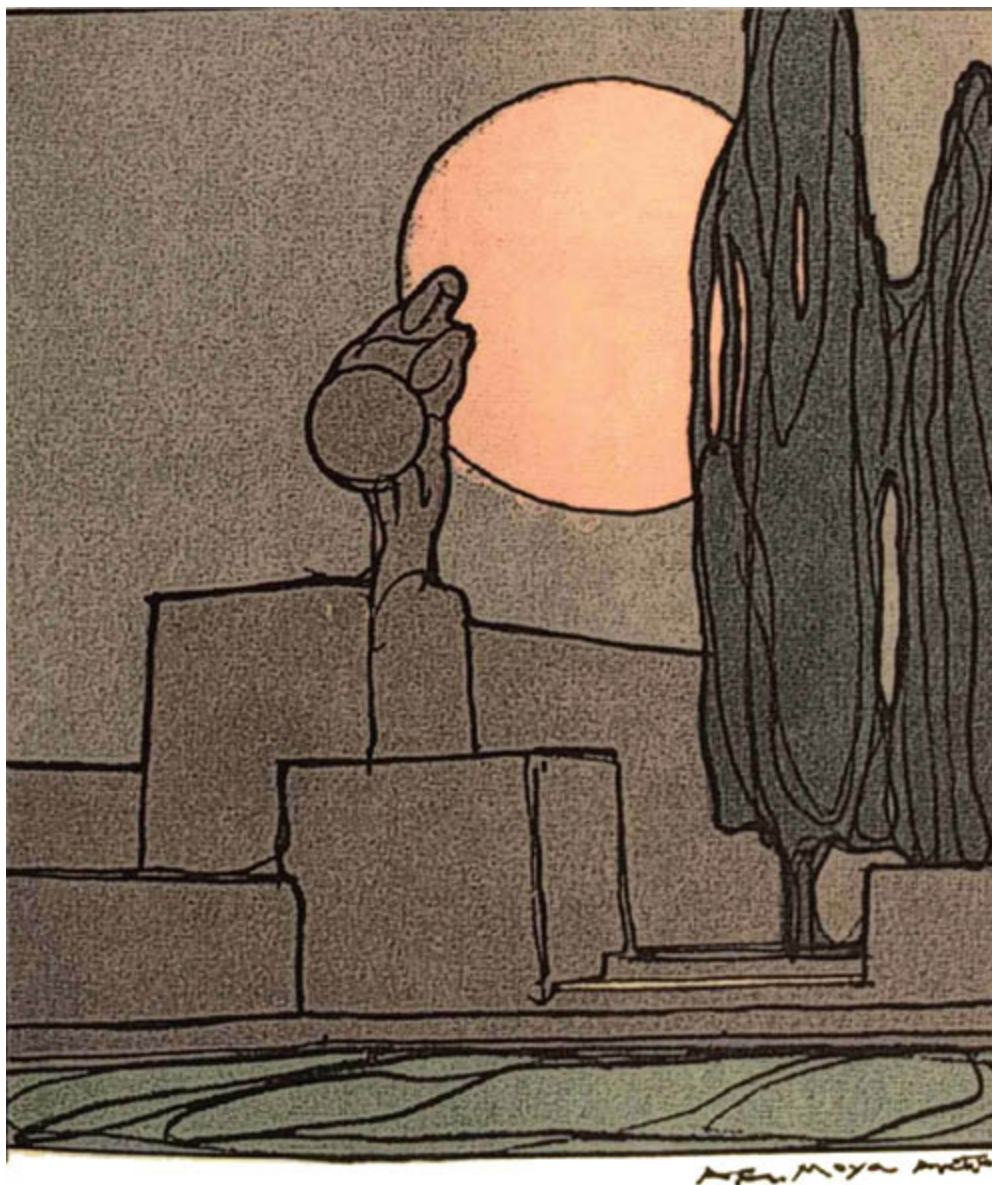
Me esquecia: Senhor, o pão nosso de cada dia nos dai hoje...[\[147\]](#)



Quando acordei
Os amigos com suas brincadeiras
Não me permitiam concluir tua imagem.
Passei o dia procurando ficar só

5 Mas eles vinham:
Fala, homem!

É incrível.
Tinhas posto entre mim e os meus amigos
o silêncio do teu segredo.
[...]



BALADA DA CAMA DE GONÇALO PIRES:
versão do poema MODA DA CAMA DE GONÇALO PIRES, datada “**13-x-924**”,
enviada por ^{MA} a Anita Malfatti na carta de **22** daquele mês;
apresenta variantes no confronto com o texto publicado em *Losango cáqui*,
1926 (Arquivo Anita Malfatti, ^{IEB-USP}).

UN JOUR VIENDRA

PERFUME D'ARYS O MAIS LUXUOSO
ADOPTADO PELAS PESSOAS ELEGANTES
O MAIS CAPTIVANTE E PENETRANTE.



Extracto, Locção, Pó de Arroz, Sabonetes, etc.

ARYS, 9, Rue de la Paix, Paris — e em todas as perfumarias
Extracto ☞ Locção ☞ Agua para Toilete ☞ Pó de Arroz ☞ Sabonetes

Vende-se em todas as Perfumarias — Em grosso com o Agente e Depositario

A. J. Ferreira • 113, Rua General Camara • Rio de Janeiro



Quem está na pindaíba[[149](#)]
Fica em Pindamonhangaba,
Não vai ao Rio de Janeiro
Assistir ao Carnaval.



Amor deixa na alma louca
Uma lembrança amargosa.
Caju que é fruta gostosa
Deixa um aperto na boca.

5 Já tive uma outra Maria,
Uma e uma duas são.
Ambas de igual cortesia,
A outra me amando, esta não.

A outra me adorou sofrendo,
10 Esta eu adoro a sofrer...
Foi melhor não mais a ver...
Mas sem a ver a estou vendo!

Maria, que amo no sonho,
E que reamo acordado!
15 Dei todo o tempo que tenho
Pra amar e não ser amado!...

Amor é barquinho esguio
Sulcando as águas do mar...
O mar não é como o rio
20 Que é fácil de atravessar.



A linda midinette Cremildes Bunda Seca[\[151\]](#)
Foi na redação do jornal vespertino *A Gazeta*
E falou que o macrô do Gonzalves
Esculhambou toda a honra dela

5 Queixas e Reclamações



POEMA TARSIWALDO[152]



(São Paulo, 7 de dezembro de 1925)

Pegue-se 3 litros do visgo da amizade
Ajunte-se 3 quilos do açúcar cristalizado da
admiração

Perfume-se com 5 tragos da pinga do entusiasmo

Mexa-se até ficar melado bem pegajento

5 E se engula tudo duma vez

Como adesão do Mário de Andrade

Ao almoço

Pra

Tarsila

10 E

Osvaldo

Amém

- Cansei. Cigarro no beijo,
Coisa que tem inspirado
Tantos poetas... No sossego
Do meu quarto sossegado
- 5 Entra a roda da carroça.
Rolou sobre a escrivaninha.
Uma conversa de virgens
Muito sábadas...: galinhas!
Os passos sobre a calçada
- 10 Engrolam a vogal o
Entre consoantes... esquésitas.
Sofrer no cinematógrafo...
Pois se nada sucedeu!
Porém pra que matar duas!...
- 15 Errassem o tiro... Ao menos
Se salvava a gostosura.
Trouxe uma dor pro meu quarto...
- E uma vontade de abraços,
De bei... De certo foi isso
- 20 Que andou prendendo os meus passos
Quando eu vinha vindo...



Longe a fazenda que me espera,[\[154\]](#)

São Francisco dos Baguaçus...

São Paulo não existe mais.

Vou descansar.

5 Leite laranjas...

Dickens na minha maleta

Muitas revistas alemãs...

Este dualismo... etc.



DOLUR EM 10 MINUTOS [\[155\]](#)



(13 de maio de 1927)

Dolur passa. É o fulgor solar da madrugada
Que passa sob o azul transformada em mulher.
O som o gosto a cor toda a terra encantada
Resguarda-a do exterior num nimbo rosicler.

- 5 Nada insensível fica ao encanto da fada
Sequer, branco areal, o arvoredado sequer
Deixam de lhe elevar a prece apaixonada
Que a faz deusa maior que outra deusa qualquer.

- Os mancebos então, tenentes e pianistas,
10 Taifeiros, adolescentes, passadistas,
Todos caem-lhe aos pés e são almas vencidas.

Mas Dolur passa e ri. Não liga aos pobres entes.
Passa como uma santa entre olhos reluzentes,
Deixando atrás de si um rastro de suicidas.

- O mundo que se inunda claro em vultos roxos
A gente escapa da vontade
E o tato se confunde em cheiros e sabores
No caos profundo em que a tristura
- 5 Plange mansinho os ventos aos mulambos.
- A gente escapa da vontade,
As asas magam lentas no avanço tardonho,
Se sente prazeres futuros,
Chegar em casa.
- 10 Reconhecer-se em naturezas-mortas...
Ôh, que pra lá das serras caxingam os dinossauros!
Os seres de mercúrio
Adquirem a ubiquidade de colossais mares,
Se sobrevoam, feito músicas escuras.
- 15 Em breve a noite abrirá os corpos,
O mato expandirá um aroma de respiro,
As embaúbas vão se refazer...
Crepúsculo.
Os corpos mancham apenas a luz dos olhares...
- 20 E a vida como viola desonesta
Viola a morte do ardor e se dedilha.
Fracas.



Os teus olhos distribuem[\[157\]](#)
o que não existe aos meus:
As luzes que os meus possuem
São as migalhas dos teus.

5 Quem gasta no amor vinte anos
Menos amou, na alegria,
Do que quem ama um só dia
E morre de desenganos.

Teu sorriso é um jardineiro
10 Meu coração é um jardim;
Saudade! imenso canteiro
Que eu trago dentro de mim.

A semente dos teus olhos
Caiu no meu coração,
15 Deu uma árvore de abrolhos
e deu uma fruta –
a paixão.

Quis plantar uma limeira,
O vento roubou-me o grão.
20 Teus sorrisos, feiticeira,
Roubaram-me o coração.

Quando tu passas ligeira,
Sozinha e alegre, a cantar,
Eu, que choro a vida inteira,
25 Eu rio em vez de chorar.

O amor é um barquinho esguio
Sulcando as ondas do mar;
— O amor não é como o rio
Que é fácil de atravessar.[\[158\]](#)

30 Eu já chorei muitas vezes
Sem que a lágrima brotasse:
Os meus males não são nuvens
Que se esgotem pela face.

 4. POEMAS NA MARGINÁLIA
E EM DOSSIÊS DE MANUSCRITOS

O meu desejo é ser pintor – Leonardo
cheio de inspiração que exalta e que consola
meu anseio é pintar no fundo pardo
do mundo a luz da veneziana escola
5 e dar um cor de rosa por esmola
a tudo quanto for penedo ou cardo
com meus cabelos, que o meu sangue cola[\[160\]](#)
eu farei um pincel do próprio dardo

Quando eu tiver um manancial das tintas
10 e os pincéis exaltados e decisos
em que, ó Veronese, teus afrescos pintas

Irei morar onde as Desgraças moram
E viverei de desenhar sorrisos
nos lábios dos que imprecam ou que choram.

Baga oval de esmeralda transitória
Que destróis do presente a desventura
Gota de luz vaguíssima e ilusória
Cheia de esquecimento e de loucura

5 Nessa tua cor imaculada e pura
 Apaga-se da vida a acerba história
 E só se encontra nela de mistura
 Sonhos apenas, capelas mil de glória

 Mundo verde, a brilhar no galho verde
10 Continuas o sonho que se perde
 E renovas o riso num momento

Vive feliz uma hora quem te alcança
Mas tua cor que nos lembra uma esperança
Traz em vez da esperança o esquecimento.



Estes meus versos sem valor sem brilho[162]
São meus versos enfim, nada me acalma
Mais do que lê-los no viver que trilho
São o reflexo ardente de minha alma

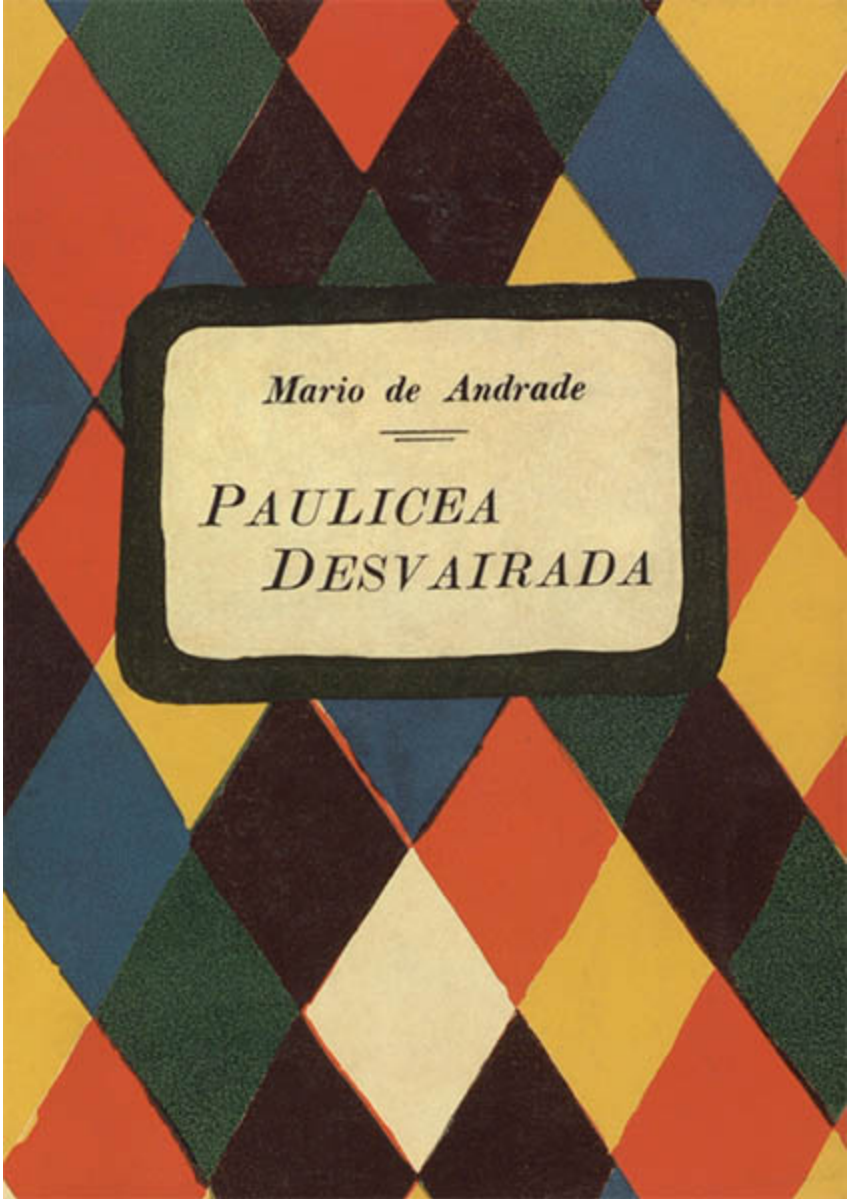
5 Estes meus versos sem valor sem brilho
São pálidos, embora... eu os adoro
São maus, mas são um bálsamo um conforto
Quando neles transponho a dor que choram!
Um pedaço da vida que eu transporto

10 São pálidos, embora... eu os adoro
Deixe oh mundo que eu ria e sonhe em verso
As ilusões que a vida não suporta
E enquanto eu percorrer-te o teu trilho adverso
São eles maus, não pálidos que importa!

15 Deixe oh mundo que eu ria e sonhe em versos
Os sonhos dourado que eu tracei na terra
Foram-se uns após outros pouco a pouco sem cessar.



Primeira versão de SAMBINHA de *Clã do jabuti*, **1927**
(Biblioteca Mário de Andrade, IEB-USP).

The book cover features a vibrant, repeating pattern of interlocking diamonds in shades of red, yellow, green, and blue. A central, cream-colored rectangular label with a dark border contains the text. The author's name is at the top, followed by a horizontal line, and the title is in two lines below.

Mario de Andrade

*PAULICEA
DESVAIRADA*



2 costureirinhas vem passando pela rua das
Palmeiras[\[163\]](#)

Alegres, braços dados, depressinha

Bonitas meu Deus! que é um despropósito

Eu fiquei querendo bem aquelas duas costureirinhas

5 Tão bonitas, tão modernas, tão brasileiras

Isto é

Uma era ítalo-brasileira

Outra era áfrico-brasileira

Uma era branca

10 Outra era preta.



O apito da máquina espanta os 60 cavalos.[\[164\]](#)

Mármon

Me desembestei pela faixa rauca do Cubatão.

Lírios



A todo instante versos românticos alegravam [\[165\]](#)
o ritmo do meu passo, assim de vez
em quando andando eu cantava baixinho

Eu só queria que você me olhasse
5 Tremesse um pouco e se apoiasse em mim

Eu só queria que você me olhasse
muito [brilhando] e se chegasse em mim.

 LOUVAÇÃO [\[166\]](#)

E eu sou filho de Carlos Augusto e Maria Luísa
Os dois nascidos no Brasil, de gente brasileira.

 5. POEMAS INÉDITOS
E DE PUBLICAÇÃO PÓSTUMA

 [DEDICATÓRIA]
(agosto de 1914)

Cruz[\[167\]](#)

Que este livro galante,
 ante

Teus olhos, lembre um dia,

5 Quem to oferece nesta
 Festa

De anos e de alegria.

Pequeno ele é e modesto.

 Mesto

10 Quase sempre e tristonho;

Não roubará, no entanto,

 Quanto

Tens de ilusão e sonho.

Aquela, que hás de agora,

15 Hora

Tirar (sem percebê-lo),

Das que em teus anos verdes

 Perdes;

Não perderás ao lê-lo.

20 Lê com vagar. Repara

 Para

A beleza do verso;

Vê como o vate ardente

Sente

25 O mundo tão diverso!...

Mas, que não te entristeças;

Nessas

Linhas, não há verdade.

Vive sempre a florida

30 Vida

Entre a felicidade.



Vamos passar em revistas
certos jequinhos que são,
além de fagos de vista,
bombons da Congregação.

- 5 Primeiro vem Seu Durval
que leva as rédeas do carro:
pra construir a nova sede
comprou 2 quilos de barro.

- O Aranha do Palmeiras
10 antes do jogo: venceu
– Mas porém depois do jogo...
Que é dele? Tu viu? Nem eu!

- O Raul de Barros quando
joga o futebol, que o tenta,
15 Tanto medo tem da bola,
quanto o diabo da água-benta.

- Fez o testamento em vida
Cabelo Henrique José;
Só deixou um fraque... fraco:
20 Quem herdou foi o Marret.

O Borba desceu as calças
Fez bem e me deu assunto:

Que a Congregação não é
Exposição de presunto.

25 Se o sanhaço mais sabido
procura a fruta mais sã;
Que tem filho de Maria
Espia pra sua irmã?

☀ VII [*Losango cáqui*][[169](#)] ☀

(a)

Meus dedos passearão, quantas vezes ainda!
no fogo benigno de teus cabelos.
Apertando-te o rosto em minhas mãos
eu te olharei, silenciosamente.

5 Hoje, não sei, talvez miragem,
dos teus olhos um transatlântico partiu...

Em vão odeio a simultaneidade.
O japonês da crítica voltou.
Amanhã, que será?

10 Um cais.
E torres de cidades estrangeiras
Grandes, quadrados armazéns
O famoso Jardim Zoológico
Auf Wiedersehen!...[\[170\]](#)

15 Bem vê! O poeta é uma criança. Li numa revista
que o “famoso Jardim Zoológico” não existe
mais, depois da guerra...

Mas é em vão que o repito!
Longamente esta ideia martela sobre mim.
Vê-lo-ei em ti, quando te olhar!
Porque desde hoje teus olhos não foram mais
olhosamente.

20 Comecei a folhear o álbum de fotografias.
E quando ainda soluçares, afogada nos meus braços,

querida!
não serás mais do que um Bedaecker.

Já estou na seara das imagens!...
25 No entanto é mês outubro?...
Os cafeeiros em flor, nos seus vestidos de noivado...
Milhões de insetos a trocar alianças...

E eu na colheita!

Esta risada curta...

30 É que o amor, para mim, dá frutas temporãs.

(b)

Dir-se-ia que estou triste?
Por que esta lassitude?

É muito tarde já.
A terra dorme escondendo o rosto no braço peludo da
noite.

35 Deve estar agradável nos antípodas!
Dia de muito sol.
Toda gente trabalha.
Os jornais a sair.
Haverá jornais nos antípodas?
40 Talvez algum poeta esteja a ver num magazine
as fotografias do Jardim Zoológico...

Meu sono onde estará?
Só uma pequena angústia me responde.
Sou um telegrama recém-chegado
Assina-se o recibo estremecendo.
45 Hesita-se.
A ironia da gorjeta ao portador.

Se queres ser moderno
abre teu telegrama!
E a alegria?
50 Ora alegrias, alegrias!...
Mudar de preconceito apenas.
E a farsa continua.

Minha adorada, meu amor, não te amo mais!

☀ XXI [*Losango cáqui*][\[171\]](#) ☀

Meu nome no espaço bandarilha a atenção.

– Pronto, cabo.

Vá falar com o sargento intendente!

Inquietude dos olhos amigos

5 Curiosidade geral...

Que será?

Que novas justificações de faltas!

novos atestados médicos

estampilhas de seiscentos réis!

10 Já fiz reconhecer todas as firmas de S. Paulo!

DESALENTO

Nenhum transatlântico nos horizontes marinhos em mim!

Mas o sargento Xavier convida-me a colaborar no *Fanal*, folha da zona, de que é redator.[\[172\]](#)

E vou escrever uma coisa muito linda, muito universal,

15 para crianças, velhos, virgens e inteligentes.

O *Fanal* é ascendido por escritores de todos os erros e de impossíveis estéticas.

Mesmo um que falou nos “gorgomilos da Lua”.

Que gênios incompreendidos!

20 É bem este o meu lugar.

Mas serei mesmo incompreendido?

... cabelos fogueirão...

O Sol me enlaça

Meu corpo canta.

25 O periscópio mostrou-me a existência de
maravilhosas Atlântidas!

A vida é bela!

Há amigos para todos os dadaísmos!

médicos para todos os atestados!

torcidas para todos os fanais!

30 A vida é bela!

O Sol me enlaça.

Meu corpo canta.

Viva o Brasil!

Saiba a cidade de São Paulo

35 que nela vive um homem feliz!

BULLETIN DE LA VIE ARTISTIQUE

2^e Année. N^o 13.

1^{er} Juillet 1921

Rédacteurs : MM. Félix Fénéon, Pascal Forthuny, Guillaume Janneau
André Marty, Tabarant.

SOMMAIRE

Et Watteau ?
Le "Sardanapale" entre au Louvre
L'Art colonial à Marseille
Les disparus
La saison d'art à Beauvais
L'Art aztèque précolombien.

Pour le Salon d'Automne.
Le Courrier de la Presse.
La Curiosité.
Ici...
...et ailleurs.
Paroles.

Et Watteau?



Cliché Giraudon

Et Watteau? Cette fin d'année qui vit l'évocation des maîtres hollandais, de M. Ingres, de Degas, de François Desportes, ne devait-elle se clore avec l'apothéose du nostalgique poète, Antoine Watteau, mort à Paris, voici deux siècles? Il avait trente-sept ans, « âge fatal à la peinture, observe, dans le *Mercur*, Antoine de la Roque : le fameux Raphaël d'Urbain et Eustache Le Sueur sont morts à cet âge-là. »

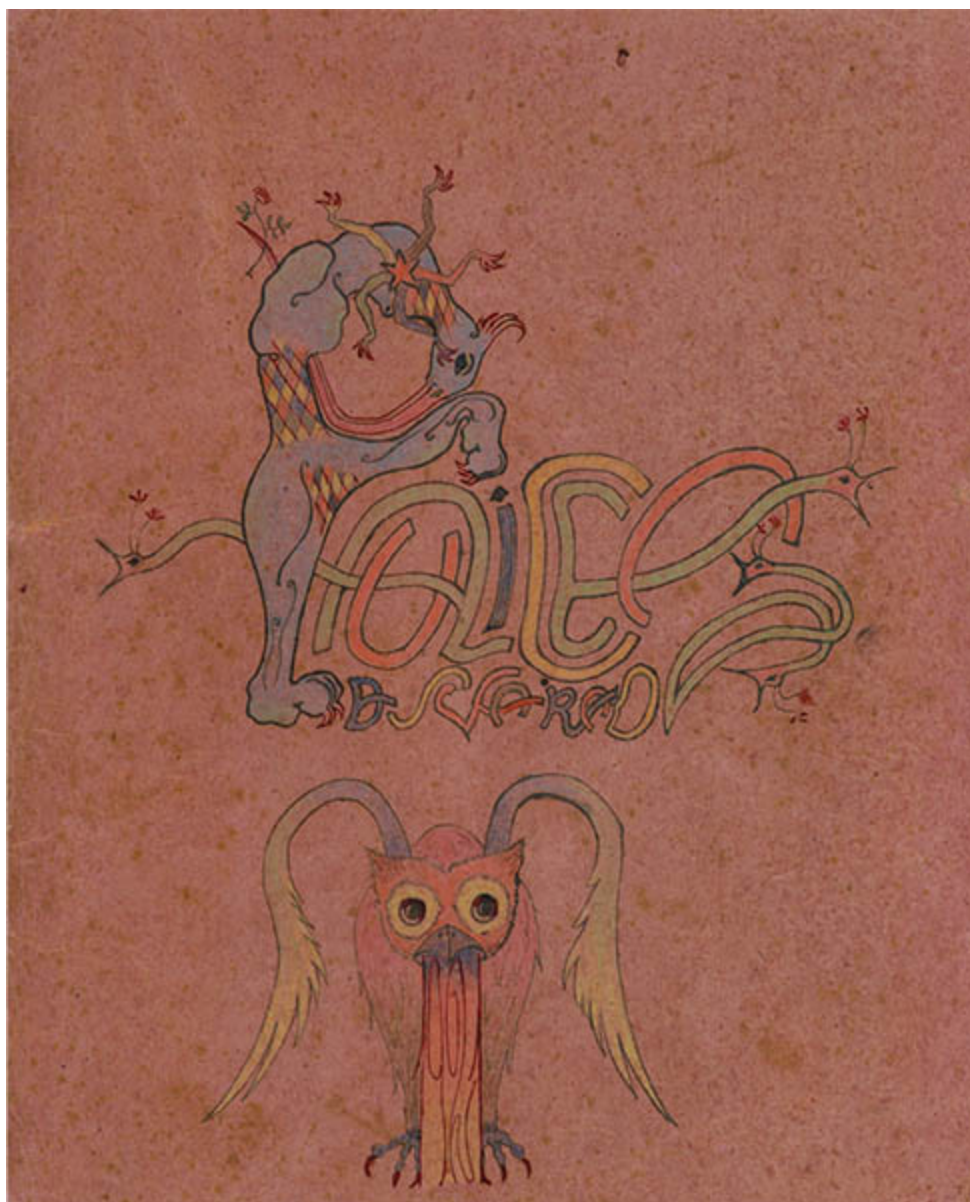
Valenciennes, sa patrie qui le méconnut, va célébrer sa gloire. Autour du prestigieux portrait du sculpteur Pater, arraché des mains allemandes en 1918, on a rassemblé les reliques du maître. Mais Nogent, où mourut Watteau, tandis que les clameurs du populaire annonçaient la convalescence du Bien-Aimé, Nogent, que fait-elle? Et Paris?

Une exposition de l'œuvre de Watteau devait s'ouvrir à Bagatelle, sous les auspices de la Ville : on y renonce. Des difficultés imprévues ont surgi. Mais, pour honorer la mémoire de Watteau, était-ce bien assez qu'une exposition où n'eussent pas même figuré les chefs-d'œuvre de Potsdam et de Dresde qu'on parle toutefois d'exiger de l'Allemagne, en compensation des ruines accumulées par elle?

*

La mauvaise fortune poursuit ce douloureux génie. Sans doute

Sumário do *Bulletin de la vie artistique* (a. 2, n^o 13; Paris, 1^o de julho de 1921).



Manuscrito de PARLONS PEINTURE, de Mário de Andrade
(Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

Et Watteau?

Le *Sardanapale* entre au Louvre

L'art colonial à Marseille

Les disparus

5 La saison d'art à Beauvais

L'art aztèque précolombien.

Pour le Salon d'Automne.

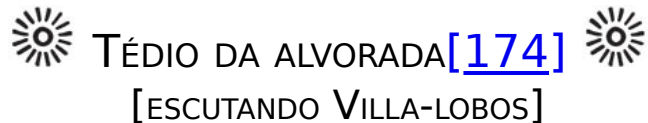
Le Courrier de la Presse.

La Curiosité.

10 Ici...

... et ailleurs.

Paroles.



(São Paulo, 21 de abril de 1923)

O arrepio da brisa
murmúrios
cochichos

... suspiro...[\[177\]](#)

O dia outra vez.

Já surge no céu desnublado do oriente o pincel verde do sol.

15 De manhã riscarão o céu sempre gritos...

Ao meio-dia a natureza morrerá...

De tarde o pormenor romântico dum socó...[\[179\]](#)

... suspiro...

A madrugada enjoada se vira no leito elevado.

20 Dá as costas à terra pra não ver.

Seus cabelos duros[\[180\]](#)

Caem pesadamente pelas lombadas dos morros
macios,

Desnudando-lhe o corpo.[\[181\]](#)

E sobre as almofadas do horizonte, preguiçosa,

25 Ela move as hercúleas coxas róseas.



Manuscrito do HINO DO GRUPO DO GAMBÁ
(Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

MARIO DE ANDRADE

CLAN DO JABOTÍ

POESIA

15
c
:: 1927 ::
S. PAULO



Nós somos hominhos do Grupo Gambá,
do Grupo Gambá, do Grupo Gambá.
Estamos fazendo um Brasil bem gambá
Não é para nos gabar.

- 5 O Guilherme de Almeida é gambá
Porque a *Raça* é uma roça de negro a sambar
“Isto é rambles” diz Baby. Bem bom!
Bambo bombo de ritmo e som!

- Nós somos hominhos do Grupo Gambá,
10 do Grupo Gambá, do Grupo Gambá.
Estamos fazendo um Brasil bem gambá
Não é para nos gabar.

- O Sérgio (Milliet da Costa e Silva) é gambá
Do grupo ele é o centímetro sentimental
15 Misturou Chantecler com urutu
Nasceu na... França dum imbu

- Nós somos hominhos do Grupo Gambá,
do Grupo Gambá, do Grupo Gambá.
Estamos fazendo um Brasil bem gambá
20 Não é para nos gabar.

Tarsilá do Amaral é... manacá
Mana cara aos hominhos, divino maná,

A pintura ela acaipirou
Quem nos seus olhos cai... piorou!

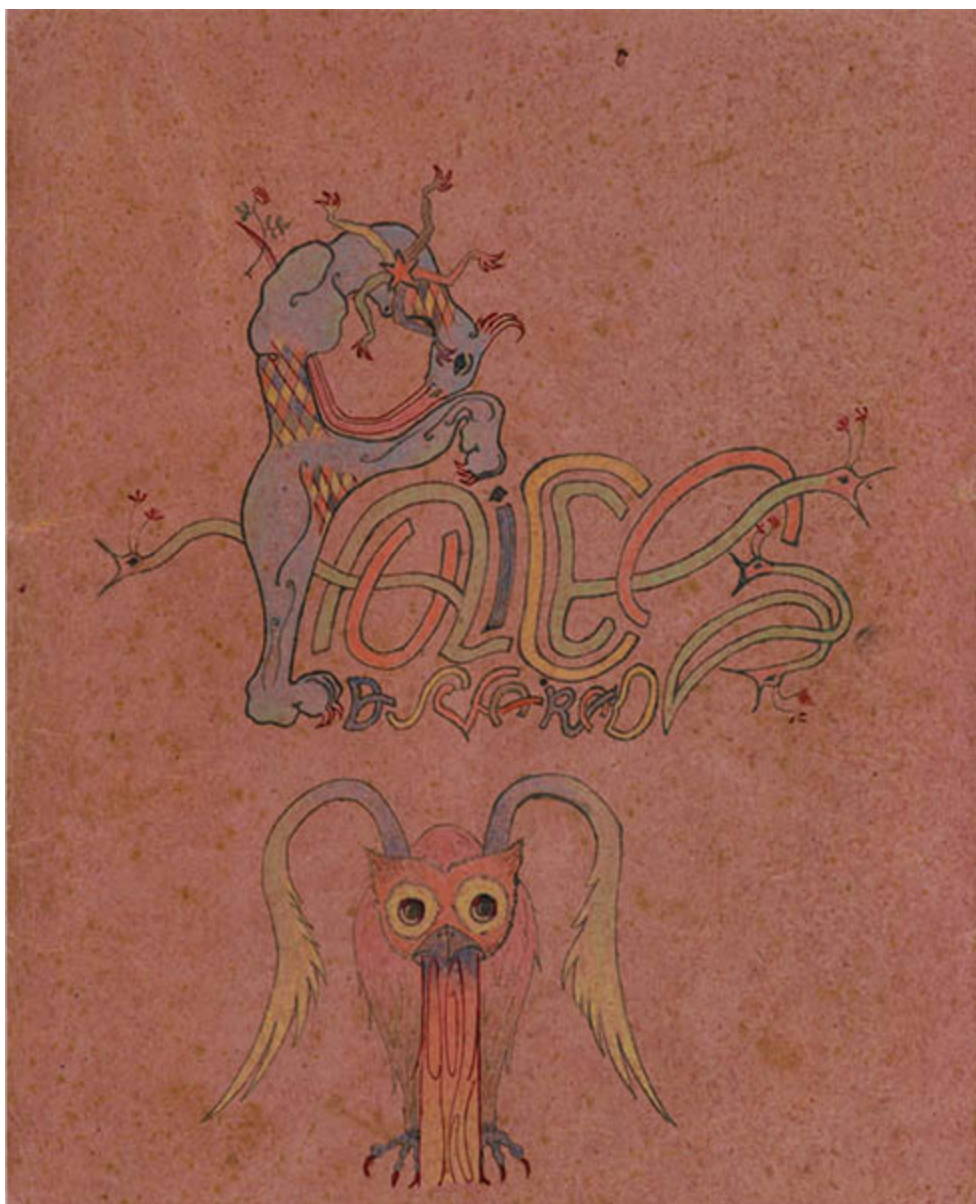
25 Nós somos hominhos do Grupo Gambá,
do Grupo Gambá, do Grupo Gambá.
Estamos fazendo um Brasil bem gambá
Não é para nos gabar.

O Oswaldo de Andrade é gambá
30 Porque é gordo e inda de resto arrasta um rastá
Tá fazendo com pinga e mamão
A poesia do Amarelão

Nós somos hominhos do Grupo Gambá,
do Grupo Gambá, do Grupo Gambá.
35 Estamos fazendo um Brasil bem gambá
Não é para nos gabar.

Dona Olívia Penteado é manacá
O perfume e o prazer ela emana cá,
Nossa luz, nossa glória gentil,
40 Nossa... senhora do Brasil.

Nota: O nome de Sergio canta-se inteirinho em
glissando rápido desde o ré em que cai acentuada a
sílabo (gí) de Sergio até o mi da sílabo é (é gambá)
Assim:





Manuscrito de VIOLA QUEBRADA
(Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).



Quando da brisa
No açoite
A frô-da-noite
Se acurvô
5 Fui s'incontrá
Cum a Maroca,
Meu amô,
Eu tive n'arma
Um choque duro
10 Quando ao muro
Já no escuro
Meu oiá
Andô buscando
A cara dela
15 E num achô!

Minha viola gemeu
Meu coração estremeceu,
Minha viola quebrou
Teu coração me deixou!

20 Minha Maroca
Arresorveu
Por gosto seu
Me abandoná
Pruque os fadista
25 Nunca sabe

Trabaiá.
Isso é bestera
Que das frô
Que bria e chera

30 A noite intera
Vem apois
As fruita
Que dá gosto
Saboriá!

35 Minha viola gemeu
Meu coração estremeceu,
Minha viola quebrou
Teu coração me deixou!

Pru causa dela
40 Sô rapaiz
Munto capaiz
De trabaiá
E as noite intera
Os dia intero

45 Capiná;
Eu sei carpi
Pruque a minha alma
Está arada
Arroteada

50 Capinada
Com as foiçada
Dessa luiz
Do seu oiá!

Minha viola gemeu
55 Meu coração estremeceu,
Minha viola quebrou
Teu coração me deixou! [\[184\]](#)



Tantos peixinhos nas águas,
Tanta escama dos peixinhos!
No coração tantas mágoas,
Das mágoas tantos espinhos.

5 A alegria que aparece
Foge depois, nem se vê;
Também a onda brota, cresce,
morre sem saber por quê.

Por mais que a tristeza escondas,
10 Nunca a escondes muito bem,
É como o sulco das ondas,
Surge ora aqui, ora além.

Prazer que mais se deseja
Quanto mais custoso e incerto,
15 Espuma branca que alveja
Mais de longe que de perto!

Na vida só brotam mágoas
No mar bolhas entre escolhos,
Há olhos de luz nas águas
20 Há luzes de água nos olhos.



(23 de novembro de 1927)

Velas encarnadas de pescadores,
Velas coloridas de todas as cores,
Águas barrosas de rios-mares,
Mangueiras, mangueiras, palmares, palmares,
5 E a barbadianinha que ficou por lá!...

Que alegre porto,
Belém do Pará!

Que porto alegre, Belém do Pará!
Vamos no mercado, tem mungunzá!
10 Vamos na baía, tem barco veleiro!
Vamos nas estradas que tem mangueiras!
Vamos no terraço beber guaraná!

Oh alegre porto,
Belém do Pará!

15 O sol molengo no pouso ameno,
Calorão batendo que nem um remo,
Que gostosura de dormir de dia!
Que luz! que alegria! que malinconia! [\[187\]](#)
E a barbadianinha que ficou por lá!

20 Que alegre porto,
Belém do Pará!

A barbadianinha que ficou por lá
Relando no branco dos moços de linho,
Passeando no Souza, que lindo caminho!
25 À sombra de enorme frondosa mangueira,
Depois que choveu a chuva para-já!...

Ôh barbadianinha,
Belém do Pará!

Lá se goza mais que em New York ou Viena!
30 Só cada olhar roxo de cada morena
De tipo mexido, cocktail brasileiro, [\[188\]](#)
Alimenta mais que um açaizeiro,
Nosso gosto doce de homem com mulher!
No Pará se para, nada mais se quer!
35 Prova tucupi! Prova tacacá!

Que alegre porto,
Belém do Pará!

 SÁTIRA (GRAÇA ARANHA) [\[189\]](#)
(3 de agosto de 1927)

Sei dum escritor que é guia
Da poesia guarani;
Nós vivemos lhe dizendo:
– O caminho é por aqui.

Stella, você tem nome de ladainha,
não tem nome de gente, não;
quem pronuncia o nome de Stella
fica bonzinho, faz oração;

- 5 você é madona de Pernambuco
senhora dona do Ascenso,
está sentada ao pé da mangueira
por distintivo: coco na mão,
coco na mão!...



A MORTE DO AVIADOR [\[191\]](#)



(São Paulo, 23 de outubro de 1932)

Cantata trágica, dedicada à
memória de Gomes Ribeiro,
morto pela causa da
liberdade [\[192\]](#)

A DESGRAÇA – solo de soprano
Os PAULISTAS – coral

I

ALLEGRO

SOLO DA *Desgraça*:

Me acordei de repente no meio do sono da noite
E inda pude escutar um resto de gemido meu, que
foi?

Os Paulistas:

Aviador! Aviador! Onde está o Aviador!

CONTINUAÇÃO DO SOLO DA *Desgraça*:

Meu coração está apertado de angústia, e meus
olhos

5 Se abrem enormes, batendo pálpebra, devassando
a escuridão.

Espalhadas na cidade paulistana, só as estações
se iluminam,

E no meio do silêncio mortífero, os trens de
tropasmanobrando,
Avançam para as frentes de batalha, com gritos de
alarma e de susto.

CORAL DOS *Paulistas* (alegro, sobre as palavras):
Onde está? Onde está o aviador? Quedê o aviador?
Volta! Volta, aviador!
10 Volta, volta, aviador!

II ANDANTE

SOLO DA *Desgraça*:
O aviador, oh grande gente paulista, o vosso aviador
Destruiu-se no incêndio do avião, junto com
seuobservador!

Os Paulistas:
Oh, Desgraça! oh não! O aviador não morreu!

CONTINUAÇÃO DO SOLO DA *Desgraça*:
O aviador subiu alto firme no céu navegável,
15 Porém não continuou na direção da vitória!...
Foi destruir os navios que abafavam a vossa vida,
ohpaulistas,
Seguiu reto, num turbilhão de audácia e glória,
Pegou fogo no avião, o aviador desceu no (verde) mar
denavegar.
E o mar engoliu o aviador e também o observador.

CORAL DOS *Paulistas* (andante fúnebre, sobre as palavras):

20 Ai! Ai, desgraça! O (verde) mar de navegar engoliu o
aviador!
Ele morreu!

III CONSAGRAÇÃO

A Desgraça:
E agora? Onde para o avião desgraçado?...

Os Paulistas:
Vamos embora! Vamos buscar o avião desgraçado!

A Desgraça:
E agora? Onde está o corpo do avião perdido?...

Os Paulistas:
25 Vamos embora! Vamos procurar o corpo do avião
perdido!

A Desgraça:
incendiado?...
E agora? Onde paira a alma do avião morto?...

Os Paulistas:
O avião está na terra sem mal
Está lá! Está nos ares! Mais além!

CORAL HÍNICO, JUNTO COM SOLO:

O SOLO DA *Desgraça* DIRÁ:

30 E a sua memória estará na memória da grande
gente livre.

O CORAL DOS *Paulistas* DIRÁ:

...

Glória ao aviador audaz,
Que irmanando-se aos paulistas,
Fez-se paulista, do ideal!

35 Quis dar liberdade a um povo,
E morreu envolto em fogo,
Por sobre as ondas do mar!...

Glória!	Glória	ao	(este verso só se precisar dele
aviador!			pro
			final. Pode também cortar à
			vontade,
			e acabar só com a palavra
			"Glória".)



CÂNTICO[193]



(São Paulo, 6 de maio de 1933)

Os tufões vieram de todas as partes
Devastando as cidades, desganhando a esperança
Secando a mais última gota das águas do amor
Eu não imaginava que a minha alma
5 Estivesse (tão) desamparada assim
As grandes nuvens tomaram toda a vastidão do céu
E o sol se divorciou para sempre deste mundo vão.
Oh morte! Teu desejo[194] implacável como uma
polvadeira seca
Me deforma a vida em redor
10 E pousa áspera, sem limites, consentida
Sobre a minha alma desamparada
Sobre mim.



AMADOR BUENO[195]



POEMA SINFÔNICO

(15 de setembro de 1936)

Allegro vivace

- Viva Amador Bueno, nosso Rei!

Estamos na vila de São Paulo, a primeiro de abril de 1641. Os mamalucos, orgulhosos de sua soberania nesta América, se revoltaram. Não querem saber de aclamar o novo rei portuga.

- Viva Amador Bueno, nosso Rei!

As vozes reivosas navalham a neblina que balança sobre a vila. Os vultos encapuçados correm, cavaleiros galopam buscando os valentes que moram nas chacras, e a Paulistada acorre ao pátio do Colégio.

- Viva Amador Bueno, nosso Rei!

O heroico Paulista em sua casa, escuta os amotinados. Vai ser rei. Vai arrancar os Paulistas do peso lerdo da colônia. Mas de repente o prócer sente dominar os instintos da independência, um pensamento longínquo.

- Viva Dão João IV, nosso Rei!

E se dirigindo a São Bento, brutalizado pela multidão que o quer, fecha a porta do convento atrás de si, desaparece sob a religião.

Andante

A multidão é morna agora. Só o secarrão Amador Bueno poderia levar os Paulistas ao destino mais brilhante da América. E Amador Bueno de Ribeira recusou! A indecisão quebra os mamalucos. Surdo rouca o despeito torvo na turba. Então destruamos o herói! Ronda no ambiente a consolação dum ato de selvageria. Mas um hino religioso se eleva lá dentro dos claustros. Se afirma bem claro. Se aproxima da porta fechada. Abre-se a porta e o cântico desce benéfico duma cruz grande, entre monges, enquanto o Sol rompe a bruma e acarinha de manso os Paulistas. A calma dos cantos abrandando o ímpeto voraz. O hino canta mais, canta bem, os sinos dançam no ar. A paz necessária se infiltra nas almas terríveis. Tem vasta luz no espaço, luz de abril. É meia-dia.

Final

Amador Bueno está na cela, sem um gesto. Alquebrado pelas promessas de glória que lutara pra recusar. Mas qual fora o pensamento longínquo que o impedira de construir o primeiro domínio da América?... Amador Bueno não sabe! O seu olhar seco, severo, debruçando na janela, pousa nos campos lá no longe baixo. Que visões se amontoam sem forma?... Que monstros indefinidos sambam na luz incendiada do mei-dia?... São gentes de rio largo, úmidas; são negros em ritos medonhos, são índios e são mulatos também, e são brancos alourados plantando, são minas de ouro e ferro, coxilhas com bois gordos, canas, canaviais, açúcares

multiplicados, violentas cidades e torres e festas de máscaras alegríssimas, e danças e grandezas... Será um império, serão universidades, serão casas sobrepostas, serão mesmo grandezas!... que visões indistintas, terríveis, felizes...

- Viva Amador Bueno, nosso Rei...

Isso apenas?... Mas que punho disforme avança sobre o tamanho da nossa América e agarra uma sesmaria grandona, imensamente imensa?... Brasil?...

Amador Bueno de Ribeira não sabe nada, não vê nada, não enxerga nada! Quer saber, e volta mais uma vez a saber nada!... Mas na bulha infernal da visão misturada se dissolve serenamente o espírito de grande construtor.

Possibilidades Musicais.



E no coro dos anjinhos
Também há muitos negrinhos

À sombra duma figueira
Sentados num cabeçalho
5 O Aureliano, sem atalho,
Disse: agora, meu menino
Eu te vou dar o ensino
Do que aprendi no trabalho

Eram armas de Castela
10 Que vinham do mar além
De Portugal também vinham
Dizendo por nosso bem:
Mas quem faz gemer a terra
Em nome da paz não vem



I

AMARGURA[198]

- Ôh não! muito obrigado.
... pra depois outro e mais outro...
Basta o que vai-me por dentro,
Amargo de alma de moço
5 Deste século safado.
Cigarro... pra que cigarro!
Basta nazismo, trotsquismo,
A neoscolástica, Freud,
Crises, virtuosos, cinema,
10 Como o sereno na flor.
Não insista mais, ouviu?
Sou desgraçado, não fumo.

II

A DOUTRINA DOS SABIDOS

- Sabe o que é Democracia?
É dar logo a primazia
15 Ao povo em ser governado
Por um caboclo atilado,
Com mão pura, sem mistura,
E a dita dura, bem dura!

Sabe o que é Democracia,

20 Por sua etimologia?
Pois se não sabe o que é,
Você é muito sem veneno:
Isso é o governo do Demo!
Libera nós, Dominé!

III EU TAMBÉM

25 - Foram indo p'r'um caminho
- Eu também.
- Encontraram com um ariano
- Eu também.
- Que queria tudo pra ele...
30 - Eu também.

- Então declararam guerra,
Teve um barulho nefando,
Viraram antinazistas,
A indústria saiu ganhando.
35 - Eu também.

- Fizeram guerra nas frentes,
Na terra, no mar, na altura,
Sofrem as glórias e os homens
Só quem não sofre é a Arte Pura.
40 - Eu também.

- Tem luta na retaguarda,
Se não fizerem a vitória,
Ninguém mais não pensa em paz

Só um mosquito nada faz.
45 - Eu também.

- Foram indo p'r'um caminho
 - Eu também.
- Encontraram o ariano
 - Eu também.
50 - Que queria tudo pra ele...
 - Eu também.

IV

CÂNTICO DO NAZISMO GESELLSCHAFT

Avante! a vitória é nossa!
 Heil Hitler!
Blitzkrieg garganta[\[199\]](#) e pressa!
55 Heil Hitler!

Mas ninguém quis saber disso!
 Heil Hitler!
Principiamos vendo o russo.
 Heil Hitler!

60 Adeus, vitória da raça!
 Heil Hitler!
Cacá quéréqué quicó, cáquéquicó...
 Ai!... ih!... ti-lér...

V

DESPEDIDA SENTIMENTAL[\[200\]](#)

Vou-me embora, vou-me embora,
65 Vou-me embora pra Belém,
Vou colher cravos e rosas,
Volto a semana que vem.

Vou-me embora, paz da terra,
Paz da terra repartida,
70 Uns têm terra, muita terra,
Outros nem pra uma dormida.

Não tenho onde cair morto,
Fiz gorar a inteligência,
Vou reentrar no meu povo,
75 Reprincipiar minha ciência.

Vou-me embora, vou-me embora,
Volto a semana que vem,
Quando eu voltar minha terra
Será dela ou de ninguém.

Nações Unidas...

Nações e povos e terras e raças e
civilizações congregadas!

Meu coração se alastra e abrange o mundo.

5 Monstro do vício
 Tempo de infâmia
 Crime de loucos
 Destino de guerra!...

Sinos, tocai a acordar! Clarins, chamai a
reunir! Tambores, batei a marchar!

Meu coração explode e se arroja à batalha!

10 Monstro do vício
 Tempo de infâmia
 Crime de loucos
 Destino de guerra!

15 Crime de loucos
 Destino de guerra!

A Vitória há-de vir e a Paz há-de pousar as mãos
macias

Sobre todos os olhos para que enfim todos sejam em
paz...

Meu espírito voa, meu corpo descansa,
Meu ombro encosta, meu olhar aceita, meu
ouvido entende,
20 Meu braço abraça, minha boca beija!

Meu coração se ajoelha e encontra o Homem!



NOVA CANÇÃO DE DIXIE[202]



(São Paulo, 25 de janeiro de 1944)

Kenst du das Land
Où fleurit l'oranger?...

É a terra maravilhosa
Nascida duma barquinha

- 5 *Flor de Maio* se chamava,
Onde tudo o que é bom dava,
Que tudo o que é rico tinha...

Lá quem queira gozar goza
Com toda a felicidade,

- 10 É só passear pela rama,
É só não ser tagarela:
É a terra maravilhosa,
Parece com a liberdade
Pois já tem a estátua dela.

- 15 É a terra dos plutocratas,
Palácios de cem andares,
Você sai se faz questão,
Mas pode ficar nos ares,
É só apertar o botão,

- 20 Que recebe tudo em latas
Pela quarta dimensão.

No. I'll never never be
In Colour Line Land.

Mas porque tanta esquivança!
25 Lá tem Boa Vizinhança
Com prisões de ouro maciço;
Lá te darão bem bom lanche
E também muito bom linche,
Mas se você não é negro
30 O que você tem com isso!

No. I'll never never be
In Colour Line Land.

É a terra maravilhosa
Chamada do Amigo Urso,
35 Lá ninguém não cobra entrada
Se a pessoa é convidada.
Depois lhe dão com discurso
Abraço tão apertado
Que você morre asfixiado,
40 Feliz de ser estimado.

No! I'll never never be
In Colour Line Land.



O IMPROVISO DAQUELA NOITE [\[203\]](#)



(São Paulo, junho de 1944)

Eis que eu me acho tão cansado... No meio da noite
Ruídos vagos rasgam os ares,
A vida dos homens retardatários
Há-de estar por aí caminhando ignorante,
5 O segredo do vento me brutaliza nas árvores,
E o mal da solidão se faz pedindo amor.

Não quero ficar só neste alarma,
Eu parto! O meu destino é estar com eles!
Meus braços me alçam e todo me esgalho em
telefones e telégrafos,
10 Num pé de vento desganhado eu vou.

Eu sou bom no ritmo, sou bom no batuque,
Eu canto curando os feridos,
Porém dos trabalhos da morte só sei é morrer.
Então vou, eu vou com eles, eu fico!
15 Decerto me esgalha este susto
De me pegarem tão desprevenido...

Eles não me acreditaram mais
Porque o meio da noite chegou.

O vento volta segredando, são chamados,
20 São berros infiéis, palavrões imprecando,
Um desejo de mãe por mil bocas morrendo...
Com eles eu vou mas eu fico.

Eles me abandonaram coberto de espelhos,
Estou só, nu, estagnado no vil dos escravos,
25 Os telegramas não se importam, os telefones não
ligam,
Eles estão ocupados, estarão muito ocupados...
E o choro do vento desespera nos meus galhos
A dor desta infinita noite,
Por todos eles que eu amei e se perderam
30 Na Mancha.



ESBOÇO VI[204]



(São Paulo, 21 de junho de 1944)

Cheiro de bueiros
Gosto de esgotos
Olhos dormentes
Unhas dementes,
5 Merda.

Bafo de mofos
Choro de enxurros
Crianças sujas
Barbas corujas
10 Merda.

O sr. Comissário
Da Comissão
Do Controle
Da Cooperação
15 Nacional
Sem igual
Patrocinadora
Do Racionamento
Do Renascimento
20 Da Pátria Sagrada
Da Pátria Amada
Salve Salve
Merda Merda
Que os pobres deserda

25 Na infelicidade
Maiores Menores
Uns da mão direita
Outros só da esquerda
Merda.



RONDÓ DAS GORDAS[205]



(16 de setembro de 1944)

Lá vão as gordas de Sabará!
São uma duas três quatro, em fila,
Pois lado a lado tampam a vila,
Nem sopro não passará.

5 Donas timpânicas, bambas, puras,
Imensamente solteiras, lá
Vão, tudo esborrachando em gorduras,
As gordas de Sabará.

Dedos de fada! doces, biscoitos,
10 Tutus mais gordos ninguém fará;
Lá vão em fila, como quatro oitos,
As gordas de Sabará.



ÉGUAS NO PASTO [\[206\]](#)



(22 de fevereiro de 1945)

Descrição



meio-dia - baixo
sombra de árvore - Os
potrinhos de vez em
quando pulam - Vem a
suavização do anúncio
de tarde - Eles saem da
sombra e pastam na
luz clara do sol.

I. Divertimento - A Beleza das Formas

I. Desenvolvimento - A maternidade - Os potros -

Maternidade do olhar

As fecundadas com suas panças

Os burros

II. Divertimento - O movimento e a rapidez - O cheiro

II. Desenvolvimento - Do cheiro eu passo ao cântico
da Fêmea

A atração da fêmea

O mistério da fêmea

O complemento da fêmea

Conclusão

{

Descrevo as éguas
se aproximando dos
estábulos - Os potros
estão quietos. Uma
égua se destaca,
estala os cascos,
galopa, vem e estaca
na frente. Narinas
fumegantes, olhos
inquietaos, crinas
revoltas, olhando,
olhando. Parece que
ela procura
atravessar a tarde e
penetrar nos
desígnios
insondáveis da vida.
Mas os olhos tão
grandes, tão
profundos, não
evitam doar luz e
calma, paz e carícia
enquanto
perscrutam,
perscrutam.

 ÉGUAS NO PASTO
(22 de fevereiro de 1945)

Depois da caçada dos burros, um trecho suave, comovente em que o poeta se dirige à sua mãe e lhe pergunta, dramático se ele está certo no que está.

 ÉGUAS NO PASTO
(23 de fevereiro de 1945)

I. Divertimento

Ao elogiar as éguas rápidas, transformadas em cavalos de corrida partir pra uma consideração, imparcial, não pejorativa sobre a mulher moderna que abandonou uma moral e ainda não readquiriu outra etc.

“Será que é necessário se converter só num físico?”

 ÉGUAS NO PASTO
(24 de fevereiro de 1945)

I. Divertimento

Não esquecer pra iniciar a passagem entre as velocidades e a sátira amarga à mulher moderna, de principiar descrevendo esta, por meio da mulher esportiva. A nadadora recorde, a futebolista, a boxista, e enfim a mulher-soldado (Esculhambação da carreira das armas).



ÉGUAS NO PASTO – EXALTAÇÃO DA FÊMEA



(24 de fevereiro de 1945)

Chama dúctil e misteriosa. Eterno prazer dos olhos.

Perícia

Das consolações confusas em que a dor se entenece
no gozo, [\[207\]](#)

Prolongando-se numa preguiça úmida, e esquecida

Das raízes que lhe dão a esquivança do seu pudor.

5 Completamento dos luars, sempre insatisfatório,
Perdido em luzes que não esclarecem a realidade das
formas

Mas enaltecem em mil fantasmas a presença das
perguntas primitivas,

Fêmea!

 ÉGUAS NO PASTO
(24 de fevereiro de 1945)

I. Divertimento

Ao finzinho já da exposição semissatírica, semiamarga da mulher moderna, “destituída do seu destino”, repetir as duas frases angustiadas da MEDITAÇÃO [\[208\]](#)

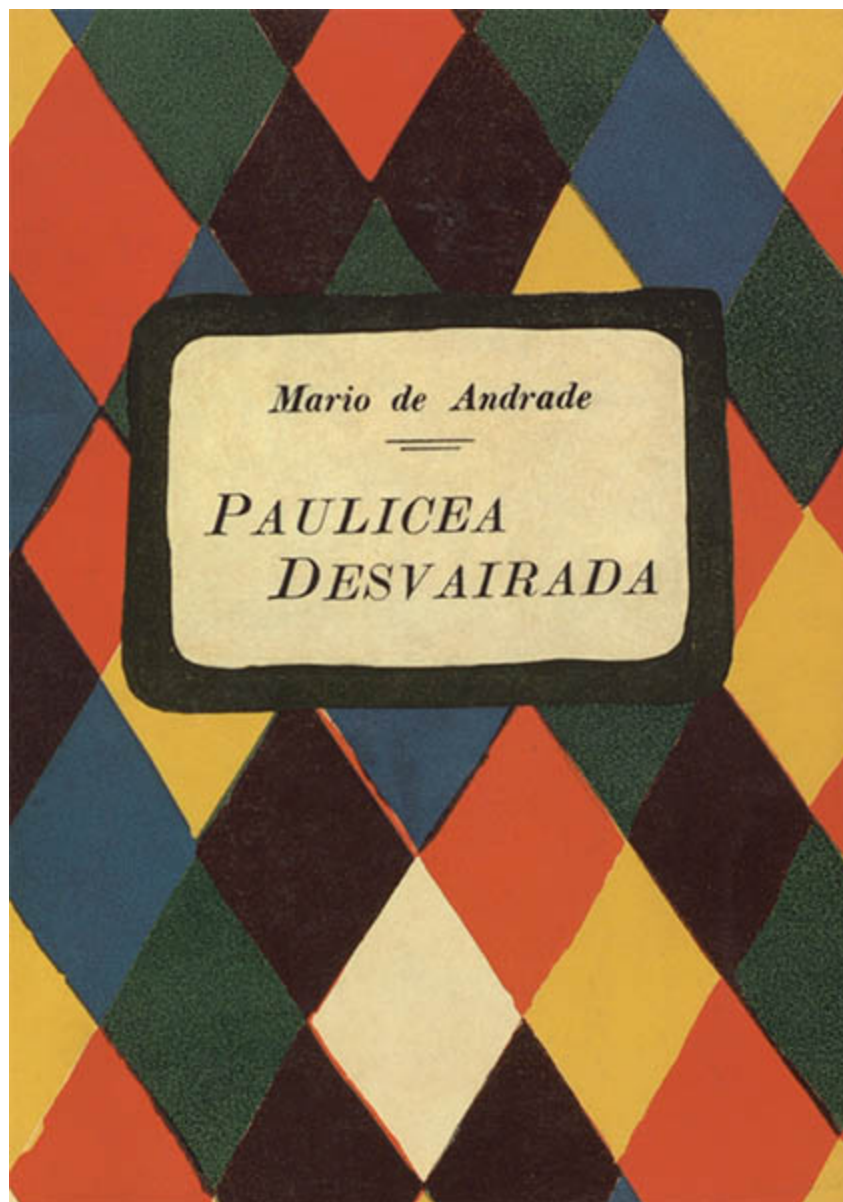
Égua! o que eu posso fazer!... E hei-de guardarsilêncio!... Há-de haver com certeza
Uma vida melhor do outro lado de lá
Da serra!... O que eu posso fazer!... Hei-de guardarsilêncio!

Hei-de guardar silêncio, extraviado em destinostransitórios,

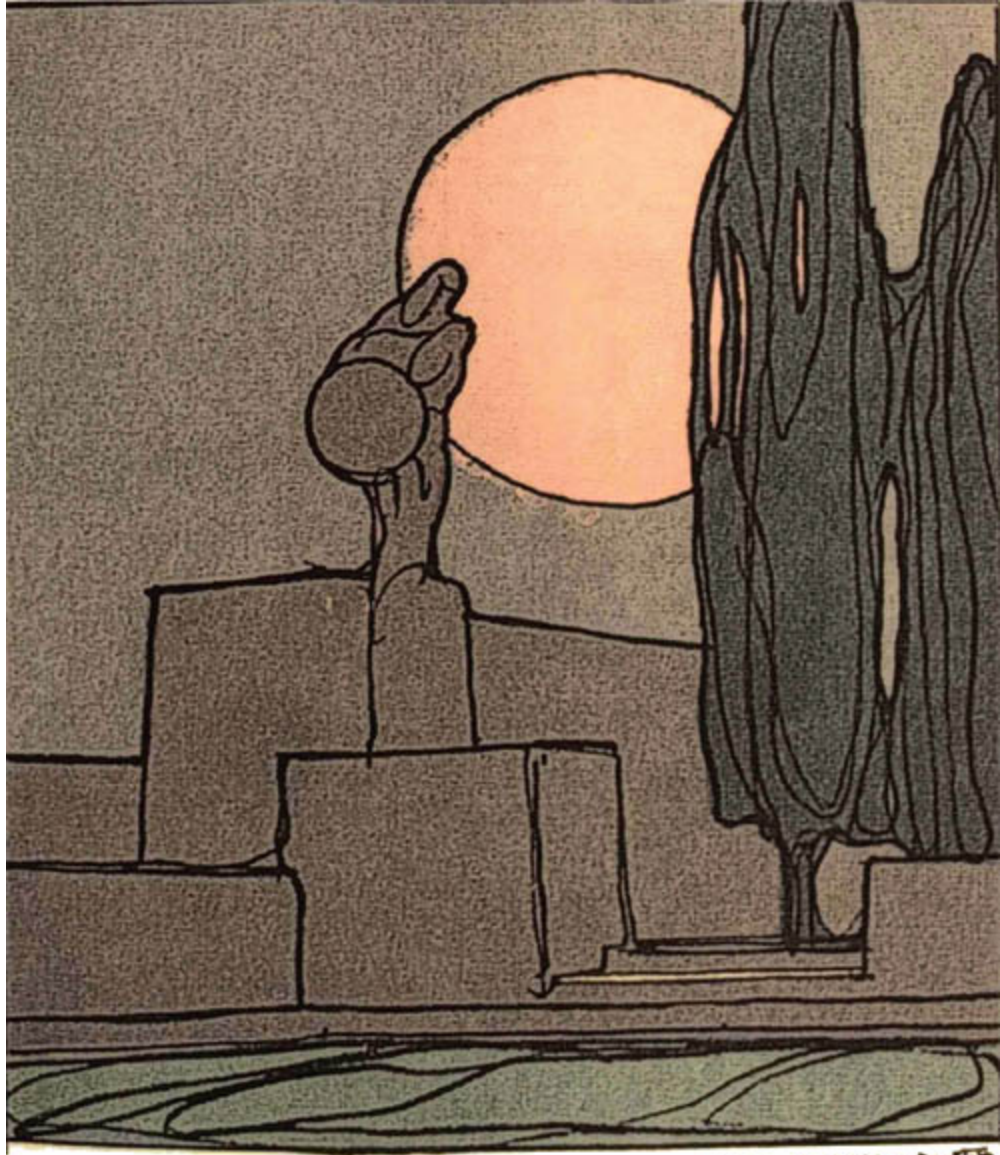
5 Quando a trompa do teu corpo túrgido lúcido e inflexível

Clangora a tua predestinação?...

 6. MÁRIO DE ANDRADE TRADUTOR



Manuscrito de PREMIER NOCTURNE, versão em francês do poema
NOTURNO de *Pauliceia desvairada* por Mário de Andrade
(Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).



Art. Moya Art.

UN JOUR VIENDRA

PERFUME D'ARYS O MAIS LUXUOSO
ADOPTADO PELAS PESSOAS ELEGANTES
O MAIS CAPTIVANTE E PENETRANTE.



Extracto, Locção, Pó de Arroz, Sabonetes, etc.

ARYS, 9, Rue de la Paix, Paris — e em todas as perfumarias
Extracto ☞ Locção ☞ Agua para Toilete ☞ Pó de Arroz ☞ Sabonetes

Vende-se em todas as Perfumarias — Em grosso com o Agente e Depositario

A. J. Ferreira • 113, Rua General Camara • Rio de Janeiro



Reverbères du Camboucy par cette nuit de crime...
Chaleur! Et la nue basse, grosse, épaisse,
faite de corps de papillons nocturnes,
rasant l'épiderme des arbres...

- 5 Les trams se dandinent, comme un feu d'artifice,
secoués par les rails,
crachant un trou dans les ténèbres blanches...

Dans un parfum d'héliotrope et de boue
passe une fleur-du-mal...

- 10 Elle est venue du Tourkestan.
Elle a des yeux cernés, qu'obscurcissent les âmes...
On dit que l'argent se fond entre ses ongles violets
dans les tripots de Ribeirão Preto.

- Batat'assat'ô fourm!...

- 15 Reverbères du Camboucy par cette nuit de crime!...
Chaleur... Et la nue basse, grosse, épaisse,
faite de corps de papillons nocturnes,
rasant l'épiderme des arbres...

Un mulâtre doré,

- 20 à la chevelure faite d'anneaux polis...
Guitare!... "Quand je mourrai..."

Une pesante odeur de vanilles oscille, tombe et roule
dans la rue.

Vague dans l'air la nostalgie des pays chauds.

Et toujours les trams comme un feu d'artifice,
25 secoués par les rails,
creusant un trou dans les ténèbres blanches...

- Batat'assat'ô fourm!...

Chaleur... Les diables voltigent dans l'espace
portant des corps de femmes nues.

30 O, les lassitudes des toujours imprévus,
et les âmes se réveillant aux mains des enlacés!...
Idylles à l'ombre des platanes!
Et l'universelle envie à la gloire fanfaronne
des jupes roses et des cravates roses...

35 Balcons prudents où fleurissent les jeunes Iracemas
pour les ardeurs des hommes blancs...
Est-ce qu'ils sont vraiment blancs, ces européens?...
Et que les chiens hurlent aux amants...
Qu'importe!

40 Tous marchent dans l'allée des Baisers de
l'Aventure!

Mais moi... Mais ces grilles en arabesques de jasmins
qui m'emprisonnent,
tandis que les impasses du quartier sont ouvertes
à la liberté des lèvres qui se cherchent...

Arlequinale! Arlequinale!

45 Et la nue basse, grosse, épaisse,
faite de corps de papillons nocturnes,
rasant l'épiderme des arbres...
Mais sur ces grilles en arabesques de jasmins qui
m'emprisonnent
les étoiles délirent en des carnages de lumière,
50 et mon ciel est tout en fusées de larmes!...

... et toujours les trams, comme un feu d'artifice,
secoués par les rails,
perforant un trou dans les ténèbres blanches...

- Batat'assat'ô fourm!...

Mário de Andrade. NOTURNO, *Pauliceia desvairada*

Les camions rôdent, les tombereaux rôdent, [\[211\]](#)
les rues se déroulent rapides,
rumeur sourde et rauque, craquements, fracas...
Et le chœur large de l'or des sacs pleins de café!

5 Toutes les voies se dirigent vers le cri anglais de
la São Paulo Railway...

Mais voici les vents des désillusions!

Le café est en baisse!

Des cracs, des menaces, des audaces superfines.

Les richards se cachent dans leurs cafés [\[212\]](#)

10 Où sont les hommes qui gouvernent?

Mais le Brésil croise ses bras au loin...

O les indifférences maternelles!...

Et les camions rôdent, les tombereaux rôdent,
les rues se déroulent rapides,

15 rumeur sourde et rauque, craquements, fracas...

Et le chœur large de l'or des sacs pleins de café!

Lutter!

La victoire pour ceux qui luttent seuls!

Les drapeaux, les clairons des magasins débordant de
café...

20 Frapper le premier!

Et le Brésil croise ses bras, au loin...

Mais le sacre viendra, avec nos propres mains!
Vous, hommes qui gouvernez, en arrière!
Victoire!

25 Mettons des colliers de dents ennemies!
Couronnons-nous avec le café mûr!
Taratá!...
Et persiflons le monde entier!

O! Ce suprême orgueil d'être paulistement!

Mário de Andrade. PAISAGEM Nº4, *Pauliceia desvairada*

Midi.

La terre cesse

là-haut, dans ces collines

où les premières *fazendas* se penchent,

5 groupées comme les fleurs de St. Jean.

Frate Sole,

avec moi, en vacances,

flâne parmi les manguiers.

Verger.

10 Une petite orange tombe.

Quel bruit!

Et le silence sort des ombres

et fuit épouvanté, en cabrioles,

avec un vent qui saute du feuillage.

15 Et soudain tout se met à vivre dans l'immobilité!

Un rayon roux, roussâtre

tourne autour du bananier;

rouge-et-vert inquiet,

c'est un petit drapeau du Portugal;

20 rondes bleues, valse roses et blanches,

pierreries, illuminations...

Sur le sol tacheté d'ombres

mes frères peureux,

les Papillons.

Mário de Andrade. MOMENTO, *A Idea Ilustrada*. São Paulo, **1923**



Veille de St. Pierre.

On flambe encore dans la fazenda
le bûcher traditionnel.

Fusées, pétards, danses au loin...

5 Mais l'auto est dans le garage.

Dans un mois toutes les machines de la plantation
marcheront à électricité.

Comp. Force et Lumière de Jahou.

Nous aurons bientôt le téléphone...

10 *Comfort.*

Comfortably.

Illumination a giorno.

Il ne manque pas même un mot français.

Nous sommes au Brésil, n'est-ce pas?

15 Le bûcher chantonne

Des sauts,

Des flammes,

La meute des flammes

rapides

20 multiples

portées par un vent vertical.

Éclatements du bois

étincelles véloces,

miriadares dans l'espace,

25 écume de feu

barbouillant la chambre haute de la nuit...

Curieux!

Il n'y a plus de nègres,
de mulâtres

30 de indiens[215]

ni quelques autres sujets poétiques nationaux!

C'est la nuit papale de St. Pierre.

Il fait froid, silencieusement.

Et ces enfants

35 pétards

sauts

rires

ces enfants avec des reflets rouges

dans leurs bras, yeux, lèvres, jambes, cheveux
sauvages.

40 Clouées dans la nuit noire
les étoiles internationales.

Le vers-libre miraculeux de la Voie-Lactée.

Un mugissement effrayé sur les coteaux.

Plus rien.

45 LE FEU RUDIMENTAIRE.



B D G Z Remington

Pour toutes les lettres...

Réflexe mécanique

de sentiments rapides torturés

5 Rapidité! Rapidité!

Oui, deux cents mots à la minute

Où a valé un jour la machine à écrire

de mon frère

et cela aussi fait partie

10 de la poésie

car il n'avait pas d'argent pour en acheter une autre.

Egalité machinale

Amour, Haine, Tristesse

et les sourires de l'ironie

15 pour toutes les missives...

les apaches et le président de la République

écrivent avec la même lettre

Liberté

Égalité

20 Fraternité: point

Unification de toutes les mains

Touts les amours

commençant par des AA qui se ressemblent

Le mari qui trompe sa femme

25 La femme qui trompe son mari
Les amants, les enfants, les amoureux...
"Condoléances"
"Situation difficile..."
Mon cher ami! Et les 50 francs...

30 Cordialement
Ton dévoué"
Et la signature manuscrite.

Tris! Désastre!
C'est la lettre O

35 Privation des étonnements
pour les âmes ébahies
devant la vie!
Ne plus pouvoir dire mon extase!
Multicoloration de mes clameurs passionnels
40 devant tes cheveux enflammés!

Le point de l'interjection s'est déplacé.
Ma commotion a tapé un espace...
Et il est resté un fil,
comme une larme qui roule,
45 et un point final après la larme...
Mais je n'eus pas de larmes, je fis "Oh!"
devant tes cheveux enflammés!...

La machine a menti!

"Tu sais que je suis très gai;
50 mais j'adore tes cheveux...
A mercredi, onze heures".

Je tape deux LL minuscules
et la signature manuscrite

Mário de Andrade. MÁQUINA DE ESCREVER, *Losango cáqui*

O ma Londres des brumes froides!
Plein été. Et les mille millions de rosiers...
Il neige des parfums.
Froid. Il fait très froid...

- 5 Et l'ironie des jambes des midinettes
qui ressemblent à des ballerines.
Le vent est un rasoir
dans les mains d'un espagnol...
Arlequinade! [\[218\]](#)
- 10 Il y a deux heures le soleil se consuma
et dans deux heures il consumera...

Un saint Nigaud passe en chantant sous les platanes
un tralàlà... Gendarmes! Prison!
Nécessaire la prison

- 15 pour qu'il y ait civilisation?
Mon coeur se sent très triste
pendant que le grisâtre des rues frissonnantes
dialogue une complainte avec le vent... [\[219\]](#)

Mon coeur se sent très gai!

- 20 Ce petit froid revêche
me fait sourire...
Et je vais... je vais... en ressentant
l'inquiète allégresse [\[220\]](#) de l'hivernage
comme un goût de larmes dans la bouche...

Mário de Andrade. PAISAGEM Nº 1, *Pauliceia desvairada*

Tout seul.

Abandon palpable

pour mes doigts anxieux de quels poignets...

Mes lèvres hals resplendissant mais pour
quelles stressées?

5 Instanément cinesthésie crocodile

Avec des mains sur mon épaule...

Obligé à faire des vers dans le tramway...

Solitude. Fatigue de penser

laisse tomber dans mes veines

10 une goutte d'alcool à quatre-vingt-dix degrés.

Mieux vaut tout abandonner – crocodile –

Ah! cette lettre... articles...

Et l'âpreté indifférente de l'amitié...

Mes amis veulent de la chair saignante

15 images crues truculentes dissonantes...

Manque de classicisme!... crocodile –

Ah! près des montagnes hautes un mois là-bas

mais avec confort moderne

– crocodile: crocodile –

20 Une Chimie... mais sans la nécessité de l'étude

Sans la nécessité d'écrire

sans aucune nécessité

pas même cette lettre

– crocodile. –

25 Sans le devoir d'inventer métaphores diamants

Une villa très hygiénique
téléphone automobile
Peut-être l'aimerais – je mieux – sur une plage...
Un amour véritable...
30 Et plus rien de sentimental...

Mário de Andrade

“Adorer ton Dieu tous les matins”

Ferme

Ma chambre toute petite
comme la civilisation

5 Et tout autour, immense...

NATURE.

les caféiers

tapisseries monotones

Période Primaire

10 Ébullition

L’arabesque hérissée des forêts

copalms

ipêes [\[223\]](#)

Pâturages dorsaux

15 et tout en bas le ruisseau...

J’adore mon Dieu tous les matins

dans la maison grande...

NATURE.

Dans la chevelure des clôtures

20 le coup de peigne des rayons solaires...

Et nous tous: arbres

boeufs

hommes

maisons

25 et une tresse d’ombres dans le vert...

J'adore mon Dieu tous les matins
Mais quel mal ai-je fait
au soleil
pour me voir additionné à cette ombre capricieuse
30 ridicule comme un péché véniel...
Ma pauvreté

et ma petitesse!

Comparaisons
Immensité
35 terreur
vie
éloquence

NATURE.

Mário de Andrade

Estrelas
verdes, tênues, altas,
mais além do desejo,
intocadas.

5 Mais para trás da noite
jamais situadas,
diamantes nos olhos
de gaivotas claras.

Assim como no mar,
10 em longínquas cidades,
nos rios, nos prados,
bosques, montanhas.

Lás e sis nos grilos,
dós e rés nas rãs,
15 estrelas dos meus olhos,
doces, tristes, distantes.

Arturo Torres-Rioseco



Hora do azul:

tu, na acácia, desnuda,
toda topázio de olhos, mel de lábios,
leite de dentes, toda

5 ar, carne, e espírito e matéria.

Ai! que não partas nunca
deste mundo tão nosso,
deste mundo de acácias, de ar e nuvem,
deste quadro infinito

10 de sol, de beijo e risos,
onde estás desnudada como nunca,
transparente e perfeita.

Vem a torrente vem
o ciclone. Vem, fundo e grande,

15 o vento, fundo como túnel,
grande como potro de fogo,
terremoto sem causa e sem sentido;
inundação de saís, de morte:
hora de tua partida.

Arturo Torres-Rioseco

Vasto silêncio da noite,
negro silêncio sobre a água,
sombra que espera seu momento
como uma fera agachada.

5 Olhos cerrados sobre o mundo,
com o sofrimento das estátuas,
ainda para lá das estrelas
e para cá das palavras.

No mistério é que eu me defino
10 como essa luz na veneziana,
eu, só uno, concretizado
no presente, ontem, amanhã.

Arturo Torres-Rioseco



Debaixo do sabugueiro
eu pus a dália.
Passou teu nome cantando
pela água.

5 Pela água se ia o teu nome,
cresceram lírios debaixo;
a borboleta morria
entre o sol e os álamos.

Na espiga e na árvore
10 se desnudava o pássaro:
teu nome ia pelos ares
cantando.

Já te tenho preso
entre o sabugueiro e a dália:
15 no caminho o pássaro
canta que te canta.

Arturo Torres-Rioseco

 “A posição que Mário de Andrade ocupa na literatura brasileira, a esta altura já confere a tudo quanto ele escreveu, pelo menos um valor de documento necessário ao exame dos seus caminhos intelectuais e artísticos”, afirmou Oneyda Alvarenga, em 1974, no seu *Mário de Andrade, um pouco*. Concordando com ela, Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez idealizaram este segundo volume para acompanhar as *Poesias completas*. Nele reuniram transcrições e fac-símiles, documentos relacionados aos livros publicados pelo autor e a obras póstumas; além de textos estabelecidos de poesias inéditas e esparsas, em conjuntos coligidos pelo próprio Mário, ou ainda em títulos seus retirados de jornais e revistas, da correspondência, da marginália e dos dossiês de manuscritos.

A generosa proposta deste volume extra é, portanto, segundo as especialistas, a de partilhar com o público o material com que se depararam em sua longa e minuciosa pesquisa, esquadrinhando “o arquivo, a biblioteca, a correspondência ativa e passiva de Mário de Andrade publicada, a produção dele nos periódicos literários e na grande imprensa”, a fim de recompor seus percursos criativos e de entrar em contato com outras versões da sua poesia já conhecida para que se compreenda mais a fundo a extensa e variada produção poética mariodeandradiana.

Dividido em duas grandes seções, a primeira contendo um dossiê das edições e dos manuscritos, a outra apresentando poesias inéditas e esparsas, este segundo volume traz ainda um material iconográfico interessantíssimo (como o prefácio!), a possibilidade de conhecer a gênese de alguns poemas ou obras e ainda a faceta do Mário tradutor dos poemas do chileno Arturo Torres-Rioseco e de si mesmo. Aqui, mais uma vez, o célebre verso “Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinquenta,” parece perfeito para definir esse artista plural.

 Quem percorre revistas e jornais brasileiros da década de 1910 até 1945 encontra-se com muitos poemas de Mário de Andrade (1893-1945). Aqueles que pesquisam em seu arquivo, leem sua correspondência ou examinam livros que pertencem a sua biblioteca, muitas vezes descobrem poemas inéditos ou primeiras versões de textos publicados. O intuito de recompor caminhos do poeta em seus esparsos, de apresentar a vertente da tradução e incluir análises inéditas do escritor sobre sua criação poética, orienta a organização deste 2º volume anotado de Poesias completas. O poema composto pelo menino e transcrito pelo adulto, versos rabiscados na margem de leituras ou remanescentes de uma fase de tonalidade parnasiana, outros vinculados a circunstâncias, ao “claro riso dos modernos”, a músicas da lavra do próprio poeta, ou excluídos dos livros publicados, aqueles que provêm do período da angústia extrema ou que convalidam o compromisso político, tudo enfim, que uma pesquisa de fôlego desencavou, mostra-se neste segundo volume de Poesias completas, ao lado de reproduções fac-similadas de documentos esclarecedores.

© 2013 by titulares dos direitos autorais de
Mário de Andrade.

Produzido em conjunto com a Equipe Mário de Andrade do Instituto de
Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), coordenada por
Telê Ancona Lopez

Projeto gráfico e direção de arte
Ana Luisa Escorel | Ouro sobre Azul

Assistência de projeto
Erica Leal | Ouro sobre Azul

Capa
Ana Luisa Escorel | Ouro sobre Azul

Uma releitura da pintura atribuída a Guilherme de Almeida, para a capa de
Pauliceia desvairada | Edição do autor na gráfica da Casa Mayença | São
Paulo, 1922.

Revisão
Ângelo Lessa
Leandro Raniero Fernandes
Marleide Anchieta
Sabrina Primo

Editoras
Janaína Senna
Maria Cristina Antonio Jeronimo

Produção de ebook
S2 Books

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, **345** | Bonsucesso
CEP: 21042 235 | Rio de Janeiro RJ Brasil
T 21 3882 8200 | F 21 3882 8212 | 3882 8313

CIP BRASIL | CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A568

Andrade, Mário de, **1893-1945**

Poesias completas

Mário de Andrade | edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

ISBN 978 85 209 3613 9

1. Poesia Brasileira | I. Título

07 1631

CDD 869 93

CDU 821 134 3 (81) 3

[1] ^{MA} conservou, dentro do exemplar de trabalho de *Poesias* (São Paulo, Livraria Martins Editora, **1941**), um texto em seis partes, no qual observa a própria criação. Em escrita convulsa, a tinta preta, sem perceber lapsos, focaliza os poemas EU SOU TREZENTOS... e CANÇÃO, assim como os conjuntos “GRÃ CÃO DO OUTUBRO”, “RITO DO IRMÃO PEQUENO” e “O GRIFO DA MORTE”. ^{MA} continua o depoimento sobre o “GRÃ CÃO DO OUTUBRO”, quando pede opinião sobre esses poemas a destinatário não discriminado, em fragmento de carta datilografada, assinada “^{M.}”, também inserido no exemplar de *Poesias*. Ali estão, ainda, os poemas OBSESSÃO e ASSUSTADO, em recortes de jornal não identificado, sem data (V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 2. POEMAS PUBLICADOS POR MÁRIO DE ANDRADE EM JORNAIS E REVISTAS). Pode-se pensar que este acréscimo de documentos ao volume teria ocorrido no momento em que ^{MA} constitui a nova versão de poemas, visando à publicação de *Poesias completas*, volume II de suas Obras Completas, pela mesma editora, em **1943**.

[2] Esta edição sanou o lapso do escritor no segmento “que via, nos seus estudos folclóricos”.

[3] No manuscrito de *O Turista Aprendiz*, versão de **1943**, o diário registra em 5 de julho de **1927**: “Que calmaria serena... Que mundo de águas lisas, fluidas... Que espelho claro... As caiçaras nos portos... Uma ausência plena de inquietações, de audácias, de Pireneus ambiciosos... E o sol, o sol do lado, todo de ouro branco, claro, mui claro, claríssimo, impossível da gente fitar. E há quem xingue a alvorada do *Schiavo*.” (V. ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Estabelecimento de texto, introdução e notas Telê Ancona Lopez. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, **1976**, p. **138**).

[4] Em autógrafo a tinta preta, nota apenas ao exemplar de trabalho de *Poesias*, **1941**.

[5] A edição sanou o lapso “em qualquer outros, explode”.

[6] Carta não enviada a Oneyda Alvarenga; local, data e destinatário atestados: [Rio de Janeiro, ant. **29** out. **1940**]; fragmento em datiloscrito original, fita preta, apenas ao exemplar de trabalho de *Poesias*. Dados confirmados pela alusão na carta de Oneyda, em **29** de outubro de **1940**: “Ainda não pude ler os seus versos”. A resposta de ^{MA} esclarece a questão,

em 1º de novembro de **1940**: “Recebi sua carta e na verdade só lhe escrevo desta vez pra lhe dizer que não precisa mandar A COSTELA DO GRÃ CÃO pra cá, depois que a ler. Estarei em S. Paulo lá pelo dia **13** ou **14** deste e então trarei comigo os versos. Aliás passe eles ao Saia pra que ele também dê opinião. Estou me interessando, no caso, mais com a opinião dos moços que dos meus contemporâneos.” (V. ALVARENGA, Oneyda (Org.). *Cartas Mário de Andrade/Oneyda Alvarenga*. São Paulo: Duas Cidades, **1983**, p. **301**). Em **10** de março de **1941**, escrevendo a Alphonsus de Guimaraens Filho, ^{MA} informa a composição do livro que sai em novembro desse mesmo ano: “[...] há uma larga parte de inéditos. Dei ao Manuel pra me aconselhar e ele repudiou muitos. Dei ao Prudente que também repudiou muitos. Mas ambos divergiam bastante no repúdio, só tendo concordado umas três vezes. Resolvi abandonar de vez o conselho da minha geração. Andei mostrando pra alguns moços que têm muita liberdade, mas a máxima liberdade comigo: não repudiaram nenhum! São versos brutais, representam uma das piores crises morais, ou melhor, imorais que já aguentei. Vou conservar. Não lhe mando por não ter quem os copie, meu secretário está ocupadíssimo agora e eu ainda mais.” (V. GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de (Org.). *Itinerários: cartas a Alphonsus de Guimaraens Filho de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. São Paulo: Duas Cidades, **1974**, p. **28**).

[7]^{MA} se refere ao CANTO DO MAL DE AMOR.

[8] Autógrafo a tinta preta em folha extraída de outro exemplar de *Poesias* (**1941**), apensa ao exemplar de trabalho. A escrita ocupa o espaço em branco ao final do poema à p. **253**, continuando no verso, p. **254**.

[9] Autógrafo a tinta preta, no espaço em branco ao final do poema, prosseguindo no verso de folha (p. **265-266**), no exemplar de trabalho de *Poesias*.

[10] Nota sobre a parte O GRIFO DA MORTE de “LIVRO AZUL”; guardada pelo escritor entre as folhas do exemplar de trabalho de *Poesias*, **1941**; autógrafo a tinta preta em folha de bloco, papel milimetrado branco amarelecido, **14,7** x **11,5** cm, borda superior picotada.

[11] Alusão à viagem de ^{MA} Turista Aprendiz à Amazônia, em **1927**.

[12] Nota de trabalho no manuscrito de *O carro da Miséria*; a indicação “p. 9” refere-se às partes ^{x-xii}.

[13] Os versos iniciais da última versão da parte ^{xii} do poema são: “Mas eu mas eu rapazes/ Canto com convicção.”.

[14] Plano no manuscrito de *O carro da Miséria*.

[15] Versão interrompida do ensaio no manuscrito de *O carro da miséria*.

[16] Rasura: hesitação: “de valor imediato”.

[17] Verso da parte ^x substituído nas versões conhecidas do poema: “Pois então violão há-de reconhecer”.

[18] O estabelecimento do texto da INTRODUÇÃO acompanha a única versão conhecida; autógrafo a grafite, Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

[19] Rasura: hesitação: “colaboração” / “convivência”.

[20] Rasura: hesitação: “tão fatalmente” / “com tal fatalidade”.

[21]^{MA} reuniu sua poesia anterior ao modernismo em três conjuntos de manuscritos. O primeiro, cujo título se desconhece, ocupou um caderno encaminhado a Manuel Bandeira em **1925**, documento não localizado no espólio do poeta. ^{MA} a ele se refere em **4** de outubro desse ano, escrevendo ao amigo: “Primeiros versos que fiz não me lembro se com treze ou quatorze anos, foram acolhidos com gargalhadas de todos e, o que é pior, com inteira desatenção dele [do pai] e um muxoxo desprezivo. Nunca mais fiz nada até mais de vinte, convencido de que não era coisa nenhuma. De supetão, em **1913**, época de doença grave, que quase me matou, neurastenia aguda devido a excesso de estudos de piano e morte de irmão que eu queria sobre todos, principiei a versificar. Fiz montões de porcarias que não mostrava a ninguém certo de que aquilo devia ser porcariada grossa. No entanto, no íntimo vibrava como um maluco diante dos meus sonetos. Fazia três até mais por dia, nas épocas de grande efervescência. Desses milhares de versos este livrinho ficou. Todo o resto eu ia destruindo aos poucos. Leia e volte porque não tenho cópia e me interessa guardar. São na quase totalidade anteriores ao *Há uma gota*. Você há-de ter curiosidade de ler isso. Alguns sonetos valem. Diga quais te parece valer. Confrontarei nossas opiniões. Talvez um dia publicando certos poemas de todas as épocas que não tem possibilidade de aparecer dentro dos meus livros que tem sempre

assuntos determinados, incluirei alguns desses versos metrificados, sonetos e o SABIÁ e mais UM DELES. O resto: morte sem piedade. Reflita por escrito no próprio livro, não faz mal e não cansará.” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Correspondência de Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. 2ª ed. São Paulo: Edusp/ IEB-USP, **2001**, p. **243**).

O segundo conjunto, rotulado “POESIAS ANTERIORES A 1919 E ÀS PESQUISAS MODERNISTAS”, possui **14** textos. Corresponde à seleta destinada ao número da *Revista Acadêmica*, do Rio de Janeiro, comemorativo dos **50** anos de MA, homenagem arquitetada em **1943**, que não se concretizou. MA expõe o plano ao diretor do periódico: “Poesias anteriores a **1919** e às pesquisas modernistas. (É quase tudo inédito, creio que só tem três poesias publicadas, duas pela *Acadêmica* mesmo, e uma pela *Garoa*, revisteco inachável daqui. Como não pretendo republicar isso em parte nenhuma, quem quiser ter curiosidade só na *Acadêmica* mesmo. Você escolherá o que quiser, mas eu confesso que no caso de publicar, preferia que fosse tudo, pra ficar como documentação definitiva, aumentando provavelmente o valor bibliográfico do número)”, em 1º agosto de **1943** (V. ANTELO, Raúl (Org.). *Cartas de Mário de Andrade a Murilo Miranda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, **1981**, p. **155**). Naquele momento, monta, em seu arquivo, o dossiê *Acadêmica* que colige “POESIA”, “PROSA DE FICÇÃO”, “POLÊMICA”, “SÁTIRA” e “CRÍTICA” (dividida em pintura, cinema, poesia e música). Escolhe, para figurar na primeira parte, “**1. ‘Fiori-de-la-pá’ (1906-7)/ 2. Sonetos anteriores a Pauliceia (1914-19)/ 3. ÚLTIMOS VERSOS-CAFÉ (1942 – trecho)**”.

O terceiro conjunto – POESIAS ANTERIORES A 1917 –, oferecido pelo escritor a sua discípula Oneyda Alvarenga, compõe-se também de **14** textos; repete determinados títulos presentes no anterior, e apresenta variantes nos versos. Foi abrigado por MA em uma pasta reaproveitada de manuscritos descartados “vi/ A/COSTELA/ DO/ GRÃ CÃO”. Em dezembro de **1960**, a musicóloga e poeta publica, na *Revista do Livro* (a. **5**, nº **20**; São Paulo, p. **69-103**), o conjunto que lhe coube, intitulando-o POESIAS MALDITAS.

A presente edição de *Poesias completas*, no caso de títulos que se conservaram nos dois dossiês, tomou como texto base a seleta destinada à *Revista Acadêmica*.

[22] Nota _{MA}: “Este poema... surrealista foi inventado, com a respectiva música, em criança”.

Nota da edição: No conjunto presenteado por _{MA} a Oneyda Alvarenga, recebe o título POEMA ESCRITO AOS DEZ ANOS, e apresenta variantes: “Fiori de-la-pá!/ Jeni-transféli gúidi nus-pigórdi,/ Jeni-trans...féli-güinórdi,/ Jeni!” e este depoimento de MA: “Esta foi a nota lírica de toda a minha infância. Só iria escrever versos ‘conscientes’ muito depois, certamente com mais de dezoito anos. Este poema foi escrito mais ou menos pelos dez, como lhe diz o título. Cantarolava-o sempre, e ficou imperecível dentro de mim. Não sei o que quer dizer, e sobretudo me assusta muito esse ‘Jeni’, pela coincidência das sílabas, pois que é absolutamente certo jamais ter passado alguma Genny na minha vida. Não creio seja bonita essa estância, embora me impressione sempre com o mesmo vigor. Se a publico é por um mais ou menos monótono dever de honestidade, que alguns poucos saberão apreciar, poucos”. Ao publicá-lo na *Revista do Livro*, em dezembro de **1960**, Oneyda Alvarenga lembra: “Este jogo músico-verbal da infância era de fato cantarolado. Gilda de Mello e Souza sabe-lhe a curiosa cantiguinha, que dela ouvi uma só vez, há muitos anos. Por isso não cheguei a decorá-la e nem houve naquele momento possibilidade de escrevê-la”.

No manuscrito *A gramatiquinha da fala brasileira*, _{MA} dá outra versão do poema e historia a criação, de outra forma: “É curioso que, sem saber disso, os primeiros versos que fiz, ou pelo menos de que tenho memória foram também uma embolada legitimíssima. Isso foi no tempo dos quatorze pros quinze quando o amar passou dos simples beijos escondidos nos cabelos maravilhosos de Maria ou das marretas sintomáticas, meio sem ser de lado, que dava numa outra Maria, tenho a fatalidade das Marias na vida minha!... criadinha na tia do número **1**. Tinha conhecido uma liberobadaroana, naquele tempo... Se chamava Geny. Pois eu andava sempre cantando estes versos admiravelmente expressivos e que são um exemplo perfeito e equilibradíssimo do processo da sublimação freudiana. Vou grafar a embolada pelas entidades psicológicas dos vocábulos que eu sentia dentro de mim. Vai:

“Fiori de la Pá

Geni transférđi güide nôs pigórdi

Geni trâns!(**1**) Feligüinórdi

Geny!...

“E foram os únicos que me ficaram da meninice... Únicos bem, não. Me lembro duma quadra de que só resta em mim o último verso. Também sintomático? Não sei. Vai:

“O moço pegou na faca e disse: Oh! Morte.

“(1) Neste ‘Geni trâns!...’ eu era possuído por um êxtase inconcebível. Erguia a voz, dava uma fermata e sofria!”. Edith Pimentel Pinto transcreve o trecho em *A gramatiquinha de Mário de Andrade: texto e contexto*. (São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria de Estado da Cultura, **1990**, p. **453**).

[23] Com a indicação: “Inédito (Anterior a **1917**)” e variantes, o poema saiu no encarte ANTOLOGIA DA MODERNA POESIA BRASILEIRA I: MÁRIO DE ANDRADE, *Revista Acadêmica* (a. **7**, nº **43**; Rio de Janeiro, abril de **1939**; Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP), e assim se mostra na versão oferecida a Oneyda Alvarenga. Dentre as variantes destacam-se: “De nédias ninfas em bando” (v. **7**) e “Pela relva de veludo,/ De mãos dadas, em polpudo/ Cordão, hílares, ovantes” (v. **9-11**).

[24] O poema apresenta variantes na versão no dossiê oferecido a Oneyda Alvarenga. Publicado no Suplemento Literário, nº **171** de *O Estado de S. Paulo* (São Paulo, **27** de fevereiro de **1960**).

[25] Na versão oferecida a Oneyda, o verso é: “E nem sofrer sei mais, por mor desgraça.”.

[26] No conjunto oferecido por ^{MA} a sua discípula Oneyda Alvarenga, o poema figura com variantes e o título A ALBERTO DE OLIVEIRA. Em carta a ^{MA}, datada **10** de outubro de **1925**, Manuel Bandeira após o comentário – “ÉCLOGA que é um pastiche de Alberto de Oliveira, quase tão bem feito como o soneto do Príncipe (‘Lísias pastor enquanto o manso armento’).” –, externa seu desejo de escrever um pequeno estudo para a revista *Estética*, O PASSADISMO DE MÁRIO DE ANDRADE, projeto esse que não se cumpriu (^{V. MORAES}, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **247-248**).

[27] Na versão confiada a Oneyda: “Deita-se à beira do pinhal, e o vento”.

[28] Soneto presente apenas na seleção destinada por MA à *Revista Acadêmica*, em **1943**.

[29] Soneto com variantes, sobretudo de pontuação, na seleta ofertada por MA a Oneyda Alvarenga

[30] Na versão dada a Oneyda: “A barulhar, bulhento e rábido no arcano,”.

[31] “Vem às vezes um choro, um lamentoso berro”, na versão dada à discípula.

[32] “E sofro, e à maior dor a minha dor irmano.”, na versão oferecida a Oneyda.

[33] Soneto com variantes, sobretudo de pontuação, no conjunto publicado por Oneyda Alvarenga, em 1960, na *Revista do Livro*.

[34] “Na versão oferecida a Oneyda: “Estende no terreiro a sombra informe”.

[35] A esta versão no dossiê elaborado por MA, em **1943**, para a *Revista Acadêmica*, e à versão no conjunto por ele oferecido a Oneyda Alvarenga, soma-se, datada de **1916**, a do primeiro dos DOIS SONETOS, na *Revista Acadêmica* (nº **33**; Rio de Janeiro, março de **1938**). O segundo SONETO mostra-se, com variantes, no “GRÃ CÃO DO OUTUBRO” em *Poesias*, **1941**. Em **31** de janeiro de **1938**, MA escreve a Murilo Miranda: “Lhe mando por mim esta poesiada. Preferia mandar prosa mas não tenho coragem pra escrever nada agora. Por outro lado, pode ser que os sonetos não valham nada, mas ingênua ou vaidosamente, dou grande importância pra eles, pelo que representam de especial na evolução particular dos meus... sentidos. Isso quer dizer que preferia que você desse uma página inteira só pra eles, na disposição em que vão, sem esquecer as datas que caracterizam bem a diversidade de estilo poético e de concepção estética do soneto. Se não for possível guarde pra outro número da Revista”. (V. ANTELO, Raúl (Org.). Op. cit., p. **47**).

[36] Na *Revista Acadêmica*, em **1938**, e na versão publicada por Oneyda Alvarenga em **1960**, o verso é: “Como astros frios que, com a luz perdida,”.

[37] Na versão publicada em **1938**, está: “Como estás longe ainda, e eu sou tão moço!”.

[38] Poema apenas na seleção destinada à *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro.

[39] Poema com variantes no conjunto que MA oferece a Oneyda Alvarenga, dentre as quais se destaca a do v. 3: “E deserdados da verdade humana”; título homônimo publicado na *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro (V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 2. POEMAS PUBLICADOS POR MÁRIO DE ANDRADE EM JORNAIS E REVISTAS).

[40] No conjunto destinado à *Revista Acadêmica*, a datilografia de MA repete cifrões sobre o título ANTIPÁTICO, substituindo-o por A CULPA. O poema possui mais duas versões, ambas com variantes na pontuação: a que está, sem título, na carta de MA dirigida a Manuel Bandeira, em 10 de novembro de 1926, e aquela que, no conjunto oferecido a Oneyda Alvarenga, na década de 1940, teve o título original, ANTIPÁTICO, substituído por SÓ. MA assim apresenta seu poema ao amigo Bandeira: “Manu, tem um soneto meu que pode ser ruim ter empregado muita convenção de dicção, porém que é exatamente a verdade dum momento de minha vida”. E conclui: “Teve um momento na minha vida em que me vi assim. O que está aí é verdade. E você se lembrará agora que esse estado foi tão forte que mesmo depois inda ecoou.” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 321).

[41] O soneto figura, com alterações na pontuação, no conjunto oferecido por MA a Oneyda Alvarenga.

[42] Poema publicado na revista paulistana *A Garoa*, em 24 de junho de 1922, retomado apenas na seleção destinada à *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, em 1943; recorte no álbum “Recortes III”, organizado pela irmã de MA, Maria de Lourdes (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[43] Escrevendo a MA, em 10 de outubro de 1925, Manuel Bandeira manifesta sua intenção de publicar o estudo O PASSADISMO DE MÁRIO DE ANDRADE, na revista *Estética*, após afirmar: “O soneto nº III de A MINHA EPOPEIA que acho bom – um soneto de boa tradição luso-brasileira (Camões-Quental-Nobre-Bilac), enfim que me deu prazer ler e reler, me suscitou imagens e emoções”. Não chega, contudo, a escrevê-lo (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. 247-248).

[44] No conjunto que ^{MA} oferece a Oneyda Alvarenga, intitula-se PRAIANA; possui variantes e as estrofes não são numeradas. O poema advém da CANÇÃO MARINHA, para canto e piano, musicada por Marcelo Tupinambá (Fundo Marcelo Tupinambá, IEB-USP; V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 5. POEMAS INÉDITOS E DE PUBLICAÇÃO PÓSTUMA).

[45] Em **11** de setembro de **1954**, João Condé publica, em seus Arquivos Implacáveis, n' *O Cruzeiro*, o fac-símile da última quadra, um autógrafo.

[46] Nota ^{MA}: “O soneto ^{XXVIII} de Cláudio Manuel da Costa (ed. Garnier) repete quase a mesma ideia, terminando ‘Tão longe dela estou e estou tão perto’. Gosto muito de Cláudio Manuel, talvez seja isso”.

Nota da edição: Soneto presente apenas no conjunto entregue por ^{MA} a Oneyda Alvarenga.

[47] Poema publicado na *Revista da Academia Paulista de Letras*, a. **1**, nº **3**; São Paulo, **12** de agosto de **1938**, versão no conjunto entregue por ^{MA} a Oneyda Alvarenga e por ela encaminhado ao Suplemento Literário, nº **171** de *O Estado de S. Paulo* (São Paulo, **27** de fevereiro de **1960**). Manuel Bandeira, em sua carta de **10** de outubro de **1925**, a ^{MA}, o analisa ao lado de NEVROSE AO LUAR, título que não consta de publicações ou acervos hoje conhecidos: “A NEVROSE AO LUAR e BALADA DA ÚLTIMA PRINCESA – bons simbolismos, sobretudo a última cuja música octassílaba está muito bem composta, com fino encanto prosódico, aquele fino encanto prosódico do simbolismo”. Na mesma carta, Bandeira manifesta sua vontade de escrever, para a revista *Estética*, um trabalho sobre o passadismo em Mário de Andrade. No entanto, a intenção não se efetiva (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **247-248**).

[48] Poema no conjunto entregue por ^{MA} a Oneyda Alvarenga, na década de **1940**. Fez parte do caderno anexado por Mário à carta por ele endereçada a Manuel Bandeira, em **4** de outubro de **1925**. Logo no dia **10**, respondendo ao amigo, o poeta de *A cinza das horas* cita os dois últimos versos da terceira quadra, a sétima inteira, e menciona a quinta; externa, também, seu intuito de escrever o estudo O PASSADISMO DE MÁRIO DE ANDRADE, para a revista *Estética*, mas não o realiza (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **247-248**).

[49]^{MA} ofereceu a Oneyda Alvarenga outro conjunto de poemas dele, reunidos em uma pasta de papel branco sob o título: “POESIAS”, seguido da indicação a grafite esmaecido: “Oneida”. No avesso, o invólucro testemunha a reutilização, no título interno datilografado – “I/ ANTES DA PAULICEIA DESVAIRADA”, e denuncia a existência de um projeto mais amplo para *Poesias completas*. Ao publicar este e o conjunto “POESIAS ANTERIORES A 1917”, na *Revista do Livro* (a. 5, nº 20; São Paulo, p. 69-103), como POESIAS MALDITAS, em dezembro de 1960, a organizadora relata: “No início de 1944, Mário de Andrade me deu os 24 poemas e a série de quadras que ora publico, acompanhando-os de uma explicação mais ou menos assim: não achava esses versos merecedores de publicação, mas também não tinha coragem de destruí-los; eram meus. [...] A exclusão que impediu a esses poemas a vida em letra de forma e o ingresso nas Obras Completas, não tirou ao presente o seu único possível e claríssimo sentido: Se você achar que valha a pena, publique um dia esses versos, quando houver um momento adequado”. Admite, porém, como poema, um pequeno conto – “A assombração” – que a presente edição de *Poesias completas* preferiu não incluir

[50] Outra versão do texto, datada de “Janeiro 1924”, autógrafo intitulado NOTURNO N° 4, acompanha a carta do dia 3, do mesmo mês e ano, a Anita Malfatti (Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP e BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. 72-73; fac-símile em POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 3. POEMAS NA CORRESPONDÊNCIA DE MÁRIO DE ANDRADE).

[51] Nota ^{MA}: “Escrito num ano de frio excepcional em que nevou até no Paraná”

[52] Nota ^{MA}: “(Estes 4 poemas pertencentes ao ciclo do TEMPO DA MARIA foram censurados por mim, por impossíveis de publicação no momento. Aliás diferem muito dos outros, por não serem... arte.)”.

Nota da edição: Em 28 de março de 1931, ^{MA} escreve a Manuel Bandeira: “Outro dia ainda, abrindo minha pasta de versos pra botar uns novos, me caíram nos olhos os poemas ‘malditos’ do ‘TEMPO DA MARIA’, que julguei indecente publicar, porque eram românticos, bestas etc. Pois de repente ficaram me agradando e se não fechasse a pasta depressa creio que ficava

arrependido. Algum dia hei-de mandar esses poemas pra você ler. São terrivelmente românticos e empolados. Mas me agradam. Homem, talvez me agradem agora por causa de estar, ah, meu irmãozinho, o amor se abancou de novo no meu rancho, mas é bom nem falar porque sou dolorosamente feliz” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **495**).

[53] Manuscrito com nota de MA: cruz de Santo André, a lápis vermelho, anulando o poema (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP). Em **7** de novembro de **1927**, escrevendo a Manuel Bandeira, MA copia o poema, intitulado-o MODA GOZADA. Em **2** de maio de **1931**, em carta ao mesmo amigo, insere a MODA SAFADA, outra versão (MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **362-363** e **505-506**).

[54] “Ando gozando”, na versão enviada a Bandeira em **1931**.

[55] Na versão oferecida a Bandeira na carta de **1927** havia, após esta, estrofe também excluída da versão de **1931**:

“Cheiro de terra,
Cheiro de cidade,
Oh velocidade
Montei em ti,
Tudo é gostosura,
Choro e me rio
Tudo por táxi!”

[56] Em **1927**, na carta a Bandeira: “Pra vida alcançar”

[57] Em carta a Drummond, em 8 de maio de **1926**, MA cita os quatro últimos versos deste poema (V. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Carlos e Mário: correspondência entre Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945*. Organização: Lélia Coelho Frota. Apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade. Prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, **2002**, p. **213**).

[58] Rasura: substituição em: “Brincando nestes versos”.

[59] A grafite, substituição em: “Vejamos, doce amiga,”.

[60] Substituição a grafite em: “São bem olhos de longe”.

[61] Nota MA, a grafite, comentário: “banal”.

Nota da edição: rasura a grafite: hesitação entre “Sofrer” e “Ter paciência com” (v. **2**); “As” e “Estas” (v. **3**); “como” e “feito” (v. **5**); “O cheiro do” e “Um gosto de” (v. **9**). A presente edição optou pela versão composta pela rasura a grafite.

[62] O soneto, assinado “Don José/ Mario Moraes Andrade”, recorte no álbum “Recortes III”, organizado pela irmã de MA, Maria de Lourdes, não designa data ou local de publicação (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP). A vinheta que o ornamenta levou a pesquisa até *A Cigarra*, revista quinzenal paulistana que, em **15** de março de **1918** (a. **4**, nº **87**), divulga o resultado do concurso de sonetos sobre o Anhangabaú, por ela instituído, no momento da canalização do rio. O certame exigira apenas o pseudônimo dos participantes. A comissão julgadora, formada por Vicente de Carvalho, Francisca Júlia e Venceslau de Queirós, declina o vencedor – Alma de Tântalo – e as menções honrosas atribuídas a “João Paulista, Don José, Márcio Couto, Avatar, Brutus, Dalvo Guimarães, Aldo-Brando, d’Albert e Timão de Atenas”. O veredito de Vicente de Carvalho, endossado pelos companheiros, destaca: “Nenhum deles me pareceu excelente, o que é natural, tratando-se de obras de encomenda sobre um tema pouco propício. Ainda que hesitante, voto, para o primeiro lugar, no de Alma de Tântalo, que é pena estar desfeiado pelo último terceto”. Em **16** de abril (a. **5**, nº **89**), *A Cigarra* declara terem ocorrido **52** poetas e revela os nomes dos premiados, com exceção de Brutus. Estampa o retrato do santista Rui Ribeiro Couto e o cheque de quinhentos mil-réis, merecido pelo primeiro lugar, assim como o soneto que aqui se transcreve com atualização ortográfica:

ANHANGABAÚ

Viste nascer São Paulo: uma aldeia singela,
sendo tu nada mais que um rio pequenino...
Viste desabrochar a primeira capela
e escutaste, uma tarde, o soluço de um sino...

Mas a aldeia cresceu e se tornou aquela
cidade-lenda, que em meus sonhos imagino,

de Álvares de Azevedo e Fagundes Varela...
Já não era São Paulo: era o Bairro Latino.

Rio bom! Quanta vez, poetas, cantarolantes,
iam ver-te, a pensar no futuro radioso
desta cidade, tão amiga de estudantes!

E hoje deves sofrer amarguras secretas,
rio bom! deslebrado e sepulto, saudoso
da imorredoura voz daqueles moços poetas!"

Os demais sonetos contemplados com menção honrosa, autores e pseudônimos, aparecem nos nº **91** e **95**, de **16** de maio e **12** de julho do mesmo **1918**; neste último está o de ^{MA}.

(V. http://www.arquivoestado.sp.gov.br/a_revistas.php)

[63] Soneto assinado: "Hamlet", recorte sem indicação de data ou periódico, originalmente guardado por ^{MA} entre as páginas de *Versos da Mocidade* de Vicente de Carvalho (Porto: Livraria Chardron, **1912**; Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP})

[64] Soneto assinado "Mario de Moraes Andrade", documento no álbum "Recortes III", organizado pela irmã de ^{MA}, Maria de Lourdes, sem indicação de periódico ou data (Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}).

[65] Soneto assinado "Mario de Moraes Andrade", publicado na revista mensal *O Echo* (a. **17**, nº **3**; São Paulo, setembro de **1918**); documento no álbum "Recortes III", organizado pela irmã de ^{MA}, Maria de Lourdes (Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}).

[66] Publicado com a indicação "(Inédito)" no *Correio Musical Brasileiro*, a. **1**, nº **3**. São Paulo, **1-15** de junho de **1921**, p. **8**.

[67] Recorte de jornal não identificado, sem data, apenso ao exemplar de trabalho de *Poesias*, **1941**, o que significa a retomada de um texto, com a informação sobre a redação em "**1921**" impressa junto ao poema. Assim sendo, a presente recuperação da poesia de ^{MA}, que se pautou pela

cronologia da publicação, viu-se obrigada a adotar e endossar a data da escritura. O mesmo critério valeu para o poema ASSUSTADO.

[68] Nota ^{MA}: “ou socavas como eu tinha escrito. Porém está bom assim”.

[69] Publicado com a informação: “Inédito”; documento no álbum “Recortes III”, organizado pela irmã do poeta, Maria de Lourdes; nota de ^{MA}: “*O Fanal* Jornalzinho de Sant’Ana, **29/x/922**” (Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}).

[70] Recorte de jornal não identificado, sem data, apenso ao exemplar de trabalho de *Poesias*, **1941**, o que significa a retomada de um texto, com informação sobre a redação em “**1922**”, impressa junto ao poema. Assim sendo, a presente recuperação da poesia de ^{MA}, que se pautou pela cronologia da publicação, viu-se obrigada a adotar e endossar a data da escritura. O mesmo critério valeu para o poema OBSESSÃO. ^{MA} inclui outra versão do poema em carta a Manuel Bandeira, em **6** de [junho] de **1922**:

POESIA

... ontem dançaram...

CASA DESPIDA

... o piano sobe a escada imóvelmente...

e as salas cruas

sem maquillage de tapetes

almofadas

bem-estar

Os quadros bailaram o shimmy

Retratos bêbedos agarrando-se às molduras...

O pó rola no chão exausto como um sátiro

BURGUESICE QUE ME INSULTA!

Agora:

o terra-a-terra sentimental do estar-a-gosto

o nu em família...

... no incógnito das salas enormes
vultos
balancé
maxixe
dó maior...

Comentam-se os sucessos:
comeram tudo
a pianista era infeliz
seu tal
sua tal
houve louças quebradas...

... tédio inabitável!"

E arremata a missiva: "Isto fará parte de livro que não terá nome. As poesias também não terão nome. Mais ou menos: cinestésias objetivadas".

[71] Poema publicado na seção "Note d'arte" em *La Paga*, nº 1, revista italiana de São Paulo (recorte sem data no álbum organizado pela irmã de MA, Maria de Lourdes; Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP). A referência aos ídolos do futebol aproxima o poema a DOMINGO, em *Pauliceia desvairada*, 1922. Os versos compõem, graficamente, o jogo, recurso encontrado, pelo modernista paulistano, nos *Calligrammes* de Apollinaire.

[72] Poema publicado em *Klaxon*: mensário de arte moderna, nº 4 (São Paulo, 15 de agosto de 1922, p. 7-8), sem dedicatória. Esta edição acata a versão rasurada por MA, talvez em 1923, no seu exemplar do nº 4 da revista, presente na encadernação que reúne a coleção desse periódico (Biblioteca Mário de Andrade, IEB-USP).

[73] Jean Bard, declamador que vivia na Suíça. Deu recitais no Brasil, em 1923.

[74] Poema em *Klaxon*: mensário de arte moderna, nº **8-9** (São Paulo, dezembro de **1922**-janeiro de **1923**, p. **13-15**). Esta edição acata as alterações operadas no poema, por MA, em seu exemplar de trabalho, na encadernação que, em sua biblioteca, reúne a coleção da revista (Biblioteca Mário de Andrade, IEB-USP).

[75] Verso acrescentado por MA em seu exemplar do periódico

[76] Rasura: acréscimo do artigo definido “as”.

[77] Na revista, o verso termina em ponto de exclamação, suprimido por MA em seu exemplar de trabalho do poema.

[78] Em *Klaxon*, há divisão: “Tenho a erudição das toalhas crespas de crochê, sobre/ o mármore das mesinhas e no recosto dos sofás!”; trecho recomposto por MA em seu exemplar.

[79] Rasura: correção do plural “voluptuosos” para o singular.

[80] Publicado em: *A Idea Ilustrada*, nº **16**; São Paulo, **1923** (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP, fotocópia de documento na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro)

* Poema publicado sob o pseudônimo Eugênio Luz em *Ariel*: revista de cultura musical (a. 1, nº 12. São Paulo, setembro de 1924, p. 431).

[81] Poema de MA, na *Revista do Brasil*, v. **28**, a. **10**, nº **109** (São Paulo, janeiro de **1925**, p. **15-25**), inserido em UMA CONFERÊNCIA: CONDESCENDÊNCIA PRA DIVERTIR OS SÓCIOS DO AUTOMÓVEL CLUBE. Neste texto, o humor desvenda a autoria do poema: “Mas em língua brasileira já um poeta maluco escreveu um fox-trot estilizado cujas imagens poderão interpretar os sentimentos dos músicos vivos que escrevem danças atuais artísticas” (Biblioteca Mário de Andrade, IEB-USP)

[82] Em *A Idea Ilustrada*. São Paulo, abril de **1925** (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[83] Publicado em O MÊS MODERNISTA, em **2** de janeiro de **1926**. Esta seção, criada por Viriato Correa no jornal carioca *A Noite*, reuniu, de **11** de dezembro de **1925** a **12** de janeiro de **1926**, além de entrevista de MA, colaborações dele, bem como de outros autores – Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Milliet, Manuel Bandeira, Martins de Almeida e Prudente de

Moraes, neto (V. caderneta MEZ MODERNISTA/ D'A Noite/ **1926**, organizada por MA; Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[84] Conservada a forma "Si", essencial para o trocadilho no poema.

[85] Publicado com o pseudônimo Pau-D'Alho, na revista do modernismo *Terra roxa e outras terras*. a.**1**, nº **4**. São Paulo, **3** de março de **1926**, p. **3**.

[86] Tristão de Athayde (**1893-1983**), pseudônimo de Alceu Amoroso Lima, crítico literário..

[87] Sérgio Milliet (**1898-1966**): um dos principais nomes do modernismo paulista; poeta e crítico.

[88] *Terra roxa e outras terras*, a.**1**, nº **5**. São Paulo, **27** de abril de **1926**, p. **5**.

[89] Poema assinado Marioswald, "do livro inédito *Oswaldário dos Andrades*"; *Verde*: revista mensal de arte e cultura, nº **4**. Cataguases, dezembro de **1927**, p. **9**.

[90] Publicado no *Diário Nacional*; São Paulo, **7** de abril de **1931** (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[91] Publicado na revista *Momento*: crítico-bibliográfico, a. **1**, nº **3**; Recife, março de **1934**, p. **2**. (V. no IEB-USP, na Biblioteca Mário de Andrade e na Coleção Carlos Alberto Passos).

[92] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP; possui versões com variantes, publicadas na *Revista Acadêmica*, nº **50** e **51**, em julho e setembro de **1940**. A versão no nº **50** é um texto espúrio, com **15** versos ausentes, conforme a nota que acompanha a correção, no número seguinte: "Por um lamentável engano tipográfico a poesia acima apareceu incompleta em nosso número anterior. Por esse motivo ela é agora publicada novamente". No confronto com o manuscrito, a versão recomposta apresenta variantes na pontuação. No conjunto preparado por MA para a *Revista Acadêmica* e na seleção oferecida a Oneyda Alvarenga há um poema homônimo (V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: **1**. POEMAS EM CONJUNTOS REUNIDOS POR MÁRIO DE ANDRADE).

[93] Yedda [Braga Miranda], irmã de Rubem Braga e mulher de Murilo Miranda, diretor da *Revista Acadêmica*.

[94] Na revista: “Dá-me! decide! dá-me o nhônhô que desceu nas asas do avião rouco,”.

[95] Publicado no nº **1** da revista *Sombra* (Rio de Janeiro, dezembro de **1940** - janeiro de **1941**, p. **60-63**); texto ilustrado com fotos de Nini Theilade do Balé Russo de Monte Carlo, por Jorge de Castro.

[96] Poema na *Revista Acadêmica*, nº **54**; Rio de Janeiro, maio de **1941** acompanhado de nota da redação: “Este rondó foi feito por ocasião da estadia de Portinari nos Estados Unidos, quando o nosso grande pintor apresentava a sua exposição individual no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, no momento mesmo em que, no Brasil, se realizava o Recenseamento de **1940**. Mandado para o pintor em Nova Iorque, só agora, com a volta de Portinari, obtivemos esse rondó, que aqui publicamos”.

[97] Poema ao final do artigo LORCA, POBRE DE NÓS!, publicado por MA em *Leitura* (a. **2**, nº **15**, Rio de Janeiro, fevereiro de **1944**). No manuscrito *Tradução poética* está a primeira versão conhecida do poema (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP):

Lorca! Sombra de Lorca!

Espectro de Lorca!

Vós todos, sacrificados da Inteligência!

Espectros de crimes! fantasmas da opressão!

Descei para estes céus demasiadamente agradáveis

Ocultai a gostosura entorpecente da nossa Via-Láctea!

Lorca! sombra de Lorca!

Esconde no teu cadáver espadaçado a glória fácil do Cruzeiro!

Fica no seu lugar!

[98] Versão na revista paulistana *Ilustração*, nº **30**, em **30** de março de **1944** (com gravura de Manuel Martins), e no jornal carioca *Diretrizes*, em **20** de abril de **1944**, p. **17**, onde se lê: “A revista *Ilustração*, de São Paulo, publicou no seu último número um poema de Mário de Andrade, A TAL, que transcrevemos, a seguir, com a devida vênia. Trata-se de uma poesia realmente notável, que merece a mais ampla divulgação. A TAL, por quem o

poeta de *Pauliceia desvairada* clama, outra não é que a segunda frente. Não será preciso discutir, pois, a oportunidade, o sentido político desses versos de Mário de Andrade. Poesias como esta deviam ser decoradas pelo povo”. A correção, pelo autor, a tinta preta, “alívio” para “alivie”, ocorre na p. **17**, arrancada de *Diretrizes* (exemplar de trabalho), coincidindo com a versão original em datiloscrito (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[99] Poema-carta aos amigos em Piraçununga, escrito em São Paulo, **6** de abril de **1918**; assinado: “Mario de Moraes Andrade” (fotocópia doada pelo Desembargador Aloysio Álvares Cruz; Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[100] Poema na carta de MA a Anita Malfatti; São Paulo, **22** de dezembro de **1921** (V. BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. **52**; documento no Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP).

[101] Em **30** [de dezembro de **1922**], MA envia a Manuel Bandeira esta versão do poema XLIII de *Losango cáqui* (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **79-80**).

[102] Versão do poema XVII de *Losango cáqui* dada a Manuel Bandeira em carta de **5** [de agosto de **1923**] (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **99-100**).

[103] Poema enviado a Anita Malfatti na carta de 3 de janeiro de **1924**, autógrafo a tinta preta em folha de papel branco pautado, filigranado, tendo no verso o poema NOTURNO N° 4 (V. BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. **72**; Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP).

[104] Poema enviado a Anita Malfatti na carta de **3** de janeiro de **1924**, autógrafo a tinta preta em folha de papel branco pautado, filigranado, tendo no anverso o poema NOTURNO N°3 (V. BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. **72-73**; Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP).

[105] Esta edição de *Poesias completas* acata a última versão do poema, anexada à carta de MA a Manuel Bandeira, escrita antes de **14** de janeiro de **1925**, pelo que se infere da resposta deste destinatário, na data citada (Fundo Manuel Bandeira, Fundação Casa de Rui Barbosa). MA comunica: “Aí vai esse poema escrito faz um ano. Com intermitências, francamente, levei um ano corrigindo. Era quase que duas vezes maior. Reduzindo, reduzindo,

ficou nisto. Por último, abrisse o meu. Me parece que valeu a pena. Tem alguma coisa nele. Os preocupados com escolas dirão que é romântico. O meu ESPOIR EN DIEU. Os ‘eternamente alegres’ refugarão... Que bem me importa. Me dê a sua opinião. Essa me interessa.” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., **178, 687-689**). O poema, logo ao final da primeira versão, foi postado para Anita Malfatti em **3** de janeiro de **1924** (V. BATISTA, Marta Rossetti (Org.). Op. cit., p. **67-72**; Arquivo Anita Malfatti, IEB-USP). As notas de rodapé registram as variantes, sem se ocupar de alterações na pontuação.

[106] “**23** horas no relógio do Correio”, na versão na carta a Anita Malfatti.

[107] “Que importa?”, na versão remetida a Anita Malfatti.

[108] Na versão enviada a Malfatti: “arreada”.

[109] Na versão na carta à pintora: “para o que”.

[110] No poema enviado a Anita: “aos braços”.

[111] Na versão na carta a Anita: “apenas”.

[112] Na versão dada a Anita Malfatti: este verso é seguido de “Só vejo o que a luz me desvenda.”.

[113] Na carta a Anita Malfatti, o verso termina com “(bis)”.

[114] Na versão encaminhada a Anita Malfatti: “Assustados, agrupados como urus durante o raio...”.

[115] Na versão remetida à pintora: “Pauliceia tornou-se indiferente para mim.”.

[116] “Os meus amigos de Paris”, na versão dada a Anita.

[117] Verso com variante na versão remetida a Anita Malfatti, precedido de: “Não houve minoridade para mim.../ Não tive um José Bonifácio em minha vida.../ Sou rei, TODO ENFEITADO DE JOIAS COLOSSAIS!”.

[118] Na carta a Anita Malfatti o verso é: “A barulheira entra em meu quarto de repente.”.

[119] “Arrebento em prantos convulsos.”, na carta a Anita Malfatti.

[120] Na versão remetida a Anita Malfatti, verso com variante, precedido de: “Lágrimas? Minhas lágrimas, quanto tempo!/ Eu vos acreditava nalgum cemitério da Rússia,/ Voluntárias da Guerra.../ Não há tréguas!”

[121] “Beijos, alegrias, gargalhadas fuzilando no ar.”, na carta a Anita Malfatti.

[122] Entre este verso e o anterior há **6** versos na versão enviada à amiga: “Vaías, apitos, mais apitos.../ São Miguel chama os anjos-da-guarda./ De todas as esquinas os polícias angélicos/ Com grandes espadas de fogo para mim./ Oh, não! Senhor, eu sou teu filho!/ Não me prendas assim!”

[123] “Eu só mastigo estes derradeiros soluços...”, na versão remetida a Anita Malfatti.

[124] Na carta a Anita: “Liberta-me de ti! Liberta-me de ti!”.

[125] Na carta a Anita Malfatti, verso precedido de: “(Aqui enxuguei o rosto)/ Já estou calmo outra vez./ Os anjos não quiseram entrar na minha vida./ Sinto-me tão livre! Sinto-me tão leve!/ Estou *voluntariamente* pensando em meu Senhor./ Janeiro/ **1**/ Terça-Feira/ Quase vaidoso de mim./ Foi ano rico, muito humano./ Heranças, tantas heranças de crimes./ Sorte grande de redentoras ações.”.

[126] “Sou como os outros homens desta Terra”, na carta a Anita Malfatti.

[127] Na versão enviada a Anita Malfatti, este verso e o anterior são: “Senhor, se odiamos também sabemos amar./ Nós pecamos sem que nenhum se esqueça de se arrepender.”.

[128] Na versão enviada à amiga pintora, este e os **3** versos anteriores apresentam variantes: “Senhor, **1924** começou./ Nada te peço./ És Pai, deves saber melhor o que preciso./ Mas não deixes de pôr nas tuas dádivas”.

[129] Na versão remetida a Anita, este verso e o anterior são: “Eu quisera ter a energia do cubismo/ E sua humildade também!”.

[130] Verso com variante na carta a Anita Malfatti, precedido de: “Não te esqueças de me fazer bom como Anita Malfatti,/ Confiante como o Osvaldo!/ Mas que eu nunca me baste a mim mesmo, Senhor!”.

[131] Na carta a Anita está: “Assustam-me as solidões orgulhosas!”.

[132] Acatada a forma “pra”, neste, no verso seguinte e no último da estrofe, aderindo à versão enviada por ^{MA} a Manuel Bandeira; na versão na carta a Anita Malfatti, lê-se “para”.

[133] Na versão dada a Anita Malfatti: “Quero muito pedir para penetrar o segredo da esmola!”

[134] Na carta a Malfatti: “Mas é possível que os meus pedidos estejam todos errados,/ Pois só Tu sabes o que falta para mim...”.

[135] Na versão enviada a Anita, este verso e o anterior são: “Porque a minha alma te pertence unicamente,/ Tu não me podes dar a tua unicamente para mim!”.

[136] O confronto da última versão apresentada a Bandeira, com a versão remetida a Anita Malfatti mostra a supressão dos versos: “Tudo o que me dás, eu já te dei./ Tua Cruz, minha cruz;/ Tua Caridade e meu amor.../ O teu Perdão, Senhor?/ Mas quando eu me considero por dentro e por fora/ Vejo que também muita coisa tenho para te perdoar./ Não me amedronta esta blasfêmia./ É uma blasfêmia de criança./ Somos tão camaradas!/ Posso me permitir esta brincadeira contigo.// Senhor, não rio mais, não brinco mais.

[137] Na versão enviada a Anita Malfatti, não há o destaque em maiúsculas.

[138] Na carta a Malfatti: “Ódio, volúpias/ E blasfêmias,/ Desesperos...”.

[139] “Não é preciso que os enumere mais.”, na carta à amiga pintora.

[140] Verso com variante na versão enviada a Anita Malfatti, precedido de: “E todos os homens da Terra estão fazendo como eu!/ Que Pai feliz!/ Deste-nos parte de tua Riqueza,/ Conservando-te sempre integral;/ Nós te damos tudo aquilo que somos,/ E nada fica para nós.// Senhor, **1924** começou.”

[141] “Alguns sinos ondulantes já se infiltram”, na carta a Anita Malfatti.

[142] Na carta a Anita Malfatti: “Vós tereis o bronze... Vós tereis a minha lembrança...”.

[143] “Minhas ideias se cansam...”, na versão remetida a Anita Malfatti.

[144] Verso acrescentado na versão encaminhada a Manuel Bandeira.

[145] “Queria beber qualquer coisa...”, na carta a Anita Malfatti.

[146] Verso acrescentado à versão enviada a Bandeira.

[147] Na versão na carta a Anita Malfatti: “Esquecia-me... Senhor, o pão nosso de cada dia nos dai hoje!...”.

[148] Trecho de poema transcrito por Manuel Bandeira na carta enviada a MA, [antes de **10** de outubro de **1924**]. A resposta do autor, em **19** de novembro [de **1924**], convalida o título (v. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p.

134, 149). Fez parte – assim como MODA DOS QUATRO RAPAZES, MODA DO BRIGADEIRO, ACALANTO DA PENSÃO AZUL, SONETO DO HOMEM MORTO e outro rondó do qual restou apenas a quadra: “Quem está na pindaíba/ Fica em Pindamonhangaba/ Não vai ao Rio de Janeiro/ Assistir ao Carnaval.” – do conjunto de poemas escritos em Campos do Jordão.

[149] Quadra remanescente de poema referido por ^{MA} apenas como “primeiro rondó”, o qual figurou, assim como o RONDÓ DAS COISAS INCRÍVEIS, no grupo resultante de viagem a Campos do Jordão, em **1924**. Encontra-se na carta de **19** de novembro [de **1924**], a Manuel Bandeira, onde se lê: “Bom dia. Revi agora os POEMAS DE CAMPOS DO JORDÃO. Aqui as lembranças maiores tuas foram aceitas todas, menos a maiorzona. Aconselhas-me a tirar um dos melhores poemas do grupo. Não tirei. De *gustibus...* meu caro. No RONDÓ DAS COISAS INCRÍVEIS foste luminoso. Agora ficou estupendo de síntese. Ah!... também não tirei a quadra do primeiro rondó.” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **149**). Do grupo, constituído por MODA DOS QUATRO RAPAZES, MODA DO BRIGADEIRO, ACALANTO DA PENSÃO AZUL e SONETO DO HOMEM MORTO, apenas os três primeiros saíram em *Clã do jabuti*, livro de **1927**. Antes, ACALANTO DA PENSÃO AZUL aparece como RONDÓ DA PENSÃO AZUL, em *Letras Novas*, a. **1**, nº **4-5**; Natal, outubro-novembro de **1925**, acompanhado da nota: “Pensão para tuberculosos nos Campos do Jordão”; MODA DO BRIGADEIRO, como RONDÓ DO BRIGADEIRO, mostra-se no nº **2** de *Verde*, revista de Cataguases, em outubro de **1927**. Quanto ao SONETO DO HOMEM MORTO, ^{MA} o incluiu em *Poesias*, **1941**, e a presente edição de *Poesias completas* o acrescentou em *Clã do jabuti*.

[150] Em **18** de outubro de **1925**, escrevendo a Manuel Bandeira, ^{MA} envia este poema do então chamado “CICLO DA MARIA”, vinculando-o a DEZ QUADRINHAS de sua autoria (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **249-250**).

[151] Poema na carta de **20** de outubro de **1925** a Paulo Prado (Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}).

[152] Documento em fac-símile na edição de Aracy Amaral da *Correspondência Mário de Andrade e Tarsila do Amaral* (São Paulo, Edusp/ ^{IEB}, **2001**, p. **47**).

[153] Este poema e a respectiva gênese estão na carta de MA a Manuel Bandeira, datada de **21** de fevereiro de **1926**: “Hoje às três da manhã fiz um poeminha que está longe de ser excelente porém que possui uma calma tão gostosa, é tão silencioso que mando pra você. [...] As meninas muito sábadas são recordação dum domingo antigo. Mudei domingos pra sábadas porque ficava ‘domingas galinhas’. Além disso domingos parece nome próprio” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **276**).

[154] Em carta de 1º de agosto de **1926**, comentando poemas de Drummond, MA cita estes versos seus: “Estou me lembrando dum poema já antigo meu que talvez saia no *Clã do jabuti* e em que mais ou menos a mesma ideia vem” (V. ANDRADE, Carlos Drummond de. Op. cit., p. **234**).

[155] Poema escrito para Dulce do Amaral Pinto, filha de Tarsila, apelidada Dolur (V. AMARAL, Aracy (Org.). Op. cit., p. **129**). Em **13** de maio de **1927**, MA está com D. Olívia Guedes Penteado, Margarida Guedes Nogueira e Dolur, em sua viagem de turista aprendiz à Amazônia (V. ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Ed. cit., p. **55**).

[156] Poema na carta de **11** de maio de **1929**, a Manuel Bandeira. Remodelado sai sob o título MOMENTO (**1929**) em “A costela do Grã Cão” em *Poesias*, **1941** (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **418**).

[157] Poema na carta a Yolanda Jordão Breves, datada de **7** de setembro de **1941**; publicada no *Jornal do Brasil*; Rio de Janeiro, **24** de novembro de **1983** (Coleção Carlos Alberto Passos, IEB-USP).

[158] Esta estância e a anterior estão presentes em DEZ QUADRINHAS, com alterações na pontuação (V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: I. POEMAS EM CONJUNTOS REUNIDOS POR MÁRIO DE ANDRADE).

[159] Na folha de anterosto do livro de Almeida Garrett – *Frei Luís de Sousa/ Um auto de Gil Vicente* (Porto: Livraria Chardron, s.d., Coleção Lusitânia) – encontra-se a primeira versão do poema ARTISTA, usado por MA como exemplo de soneto no PREFÁCIO INTERESSANTÍSSIMO de *Pauliceia desvairada*; está sem esse título e sem a divisão dos quartetos.

[160] Rasura: hesitação: “um barbante e cola/ que o meu sangue cola”.

[161] Autógrafo a grafite no verso da capa da partitura para piano *Poèmes virgiliens: les abeilles* de Th. Dubois (Rio de Janeiro: Arthur Napoleão, s.d.). Os versos de Virgílio que inspiraram Mário de Andrade estão transcritos e traduzidos na edição: “Illae continuo saltus silvasque peragrant/ Purpureosque metunt flores, et flumina libant/ Summa leves”; “Les abeilles parcourent les bocages et les buissons/ butinent sur les fleurs pourprées et rasant, légères,/ la surface des eaux”.

[162] Esboço a grafite na folha de falso-rosto de *Versos da Mocidade* de Vicente de Carvalho (Porto: Livraria Chardron, **1912**).

[163] A primeira versão do poema mostra-se na marginália de ^{MA}; é o esboço a grafite, nas p. **162-163** do romance de Heinrich Mann, *Die Armen* (Leipzig: Kurt Wolff Verlag, **1917**). Na carta **31** de maio [de **1925**], a Manuel Bandeira, está o relato da gênese do poema: “Dia **13** de maio, no bonde, escrevi este poema num livro de Heinrich Mann que estava lendo. Veio de repente por causa de duas meninas que passaram enquanto eu estava esperando o bonde. Não é engraçado? Não foi **13** de maio não, foi num feriado de abril, creio que **21**, eu ia no concerto da Sinfônica, me lembro muito bem.” (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **213**). Bandeira, em sua edição das cartas (Rio de Janeiro: Simões, **1958**, p. **81**), identifica o texto, no rodapé: “SAMBINHA”. O ano de **1925** é deduzido da menção de ^{MA} a sua máquina de escrever, a Remington Manuela, cuja compra é mencionada em outra carta ao poeta de *Carnaval*, datada de **18** de abril de **1925**.

[164] Poema em autógrafo a grafite nas margens do artigo de André Suares, *MUSIQUE & POÉSIE*, em *La Revue Musicale* (a. **6**, nº **1**. Paris, **1** de novembro de **1924**, p. **1**).

[165] Esboço em autógrafo a grafite no manuscrito d’*A gramatiquinha da fala brasileira* (Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}).

[166] Esboço de poema junto de anotações várias, tendo como suporte a folha da letra “S” de caderneta de endereços; autógrafo a grafite, riscado a lápis azul que, no código de cores de ^{MA}, significa matéria excluída; fólio no manuscrito d’*A gramatiquinha da fala brasileira* (Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}).

[167] Poema-dedicatória a Joaquim Álvares Cruz, assinado “Mario”, no exemplar de *Poesias* de Raimundo Corrêa (3ª ed., Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, **1910**), doado pelo Desembargador Aloysio Álvares Cruz ao IEB-USP.

[168] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

[169] Folhas remanescentes do manuscrito de *Losango cáqui* mostrando, no topo, versão dos dois últimos versos do poema XL, conforme o livro de **1926**: “Não devia dizer ‘meu coração estala’.../ Esta preocupação dum sentimento que passou!...”. Esta versão guarda – nos números “XLI”, “I” e “L”, ao lado do título “vii” –, possibilidades na ordenação dos textos no volume.

[170] No manuscrito: “Auf wieder zehen!...”

[171] Poema em folhas remanescentes do manuscrito de *Losango cáqui*, Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

[172] Em *O Fanal*, MA publica NOÇÃO DE PÁTRIA E CANÇÃO DE SOLDADO; artigo e poema que conservou como recortes, anotando, na margem do primeiro: “Aparecido em *O Fanal* jornaleco militar que se publica em Sant’Ana. 7 de setembro de **1922**”, e, na do segundo: “*O Fanal* Jornalzinho de Sant’Ana, **29/x/922**” (V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 2. POEMAS PUBLICADOS POR MÁRIO DE ANDRADE EM JORNAIS E REVISTAS).

[173] Nota MA: “Nota (para o fim do volume): Para que não me acusem de plágio, sou obrigado a confessar que este poema é a cópia exata do sumário da revista parisiense: *Bulletin de la Vie Artistique*, 2º ano, nº **13**”.

Nota da edição: Texto em folhas remanescentes do manuscrito de *Losango cáqui* (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP). O poeta apropria-se do sumário do *Bulletin de la Vie Artistique* (a. **2**, nº **13**; Paris, 1º de julho de **1921**), número ausente de sua biblioteca. Poema referido por MA em carta de **29** [de novembro de **1925**], a Prudente de Moraes, neto: “Eu, duma feita fiz um lindinho poema dadaísta PARLONS PEINTURE copiando na íntegra o sumário dum número do *Bulletin de la Vie Artistique* que não sei quem me mandou de Paris. Procuro agora a contraprova que guardei porém só encontro um pedaço. Respeitei tudo, até a pontuação. Veja se não é gostoso mesmo de ironia, e de sequência lógica na simultaneidade. [...] Repare quanta

sequência lógica sobretudo a ironia magistral da sequência **5º**, **6º** e **7º** versos. Todo o final então é uma joia pura de fineza e de ironia. Considero esse poema uma invenção.” (v. KOIFMAN, Georgina (Org.). *Cartas de Mário de Andrade a Prudente de Moraes, neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, **1985**, p. **156**).

[174] Versão em datiloscrito no Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP. Mostra variantes no confronto com a versão enviada por ^{MA} a Tarsila do Amaral na carta de **20** de maio [de **1923**]: “Querida amiga [...] Escreve-me alguma coisa. Conta-me de ti. Teus projetos, anseios, vitórias. Sabes perfeitamente quanto me interessa qualquer coisa que te diga respeito. Sei que trabalhas muito. Que fazes. Manda-me um desenho teu. Queres? Será uma correspondência originalíssima. Tu com desenhos, eu com poemas. Para começar, mando-te esta impressão do *Tédio da alvorada* do Villa-Lobos”.

[175] Na versão enviada à pintora: “A primeira voz da mata goteja das franças, úmida de orvalho”.

[176] Na versão remetida a Tarsila: “Tudo acorda e se queda num bafo lânguido de sumo e de suor”.

[177] Este verso e o **18** aparecem sem reticências e em caixa alta, na versão oferecida a Tarsila.

[178] Na versão para Tarsila: “O mesmo ribeirão nacionalista, com o sombrio das águas fundas...”

[179] Na carta à pintora está: “De tarde o pormenor romântico dum veado... / O Dia mais uma vez!”.

[180] “Seus cabelos duros de noite”, na versão remetida a Tarsila do Amaral.

[181] Na carta à pintora: “descobrimo-lhe o corpo”.

[182] Manuscrito, letra e música (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

Guilherme de Almeida publica O HINO DOS HOMINHOS no Suplemento literário de *O Estado de S. Paulo* (a. **4**, nº **171**. São Paulo, **27** de fevereiro de **1960**; Biblioteca IEB-USP). O hino surge certamente dos festivos encontros do grupo modernista paulistano, entre **1923** e **1927**. Em carta de **23** de novembro [de **1925**], Manuel Bandeira afirma: “Recebi e gozei o ‘hino dos gambás’.” (v. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **256**). Ainda em **1925**, nos caminhos do nacionalismo, ^{MA} escreve *Clã do jabuti*, título que afirma a

resistência do brasileiro, apropriando-se do significado desse animal nos contos indígenas recolhidos por Couto de Magalhães, em *O selvagem*. O hino desenvolve a oposição gambá/ manacá, palavra esta que, na gíria da época equivalia a mulher bela, perfumada. No diário da viagem de ^{MA} Turista Aprendiz, em **1927**, a mecenas Dona Olívia Guedes Penteado é apelidada Manacá.

[183] Manuscrito: letra e música (Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}).

[184] Na lembrança do sobrinho de Mário de Andrade, Carlos Augusto de Andrade Camargo, existe mais esta quadra, seguida do refrão: “Eu tenho n’arma/ Uma ferida/ Bem querida/ Que afiná/ Quem me deixô/ Foi a Maroca/ Do Cruzá/ Essa ferida/ Inda dói/ Como chifrada/ Da boiada/ Na invernada/ Quando a gente/ Vai de tarde/ Passeá!”

[185] Poema de ^{MA} musicado por Marcelo Tupinambá, para canto e piano; nº **2** na **2ª** série das *Canções brasileiras*. Em **29** de janeiro de **1926**, ^{MA} escreve: “Autorizo o sr. Campassi a imprimir a CANÇÃO MARINHA de Marcello Tupinambá, com os versos de minha autoria que a acompanham.” (Fundo Marcelo Tupinambá, ^{IEB-USP}). ^{MA} utiliza versos da CANÇÃO MARINHA na redação de PRAIEIRA, excluindo a segunda estrofe e invertendo a primeira e a terceira (V. POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 1. POEMAS EM CONJUNTOS REUNIDOS POR MÁRIO DE ANDRADE).

[186] Poema no manuscrito *O Turista Aprendiz* (V. ANDRADE, Mário de. *O Turista Aprendiz*. Ed. cit, p. **185-186**). Escrevendo a Manuel Bandeira, em **27** de novembro de **1927**, ^{MA} conta a gênese do poema e oferece outra versão. (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **367**).

[187] Na versão apresentada a Manuel Bandeira: “Que luz que alegria que monotonia”.

[188] Na carta a Bandeira, este verso e o anterior são: “Só cada grelada de cada pequena/ De tipo mexido ianque-brasileiro”.

[189] Quadrinha no manuscrito de *O Turista Aprendiz*. (Ed. cit., p. **187**).

[190] Poema escrito para Stella Gris Ferreira, mulher de Ascenso Ferreira; publicação póstuma em **8** de março de **1996**, no jornal paulistano *O Estado de S. Paulo* (V. Coleção Carlos Alberto Passos, ^{IEB-USP}).

[191] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade.

[192] Os aviadores empenhados na Revolução Constitucionalista José Ângelo Gomes Ribeiro e Mário Machado Bittencourt perecem, em **24** de setembro de **1932**, na tentativa de bombardear Santos.

[193] Texto na caderneta POEMAS, no manuscrito de *Lira paulistana* (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[194] No manuscrito, hesitação sobreposta: “Tua aspiração”.

[195] Manuscrito (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[196] Manuscrito no dossiê *Cantos de guerra* (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[197] Manuscrito no dossiê *Cantos de guerra* (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP). No confronto com a última versão de *O carro da Miséria*, mostra-se, com exceção de AMARGURA, como uma primeira versão conhecida de partes em que o poema se divide, aqui identificadas.

[198] A primeira versão conhecida de AMARGURA é o poema MONÓLOGO, na carta de MA a Manuel Bandeira, em **27** de dezembro de **1929** (V. MORAES, Marcos Antonio de (Org.). Op. cit., p. **436**). No manuscrito de *O carro da Miséria*, corresponde à parte IX. Na versão endereçada a Bandeira, além de variantes na pontuação, os quatro últimos versos são: “Crise, mulheres, cinema/ E a p... que te pariu./ Não insista mais, ouviu?/ Sou desgraçado. Não fumo.”.

[199] No manuscrito: “gaiganta”.

[200] No manuscrito de *O carro da Miséria*, corresponde à parte XIV.

[201] Manuscrito no dossiê *Cantos de guerra* (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[202] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP. Publicação póstuma como UM POEMA INÉDITO DE MÁRIO DE ANDRADE/ NOVA CANÇÃO DE DIXIE (*Correio Paulistano*. São Paulo, **24** de fevereiro de **1946**).

[203] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

[204] Texto na caderneta POEMAS, no manuscrito de *Lira paulistana* (Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP).

[205] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade, IEB-USP.

[206] Entre **22** e **24** de fevereiro, MA planeja e escreve os primeiros versos deste seu possível oratório profano; no dia seguinte, morre.

[207] Rasura: hesitação: “Das consolações quentes do gozo”.

[208]^{MA} refere-se a seu poema A MEDITAÇÃO SOBRE O TIETÊ, concluído em **12** de fevereiro, **1945**.

[209] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}. ^{MA} recriou, em francês, poemas seus. Sua tradução de NOTURNO e PAISAGEM Nº4, de *Pauliceia desvairada*; de SÃO PEDRO, publicado na revista *Klaxon*, assim como MOMENTO, que saiu em *A Ideia ilustrada*, foram difundidos em “TERRITÓRIO DA TRADUÇÃO”, número especial de *Remate de Males: revista do Departamento de Teoria Literária da Unicamp* (nº **4**; Campinas, dez. **1984**, p. **17-18**), com notas de Iumma M. Simon, Alexandre Eulálio e Charlotte Galves, esta responsável pela revisão, à qual a presente edição de *Poesias completas* recorreu.

[210] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}. Publicado no número especial “TERRITÓRIO DA TRADUÇÃO”; loc. cit., p. **19-209**).

[211] No manuscrito está: “rodent” (v. **1, 13**); a edição adota a forma rôndent (verbo rôder), seguindo a revisão do francês por Charlotte Galves, em “TERRITÓRIO DA TRADUÇÃO”

[212] Rasura: hesitação: “plantations / caféiers”.

[213] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}. ^{MA} traduz seu poema MOMENTO, publicado em *A Ideia Ilustrada* (nº **16**; São Paulo, **1923**), retomado em POESIAS INÉDITAS E ESPARSAS: 2. POEMAS PUBLICADOS POR MÁRIO DE ANDRADE EM JORNAIS E REVISTAS, na presente edição de *Poesias completas*. A tradução de ^{MA} está no número especial “TERRITÓRIO DA TRADUÇÃO”; loc. cit., p. **20-21**.

[214] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}. Tradução de SÃO PEDRO (*Klaxon*, nº **4, 15** de agosto de **1922**). Publicado no número especial “TERRITÓRIO DA TRADUÇÃO”; loc. cit., p. **21-22**.

[215] No original: “[...] des nègres/ des mulatres/ des indiens” (v. **28-30**); a presente edição adota a revisão do francês por Charlotte Galves, em “TERRITÓRIO DA TRADUÇÃO”.

[216] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}.

[217] Manuscrito; provável primeira versão da tradução publicada como PAYSAGE/ (SÃO PAULO), acompanhada da nota: “Traduit du portugais par Serge Milliet”, em *Lumière* (Antuérpia, **15** de agosto de **1922**), páginas conservadas por ^{MA} (Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}). Poema incluído em DE

GROEP *Klaxon* em *Het Overzicht*, nº **20** (Amsterdam, janeiro de **1924**, p. **130-132**), matéria que apresenta, também, de ^{MA}, NATURE; LES DISCOBOLES, EPIGRAMME e SIESTE de Guilherme de Almeida; PAIX UNIVERSELLE de Tácito de Almeida e BOITE A SOUVENIRS (com dedicatória a Oswald de Andrade) de Sérgio Milliet. A presente edição de *Poesias completas* toma como texto base a versão na revista holandesa.

[218] No manuscrito e na revista *Lumière*, o verso termina em reticências.

[219] No manuscrito e em *Lumière*, este verso é dividido: “dialogue une complainte / avec le vent...”

[220] Rasura: “allégresse” é substituída por “joie”, no manuscrito. Em **1922**, na revista *Lumière* e, em **1924**, em *Het Overzicht* ^{MA} retoma o substantivo “allégresse”.

[221] Manuscrito no Arquivo Mário de Andrade, ^{IEB-USP}

[222] Poema publicado na matéria DE GROEP *klaxon* em *Het Overzicht*, nº **20** (Amsterdam, janeiro de **1924**, p. **131**), onde estão também PAYSAGE de ^{MA}; LES DISCOBOLES, EPIGRAMME e SIESTE de Guilherme de Almeida; PAIX UNIVERSELLE de Tácito de Almeida e BOITE A SOUVENIRS de Sérgio Milliet.

[223] Nota ^{MA}: “Grand arbre des forêts brésiliennes”.

[224] Tradução de Mário de Andrade em *Poesias* do chileno Arturo Torres-Rioseco (Rio de Janeiro/ Porto Alegre/ São Paulo: Livraria do Globo, **1945**, p. **47-48**); tradução de Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça, Aurélio Buarque de Hollanda, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Marques Rebelo, Murilo Mendes, Oswald de Andrade, Vinícius de Moraes. Introdução de Gabriela Mistral.

[225] Tradução de Mário de Andrade em *Poesias* do chileno Arturo Torres-Rioseco (Ed. cit., p. **49-50**).

[226] Tradução de Mário de Andrade em *Poesias* do chileno Arturo Torres-Rioseco (Ed. cit., p. **51-52**).

[227] Tradução de Mário de Andrade em *Poesias* do chileno Arturo Torres-Rioseco (Ed. cit., p. **53-54**).



*Estes meus versos sem valor sem brilho
São meus versos enfim, nada me acalma
Mais do que lê-los no viver que trilho
São o reflexo ardente de minha alma
Estes meus versos sem valor sem brilho
São pálidos, embora... eu os adoro
São maus, mas são um bálsamo um conforto
Quando neles transponho a dor que choram!
Um pedaço da vida que eu transporto
São pálidos, embora... eu os adoro
Deixe oh mundo que eu ria e sonhe em verso
As ilusões que a vida não suporta
E enquanto eu percorrer-te o teu trilho adverso
São eles maus, não pálidos que importa!
Deixe oh mundo que eu ria e sonhe em versos
Os sonhos dourado que eu tracei na terra
Foram-se uns após outros pouco a pouco sem cessar.*